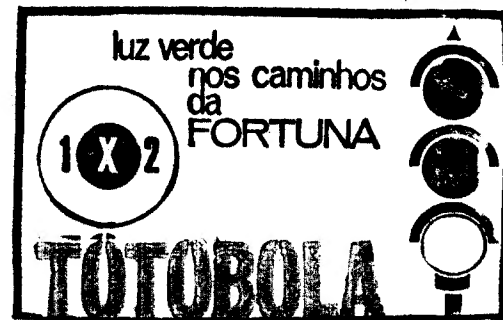


ESTE CABEÇALHO PODE VALER LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
QUINTA-FEIRA, 8 DE ABRIL DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 347 ANO 51.º PREÇO 1\$50



As crianças estão sempre presentes nas idas e vindas da Páscoa: aqui vai uma para férias, sobre-
-cargada, a «fugir» de Lisboa, a caminho da província...

POR CAUSA DA PÁSCOA...

LISBOA SAI DE COMBOIO E DEIXA ENTRAR OS TURISTAS

Lisboa é uma cidade de gente vinda de todos os pontos do País. Gente que veio, gente que tra-

balha cá — e que de cá se vai por ocasião das festas. Pela Páscoa por exemplo.

Quem não acreditar em semelhante juízo, tire-se de canseiras e vá até às estações: Santa Apolónia, Sul-Sueste, Rossio (Rossio, pois, onde partem comboios para Coimbra,

Pampilhosa, Figueira da Foz). Quem aí se puser como observador, logo verificará quantas pessoas embarcam para terras distantes de Lisboa...

Esta manhã, manhã de nu-

vens a promover Páscoa chuvosa, a estação de Santa Apolónia, regurgitava de famílias a caminho do Norte.

Vinham quase vazios os comboios que chegavam, mas

partiam repletos os que deixavam os cais daquela estação. A objectiva do fotógrafo reteve o ambiente e as figu-

(Continua na 8.ª página)

AFIRMA UM SENADOR AMERICANO

MARCADA JÁ A DATA DA RETIRADA TOTAL DO VIETNAM DO SUL

WASHINGTON, 8 — (R.) — Elementos destacados do Senado disseram hoje aos jornalistas estar convencidos de que o presidente já determinou a data da retirada total do Vietnam, embora não a tenha anunciado no seu discurso ontem à noite.

O senador Robert Byrd, subchefe da maioria democrática no Senado, depois de assistir a uma reunião de esclarecimento na Casa Branca, disse aos jornalistas: «Penso que ele tem em mente uma data definida».

Byrd acrescentou que a avaliar pelo teor do discurso transmitido pela Televisão e pelos esclarecimentos que o presidente deu pessoalmente aos principais congressistas, «parece-me que não ficarão no Vietnam quaisquer tropas americanas».

O chefe republicano no Senado, Hugh Scott, disse em referência aos planos de retirada do presidente: «Eu sei que ele tem um programa com datas. Por razões óbvias ele não pode revelar o seu programa ao inimigo, mas o mais importante é estarmos a abandonar a guerra. Estamos a fazer regressar os nossos rapazes e já conseguimos reduzir as baixas americanas de forma significativa».

A declaração mais explícita

ta dos objectivos do presidente foi feita por Robert Griffin, subchefe republicano no Senado, que afirmou: «Para todos os efeitos práticos ele marcou um prazo limite para por fim à participação americana na guerra: O dia das eleições em 1972».

Apesar destas declarações tranquilizadoras, as «pombas» do Congresso manifestaram o seu desapontamento e anunciaram que vão insistir para que o presidente annu-

cie publicamente a sua intenção de retirar todas as tropas.

Os senadores Edmund Muskie e Edward Kennedy declararam-se profundamente desapontados com o discurso e George McGovern foi mais longe dizendo: O presidente devia ter retirado as tropas americanas há dois anos. É imperativo que não se deixe passar mais um ano sem retirar todos os americanos da Indochina».



MAX JAKOBSON, embaixador da Finlândia nas Nações Unidas desde 1965, é apontado quase universalmente como o próximo secretário-geral da organização depois da saída de U Thant. Jakobson publicou três livros sobre política e diplomacia, tendo sido jornalista antes de entrar na carreira diplomática.

HOJE 32 PAGES.—VISADO PELA CENSURA



VANTAGENS, SO VANTAGENS

Parece-nos não ser demasiado frisar uma vez mais: o leitor participante na nossa iniciativa apenas terá de remeter, devidamente preenchido, o cupão-duplo que começámos a publicar desde que o não tenha feito durante a realização da primeira fase da iniciativa

(Continua na pág. seguinte)



(Continuação da pág. anterior)

com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do «Diário de Lisboa». Se assim aconteceu, está automaticamente habilitado aos prémios instituídos para o segundo sorteio e que fazem parte da lista que também já temos inserido. Se não ti-

ver participado na primeira fase da iniciativa então sim: deve preencher cuidadosamente o cupão-duplo de identificação (com letra bem legível) remetendo-o para os nossos serviços: Rua Castilho, 185 - 1.º — Lisboa - 1, acompanhada de um selo de 1\$00, para lhe ser enviado para a re-

sidência indicada o cartão de Leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o habilitará ao sorteio. Os que já participaram e os que só agora começam a tomar parte na nossa iniciativa, devem coleccionar os «cabeçalhos» (título e data do nosso jornal), de 7 do corrente e até 7 de Julho próximo. Sem estarem na posse desses «cabeçalhos», que provarão serem leitores assíduos do «Diário de Lisboa» não lhes será entregue o prémio que venha a ser-lhes atribuído em sorteio.

E por falarmos em prémios: instituímos para a segunda fase da iniciativa uma lista de prémios verdadeiramente invulgar, encabeçada por três confortáveis apartamentos mobilados, em edifício grandioso construído por Empreendimentos Turísticos J. Pimenta, Lda, o primeiro dos quais com um magnífico automóvel «Morris-1300», de quatro portas. Casa e carro constituem, portanto, o primeiro prémio desta segunda fase de uma iniciativa que despertou o entusiasmo de muitas dezenas de milhares de leitores. Viagens a grandes cidades do mundo estão também ao alcance dos leitores participantes e são, naturalmente, dos prémios mais aliciantes.

Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do jornal onde consta o título deste e a data de publicação.

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.
- o leitor deverá recortar e preencher EM LETRA BEM LEGÍVEL, o cupão-duplo de identificação que o «Diário de Lisboa» publica e onde deverá inscrever o seu nome completo e morada, a localidade onde reside e, facultativamente a profissão e o número de telefone e ainda o agente ou vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa».
- preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185, 1.º Lisboa 1, acompanhado de um selo de 1\$00, se pretender que o cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja enviado pelo correio.
- se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa» o seu cartão de identidade, não juntará ao cupão-duplo o selo de 1\$00 que se destina, logicamente, a despesas de correio.

- recebido o cupão-duplo, o leitor ficará classificado por ordem alfabética e numérica e automaticamente habilitado ao sorteio dos prémios instituídos. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cupão-duplo.
- o cartão de identidade elucidará o leitor do número que o habilita ao sorteio e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.
- o leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 7 de Abril e 7 de Julho de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

DE ONTEM PARA HOJE

A ACÇÃO ASSISTENCIAL

O secretário de Estado da Saúde e Assistência, prof. Gonçalves Ferreira, definiu ontem os objectivos e determinou os esquemas da actividade assistencial, ao dar posse à nova directora-geral da Assistência, D. Raquel Ribeiro. Disse aquele membro do Governo: «São os seguintes esses esquemas: 1. Quando a cobertura médico-sanitária geral ou da responsabilidade da previdência for inexistente ou de eficiência reduzida e as condições de saúde, nutrição, educação, habitação e emprego ainda pouco evoluídas, a intervenção da assistência deverá concentrar-se em primeiro lugar no reforço dos meios de protecção materno-infantil e da saúde das crianças e trabalhadores não assistidos, acompanhando estas acções por medidas de ajuda directa, de educação familiar e sanitária e de desenvolvimento comunitário, integrando-as em serviços de orientação unitária. 2. Quando os problemas médico-sanitários estejam já entregues a serviços próprios, em funcionamento regular e apoiados por acções organizadas de entidades oficiais e particulares responsáveis pelos aspectos locais, mas o nível de educação e de participação na vida comunitária for ainda reduzido, a assistência tomará mais em conta as tarefas ligadas às fases específicas do desenvolvimento comunitário e à promoção social das famílias e jovens, em coordenação estreita com a rede de serviços existentes e reforçando a potencialidade destes com as medidas de ajuda directa e de acção educativa adequadas às populações em causa. 3. Quando as necessidades médico-sanitárias e de educação de jovens e famílias estejam razoavelmente satisfeitas e for bom o nível de vida, a acção assistencial concentrará os seus meios principais no estudo dos problemas de desajustamento na família e na juventude e na reabilitação dos diminuídos ainda não abrangidos pelos esquemas normais dos serviços da educação, da saúde e do trabalho». Por sua vez a nova directora-geral disse: «Há-de prevenir, orientar e providenciar, criando estruturas de diálogo e participação a vários níveis hierárquicos, em que a própria população encontre canais válidos de comunicação. Todos temos de estar comprometidos, ao viver este presente, na construção de um mundo novo em que haja mais garantias para um progresso autêntico, verdadeiramente humano. Os serviços, as estruturas, têm de estar ao serviço do homem. Crê-se que esta filosofia personalista deva estar na base da acção de todos os que irei encontrar por colaboradores».

AS ORDENS MILITARES NA PENINSULA

No anfiteatro da Faculdade de Letras de Lisboa efectuou-se ontem a sessão de encerramento do Congresso sobre as Ordens Militares na Península, durante a qual o bispo auxiliar de Leiria, D. Domingos Pinho Brandão, disse: «Mais do que nunca é necessário darmos ao homem a consciência e a responsabilidade de que é construtor da História, isto é, construtor do futuro. Não apenas objecto da História, ser passivo dos acontecimentos. Ele é também ser, agente activo da História e dos acontecimentos».

ALMADA NEGREIROS

No Rotary Clube de Lisboa-Norte, a figura de Almada Negreiros foi evocada ontem pelo prof. Hernani Cidade, que falou de Almada Negreiros como artista, escritor, poeta, criador do vanguardismo em Portugal, com outros artistas da sua época, quando apareceu «Oreus» e os seus trabalhos foram o tema para uma renovação artística em Portugal. O prof. Hernani Cidade evocou, a propósito, aqueles que com Almada Negreiros, como Sá Carneiro, Souza-Cardoso, Fernando Pessoa e tantos outros fizeram entrar uma lufada de modernismo na vida portuguesa a partir dos anos 12 e 18.

O PRÉMIO CAMÕES

O prof. Gunther Hamann, da Universidade de Viena, foi recebido ontem pelo secretário de Estado da Informação e Turismo, que lhe fez entrega do «Prémio Camões». Aquele professor tem trabalhos sobre a cultura portuguesa e expansão na época dos Descobrimentos.

O 50.º ANIVERSÁRIO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Referiram-se ao 50.º aniversário do «Diário de Lisboa» — o que nos cumpre agradecer — os prezados colegas «Diário de Notícias», «O Século», «Novidades», «A Época», «Diário Popular», «A Capital», «República», «Jornal de Notícias», «Comércio do Porto», «Primeiro de Janeiro» e «Jornal do Comércio» e «A Bola».

Igualmente chegaram à nossa redacção cartas, cartões e telegramas de felicitações, entre outros, dos srs. almirante Pereira Crespo, ministro da Marinha; dr. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação; eng.º Vasco Leão, secretário de Estado da Agricultura; dr. Geraldo Cardoso, director-geral da Informação; dr. Afonso Marchueta, governador civil de Lisboa; eng.º Fernando de Santos e Castro, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, e os vice-presidentes dr. Dinis Soares da Costa e eng.º

Segismundo de Saldanha; tenente-coronel Chagas Lopes, chefe do Serviço de Informação Pública das Forças Armadas; dr. Luís Borges de Castro, presidente da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas, e dr. Eduardo Costa.

Também nos felicitaram a querida actriz Beatriz Costa («afilhada» do «Diário de Lisboa»), e os srs. dr. Abel das Neves, pintor Severo Portela; dr. Manuel Teles, em seu nome e no da administração da Sociedade Estoril-Sol; dr. Elío Cardoso, chefe das Relações Públicas da C. P.; actor Virgílio Macieira, presidente do Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais; e os prezados correspondentes do nosso jornal em Luz de Tavira, José Félix Correia; Sabugosa, Abel Cabral; S. João da Madeira, Nôê Correia Teixeira, e Vila Flor, Raul Alexandre Sá Carneiro.

Registamos, ainda, as felicitações enviadas ao jornal do

sr. José Maria Gil Barata-Delgado; Sodiopel; Mário Silva Braga, dedicado agente do «Diário de Lisboa» no Porto; direcção e chefe das Relações Públicas da F. N. P. T.; «Juventud de Galicia»; Liga dos Combatentes; Lisboa Ginásio Clube; Grupo Onomástico «Os Carlos»; Casa da Comarca da Sertã; Sindicato Nacional dos Profissionais de Artes Gráficas; União de Grêmios de Lojistas de Lisboa; Agência Dias da Silva e Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivaleense.

O programa «Tempo Zips», com a actualidade que é seu timbre, referiu-se ao nosso aniversário logo na madrugada do dia 7. O director do «Diário de Lisboa», dr. António Pedro Ruella Ramos, foi entrevistado aos microfones do R. C. P. e felicitado pelos apresentadores de «Tempo Zips», em termos que nos cumpre registar e agradecer.

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º _____ (1)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (2) _____

PROFISSÃO (3) _____

(1) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(2) A preencher pelo jornal (3) Facultativo

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º _____ (1)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (2) _____

PROFISSÃO (3) _____

(1) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(2) A preencher pelo jornal (3) Facultativo

ATENÇÃO—O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores que já tomaram parte na primeira, estão, automaticamente, habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

AQUELES QUE SALTAM AS BARREIRAS (Conclusão)

JAGGER—PARA UMA PERGUNTA ESTÚPIDA
UMA RESPOSTA ESTÚPIDA

Para além dos lábios que parecem pêssegos de espuma de borracha, para além do ar agressivo, petulante e cheio de bazófia, Mick Jagger é um jovem sério, sensível e chega mesmo a ser tímido.

Falar com ele é o mesmo que pretender um

Mexe a cabeça de um lado para o outro, resmunga irritadamente, e desdenha as perguntas que lhe parecem fúteis.

Pergunto-lhe quantos anos tem. Podemos descobrir muito do carácter de uma pessoa com essa simples pergunta... especialmente se sabemos de facto a idade da pessoa.

Diz Jagger, irritado.

— Que importância tem isso? Tenho 29 ou 30 ou 25 ou 26. Não sei. Não interessa. Tem 26 anos e nasceu no mês de Julho.

Sempre que uma pergunta lhe parece disparatada, dá uma resposta disparatada.

ESTUDADOS

— Ouvi dizer que os seus gestos no palco são pré-deter-

minados, estudados ao espelho. É verdade.

— Claro que são. Todos. Um por um. São coreografados por Lionel Blair.

Se ele sente que estamos a querer saber muito, tenta liquidar a pergunta com um

pastelão de gazela... Primeiro é preciso caçar o nosso Jagger.

Quando se senta à nossa frente, com um fato caçado, uma camisa de colarinho aberto e um «cachecol» cinzento, que parece uma piton enrolada ao pescoço — começou a caça.

realmente fazer. Isso decide a sua atitude para com elas.

HOBBY

Saiu do «buraco» de cantor «pop» e fez os filmes «Performance» e «Ned Kelly».

Por KENNETH EASTANSH

(Exclusivo «The Sun»-«D. L.»)

sorriso largo, cheio de troça.

Uma vez que ele se con-vença de que não estamos ali por encomenda, de que a ideia da entrevista é nossa e não a recebemos de ninguém, Jagger oria respeito por nós... ainda que pense que essa nossa ideia é disparatada.

É muito importante para Jagger saber que as pessoas estão a fazer o que querem

— É impossível ser bom em «rock'n roll» e, ao mesmo tempo, ser actor. A maior parte dos que vieram do «rock» para o cinema não eram os melhores cantores de «rock». Eu sou sobretudo cantor e letrista de canções. Os filmes são o meu «hobby». Isso não significa que não os tome a sério. Tomo-os mesmo a sério. Não conheço ninguém

que tenha um «hobby» e não o tome a sério. Ser actor não é nada de mentiroso ou inaceessível. Desde que haja talento, podemos aprender a representar qualquer papel. Depende da pessoa que nos dirige.

Um actor de comédia pode representar Shakespeare. É possível. Porque não? Tommy Steele saiu do «rock'n roll» para os filmes. Mas estou convencido de que ele concordará se dissermos que era cantor «rock» só por acidente. O que ele é realmente é um artista de «music-hall». Não quero perder muito tempo a fazer filmes sem interesse. Toda a gente faz mau filmes. Não se pode evitar isso. Uma estrela de cinema provavelmente faz 50 por cento dos filmes mau. Mas não sou do género ambicioso. A ambição pode ser perigosa. Pode transformar-se numa paixão destruidora. Pode tornar-nos amargos se não conseguirmos o que queremos, e desiludir-nos se o alcançarmos.

De certo modo, Jagger foi feliz. Nasceu numa geração em que a barreira entre profissões «baixas» e «altas», «arte séria» e «arte ligeira» se está a debater.

Erradamente, segundo supor-nho, Jagger ajuizou mal e não prestou a devida atenção ao problema.

CONVICÇÃO

— Feliz — disse ele. — Sim, fui feliz. Pensei que tive sorte quando ari os olhos pela primeira vez e vi que metade do mapa era vermelho... e que os meus pais tinham televisão. Passei em todos os exames.

Ficou calado — ouvindo o novo LP de John Lemon, que serviu de fundo musical à nossa entrevista.

— Devíamos afastar a ideia de que temos de fazer qualquer coisa. É uma barreira a saltar. A convicção é de que temos de ter uma profissão. Não há razão para andarmos a encher resmas de papel para outras pessoas encherem outras resmas de papel. Há outras barreiras mais importantes que a das profissões «altas» e «baixas», na qual não acredito. Por exemplo, podemos ter um ponto de vista crítico sério acerca de um filme porno, gráfico. Ninguém é avallado pelos seus méritos. As pessoas são sempre avalladas em função daquilo que se sabe delas.

PENSAMENTOS

— O que interessa é que as pessoas se distraiam. Como as fazemos distrair — isso não interessa.

— Em que está V. a pensar quando está no palco, a distrair milhares de «teenagers»? perguntou.

— Estou a pensar no que irei fazer depois do espectáculo — diz Jagger.

NOTA diária

OLHAR PARA DENTRO

É UM EXERCÍCIO talvez salutar, talvez difícil, com certeza antipático. Mas as simpatias não-de colher-se à custa de transigências? Transigir com o gosto, transigir com a rotina, transigir com o interesse instalado? Até onde é que vai a «escalada», como agora se vai dizendo? Mais vale ter a coragem de se arriscar alguém às antipatias se com isso lhe parecer que podem varrer-se alguns miasmas daqueles que nos empestam o ambiente. Na circunstância está-se aqui a pensar no que pode parecer um banho de chuva para alguns que pensam que lhes corre muito bem a vida e com isso fazem o que lhes possa parecer a sua paz de espírito. Mas paciência. Já uma vez se disse e hoje se repete que não estamos aqui à espera de votos para ninguém. Sendo assim...

O mal de que sofremos, ou talvez preferentemente o mal de que julgamos sofrer, diz-se em duas palavras: trabalha-se pouco. Duas palavras só, aritmeticamente, sem eufemismos. Mas podemos acrescentar e concretizar: trabalha-se pouco e mal. Podemos até mudar a pessoa ao verbo e, onde está a indefinição abstracta de um sujeito indeterminado, ter-se a coragem de personalizar o sujeito e metermo-nos a nós próprios no barulho, tão bons uns como os outros, tão bons ou tão maus, todos iguais que nós somos, gente de render pouco. E então corrija-se: trabalhamos pouco e mal, nós, vós, eles, toda a gente que nós somos, prosapiosos as mais das vezes, a alvejar tempo de férias, ou uma «ponte» milagrosa. Estamos nos dias felizes, semana da Páscoa até domingo.

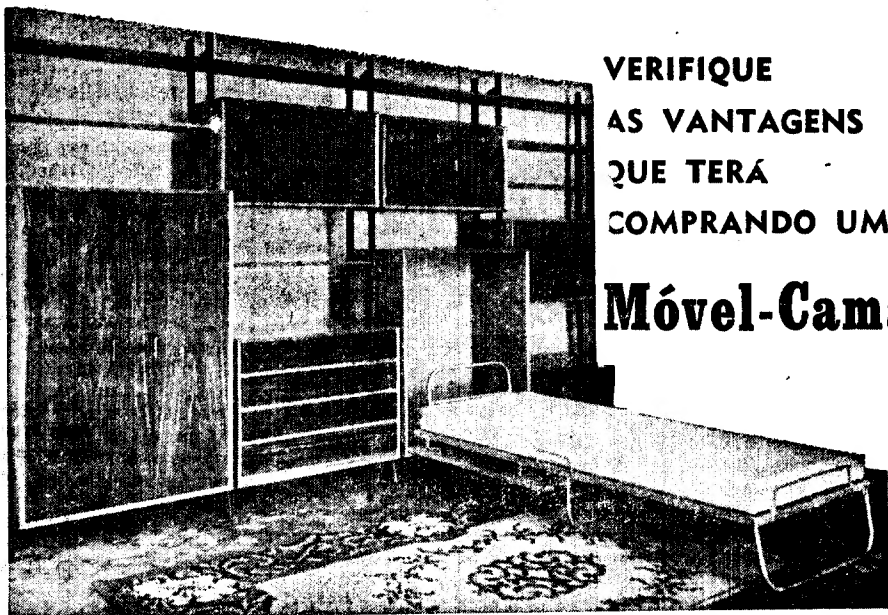
Vamos a ver, nem que seja a ver se chove. Onde está o nosso interesse? A chuva veio perturbar muitos projectos de Páscoa, férias e passeios, pequeno ensaio para o Verão, a perspectiva com que vamos alegremente sonhando, campo e praia, vista de campo para a praia, como se dizia na comédia de Chagas Roquete. Mas logo a chuva! Com tantos projectos que se vão por água abaixo projectos de férias, passeios e descanso, porque de resto, quem se lembra? A verdade é que a chuva não é só o passeio que se perde, nem as inundações de improviso para que nunca mais estamos preparados, a chuva é também... o não haver falta de chuva, as albufeiras por metade, a corrente eléctrica que temos andado ameaçados de ter de importar de Espanha.

O problema da electricidade referimo-lo aqui há dois ou três dias a propósito da visita do presidente do Conselho às obras do sistema de aproveitamento do Douro. Esse prodigioso milagre, que se observa por uma simples volta de interruptor, está em toda a parte presente na mais ampla variedade de gestos do nosso quotidiano, em casa ou no escritório, na rua ou debaixo de telha, na fábrica ou até em numerosas tainas do mundo rural. Desde o fazer a barba a ouvir música, pôr a andar a mais diversa aparelhagem, para iluminação ou força motriz a electricidade é uma das grandes dominantes da nossa época e, pelo seu consumo quantificado, um dos índices mais representativos do nível de desenvolvimento de qualquer país. Quanto toca nesse consumo a cada habitante?

Dai por diante são as estatísticas, cuja consulta nos diria o mesmo que já se sabe sem ela. Estatísticas, queremos dizer, nossas e lá de fora, mas não vale a pena, esses números vêem-se e repetem-se por toda a parte, as captações em Portugal e na Suécia, por exemplo. Mas para quê ir tão longe? Para quê a suposta erudição se temos à mão a experiência que esquecemos? O quadro comparativo dos consumos europeus diz-nos muito, mas muito mais há-de dizer à nossa consciência o quadro comparativo dos consumos portugueses, quanta electricidade gastam um lisboeta ou um portuense e quanto gastam os portugueses de tantas aldeias perdidas na pequenez do nosso mapa. Está escrito. Até se lhe chama «a assimetria geográfica de distribuição dos grandes sistemas produtores». Escrito está. Mas o que é preciso é fazer. Mais depressa, mais depressa. Faça-se o Portugal para todos os Portugueses.

MÓVEIS-BAÍA

A SOLUÇÃO IDEAL DA FALTA DE ESPAÇO EM SUA CASA



VERIFIQUE
AS VANTAGENS
QUE TERÁ
COMPRANDO UM
Móvel-Cama

10 MODELOS DIFERENTES DE
MÓVEIS-CAMA E SUAS ACOPLAÇÕES

CONSULTE O FABRICANTE COM PESSOAL DEVIDAMENTE
ESPECIALIZADO, QUE O AJUDARÁ NA SUA DECISÃO

MÓVEIS-BAÍA

UM CASO CONCRETO DE QUALIDADE

ESTRADA DE BENFICA, 464-D — Tel.: 707500

RUA SANTANA A LAPA, 114-A — Tel.: 674732 / 673442

RUA D. MANUEL I, 76-B — BARREIRO — Tel.: 2275306

Fábrica: RUA 6 DE JANEIRO, 63 — LAVRADÃO — BARREIRO — Tel.: 2273063

Conta Juventude

BANCO DO ALENTEJO

NA LINHA EMOCIONANTE DE
«LOVE STORY»
O MAIOR ÉXITO MUNDIAL DE TODOS OS
TEMPOS!

VASCO MORGADO
apresenta



**SÓ
AS BORBOLETAS
SÃO LIVRES**

COMEDIA INTERPRETADA POR
MARIA DO CÉU GUERRA
(Prémio de Imprensa 1970)

VASCO MORGADO JR.
NORBERTO DE SOUSA
e a artista convidada

ALMA FLORA

ESTREIA

SÁBADO, 10 DE ABRIL
às 21,45 horas no

TEATRO LAURA ALVES

(Adultos)

UMA SÓSIA DE CARMEN MIRANDA

BELO HORIZONTE, 8 — (L.) — Carmen Miranda a «Volta» a Nova York, reen- carnada na sr.ª Jane Soares de Minas Gerais a qual mi- ta com fidelidade a falecida artista que foi ídolo do Bra- sil e atingiu notoriedade no cinema norte-americano.

Jane Soares admiradora de Carmen Miranda desde os do- ze anos sabe tudo sobre ela e o êxito da sua imitação fo- tal que acaba de ser convi- dada para apresentar o seu espectáculo no Hotel Wal- dorf Astoria de Nova York. É acompanhada por um conjunto que lembra o famo- so «Bando da Lua».



O que faz correr
Anna Karina?

Anna Karina

fez dois filmes

ao mesmo tempo

PARIS, 8 — (A. N. I.) — Anna Karina acaba de viver mais uma das duras experiências a que a profissão de actriz tan- tas vezes obriga. A actriz, para não perder o seu precioso tempo, interpre- tou dois filmes simulta- neamente.

Durante a noite dedi- cava-se a «Tu e as tuas nuvens», sendo as horas do dia reservadas para «Rendez-vous em Bray», de André Delvaux. Roger Van Hool e Mathieu Car- rière são igualmente in- terpretes desta última pe- lícula, em que Anna Ka- rina encarna o papel de uma mulher misteriosa que pode talvez ser o sím- bolo da felicidade.



Christoff, um grande

VIDA MUSICAL

BORIS CHRISTOFF CANTA NOVAMENTE EM LISBOA

Boris Christoff, um dos maiores cantores da actuali- dade, que o nosso publico bem conhece e tantas vezes tem aplaudido, volta a cantar em Lisboa, pois será ele quem vai viver, no palco do Teatro Na- cional de S. Carlos, a figura de «Filipe II», da ópera «D. Carlos», de Verdi, com a qual prossegue, no próximo dia 15.

às 21 e 15, a temporada de ópera de 1971.

Ao lado deste cantor ouvi- remos ainda um elenco de ex- ceptional categoria: Muriel de Channes, Franz Mattioli, Ruggero Bonfino, Franco Bor- doni e Loris Gambelli. Dirige o maestro Gianfranco Veltri e a encenação é de Riccardo Mo- resco. No espectáculo que se repetirá no domingo 18 às 18 e 30, e no Coliseu dos Re- creios, a 21, às 21 e 15, colabo- ram ainda a Orquestra Sin- fónica da Emissora Nacional e o Coro do Teatro de S. Car- los.

Uma cantora brasileira
em Lisboa

A Fundação Gulbenkian vai realizar, em colaboração com a Embaixada do Brasil, um concerto para apresentação da cantora brasileira Maura Ma- reira, que será acompanhada pelo prof. Erik Werba, de Viena.

Aquela artista, que após es- tudos no Brasil, obteve uma bolsa de estudos do Ministério da Educação para prosseguir a sua aprendizagem na Euro- pa, tem-se apresentado em di- versos teatros da Alemanha, fazendo parte do elenco do Teatro de Ópera de Colónia desde 1961. Além de can- ar alguns dos papéis mais repre- sentativos do repertório operá- tico, tais como «Amneris», na «Aida», «Santuzza», na «Ca- va-ria Rusticana», «Venus», no «Tannhäuser», entre mu- ltos outros, dedica-se também à oratória e ao «lied».

O recital de Maura Moreira e Erik Werba está marcado para o próximo dia 28 às 18 e 30, no Auditório n.º 2 da Gulbenkian. O programa in- clui obras de Francisco Du- rante, Jacopo Ferri, Gustav Mahler, Respighi, Falla, Fran- cisco Lacerda, António Viana, Villa-Lobos e várias peças de folclore brasileiro, incluindo cantos do «Candorblé» da Baía.

Erie Heideleek
no Tivoli

O pianista francês Eri- Heideleek, primeiro prémio do Conservatório de Paris, e Grande Prémio do Disco, vem a Lis- boia no próximo dia 14 para dar um concerto reservado aos sócios da S. C. L.

Do programa desta audição, marcada para as 18 e 30, fa- zem parte a «Fantasia e sona- ta em dó menor» de Mozart, «Sonata op. 110», de Beetho- ven, e «Fantasia», de Schu- mann.

HOWARD HAWKS dirigiu JOHN WAYNE
em «RIO BRAVO» e «EL DOURADO»

50 % DE ACÇÃO
50 % DE EMOÇÃO

OFERECE-NOS AGORA NA MELHOR TRADIÇÃO
DO WESTERN

RIO LOBO



MANDA-OS
PARA O
INFERNO,
JOHN!

JOHN WAYNE

em
«RIO LOBO»

A Cinema Center Films apresenta

com Jorge Rivero, Jennifer O'Neill, Jack Elam, Victor French, Susana Dosamantes
arg. Burton Wohl • Leigh Brackett • hist. de Burton Wohl • música de Jerry Goldsmith
prod. e real. Howard Hawks • Technicolor

EM PLENA PASCOA ESTREIA DE UM GRANDE
FILME EM DOIS GRANDES CINEMAS
UM GRANDE FILME — UM GRANDE ÉXITO

2.ª SEMANA ALVALADE EDEN

EM COMPLEMENTO: «TOMAR — CIDADE VERDE»,
produção de Miguel Spiguel, realização de António
Ruano

MAIORE
12 anos

A tradição vive aqui

O Fado na sua expressão
autêntica.

Pratos tradicionais da boa
cozinha portuguesa sob a di-
recção da Tia Adelina.

Almoços, jantares e ceias.
(M. 17 anos)



Rua do «Diário
de Notícias», 107
Telef. 528307

CASINO ESTORIL

Amanhã, devido à solenidade do dia, estão
encerrados todos os serviços do Casino Estoril.

TEATRO
VARIEDADES
TEL. 32 6037

HOJE, ÀS 21,45 H.

5.ª SEMANA
UMA COMÉDIA
DE GARGALHADA
PERMANENTE
de Francis Veber



O Contrato
Adultos
com RIBEIRINHO • HEN-
RIQUE SANTANA • e es-
treia no teatro declamado
DOMONE DE OLIVEIRA

SÁBADO, ÀS 21,45 H.
DOMINGO, ÀS 16 H.

TEATRO
CAPITÓLIO
TEL. 32 7493

HOJE, ÀS 21,45 H.

VASCO MORGADO
apresenta
LAURA ALVES
e a artista convidada
ALMA FLORA



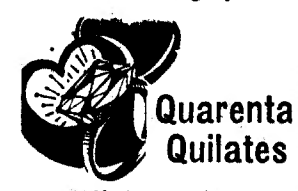
Querida Mama
12.ª SEMANA

DOMINGO À TARDE, ÀS 16 H.

TEATRO
MONUMENTAL
TEL. 55 5133

VASCO MORGADO apresenta

HOJE, ÀS 21,45 H.
uma comédia de
Baillet & Grédy
numa tradução de
Jerónimo Bragança



Quarenta Quilates
com Milú lado a lado com
Irene Isidro, Armando Cor-
tez, Maria Adelina, Guida
Maria, Luis Pinhão, Oscar
Castano, António Machado,
António Semedo e a colabo-
ração especial de Maria Paula

Uma encenação de
Armando Cortez
Cenas de António Coimbra

TEATRO
LAURA ALVES
TEL. 86 4756

Brevemente:
VASCO MORGADO
apresenta



**SÓ
AS BORBOLETAS
SÃO LIVRES**
de LEONARDO GERME
Em todos os países
do mundo...
A COMÉDIA DO ANO
encenação de
António de Caba

Adultos

Teatro TELEF. 717017 HOJE ÀS 21,45 H.

Maria Matos e só até domingo, 11

O INVULGAR ESPECTÁCULO

Amanhã descanso da companhia

De Eduardo Manet • Encenação de Costa Ferreira

NOTAVEL REALIZAÇÃO DO **grupo 4**

HOJE NOITE POPULAR
com a tabela de preços re-
duzidos de sábado à tarde
Balcão: 10\$, 15\$ e 30\$
Plateia: 30500 e 50500

BREVEMENTE Maiores 17 anos

JOGOS DE SOCIEDADE
APAIXONANTE COMÉDIA DRAMÁTICA
PARA 150 MINUTOS DE INTENSA VIBRAÇÃO

Nesta curta série de es-
pectáculos até 11 de Abril
os jovens dos 17 aos 24
anos têm sempre o des-
conto de 50 %

DESCANSO DAS COMPANHIAS 6.ª-FEIRA (SANTA)

Júlio Gomes estreia-se na sua terra como matador de touros na corrida de Domingo de Páscoa

No cumprimento de uma tradição que vem de há longos anos, as portas da primeira praça de touros do País vão abrir-se no Domingo de Páscoa para a inauguração oficial da temporada taurina de 1971.

Como não podia deixar de ser, os empresários do Campo Pequeno organizaram, para a primeira corrida formal da temporada, um cartaz de bom nível, que não faltam motivos de interesse, nomeadamente na parte apenas, em que a «afición» portuguesa vai ter ensejo de apreciar pela primeira vez em Lisboa dois artistas que, no estrangeiro, alcançaram já notável nomeada e estão a caminho de ocupar lugar cimeiro entre os maiores cultores da arte de Montes: «Morenito de Cáceres» e Julio Gomes.

«Morenito de Cáceres» é, neste momento, uma das mais prometedoras figuras do toureiro espanhol. Verdadeiro fenómeno que desponta, alcançou em Março passado, em Badajoz, «ruidoso triunfo», cortando quatro orelhas. Muitos milhares de portugueses tiveram, então, ocasião de verificar a firmeza da sua arte e as qualidades que o impõem, e não deixaram, por certo, de aproveitar esta oportunidade para confirmar a impressão que o artista viveu nessa corrida memorável.

Para alternar com ele, não poderia ter sido mais bem escolhido o outro espada da corrida inaugural da temporada. Com efeito, Julio Gomes, que tomou a alternativa das mãos de Raul Garcia, sobrinho do célebre Gregorio Garcia, na praça da cidade mexicana de Tlaxcala, em Novembro último, apresenta-se pela primeira vez entre nós como matador, depois de uma ausência de três anos. Toureiro de extrema finura, requintado artista, estilista apuradíssimo, arrebatava os aficionados pela serenidade com que enfrenta os inimigos, que domina com excepcional mestria. Os seus

éxitos no México granjearam-lhe grande cartel, pelo que toureou em Lima e está de



Julio Gomes, de espantoso novilheiro a matador feito

novo contratado para a capital peruana no mês de Julho. Na parte equestre, estarão em praça José Maldonado

Cortes, que teve uma época triunfal em Espanha, com o seu toureiro dinâmico, vistoso e espectacular; e José Luís Sommer de Andrade, a grande revelação de 1970, que veio subindo de forma de corrida para corrida e conquistou, com a sua fidelidade às formas clássicas, não só o apreço como a confiança dos aficionados. Os forcados serão os Amadores do Montijo (chefiado por António Sôcio), que foram os ganhadores com o «Prémio da Imprensa» na temporada passada.

Para completar este famoso cartaz, os touros são dos Herdeiros do dr. Norberto Pedroso para os cavaleiros e de Porto Alto (que tão boas provas têm dado) para a lide apeada.

ECLECTISMO NUM RECITAL DE VIOLA E PIANO

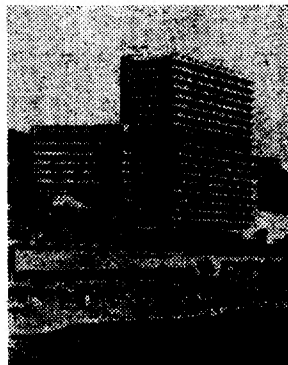
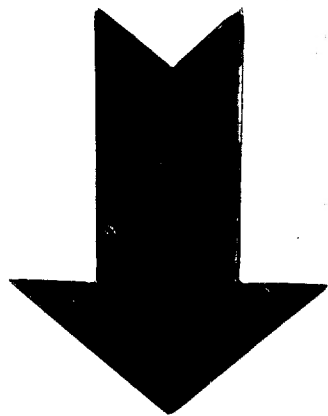
Variedade (ou eclectismo bem entendido) ressaltou na elaboração do programa apresentado no Auditório Eois pelo violista Tasso Adamopoulos, actualmente chefe de naipe da Orquestra Gulbenkian. Instrumentista de sólida formação e pouco inclinado à expressão veemente, Adamopoulos recomenda-se nomeadamente por uma bonita sonoridade, sempre aveludada, e um fraseio bem lançado. Dentro destas características, decorreu o recital. A «Sonata n.º 1», para viola e piano, de Darius Milhaud, é de uma veia prazenteira e essencialmente luminosa; no seu discurso esboço e cheio de naturalidade. A «Sonata op. 25, para viola solo», de Hindemith, é mais severa ou menos conulacante no lirismo que também a percorre. Teria ganho, desta vez, com uma execução mais angulosa, isto é, que lhe acusasse mais vigorosamente certos contornos. A «Sonata n.º 3, em sol menor», de Bach (escrita para viola de gamba, na versão original) constituiu, porventura, a mais interessante realização do concerto, o qual incluía ainda mais outra sonata: a famosa «Arpeggione», de Schubert, que estamos mais habituados a ouvir na transcrição para violoncelo.

Com frequência cada vez maior Maria João Pires surge-nos integrada nessa excelente escola de aprofundamento estilístico e da disciplina que é a prática da música de

conjunto. A jovem pianista não desmereceu, uma vez mais, da sua sensibilidade de uma grande finura e atenta ao colorido subtil.

NUNO BARREIROS

EM PORTUGAL prefira



HOTEL ESTORIL-SOL — De luxo —

404 QUARTOS COM CASA DE BANHO PRIVATIVA
AR CONDICIONADO EM TODO O EDIFÍCIO
PISCINA * SAUNA
«BOITE» * BOWLING

CABELEIRADO

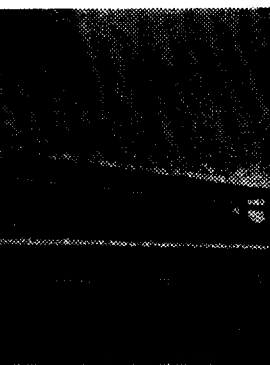
ESTORIL (Cascais)

Telef. 28 28 31

Telex 1624 SOLTEL

Teleg. HOTELSOL

Sob a mesma administração



NOVO CASINO ESTORIL

(ABERTO TODO O ANO)
ROLETA, BANCA FRANCESA, BACARÁ CHEMIN DE FER, BACARÁ BANCADO, BACARÁ PONTO E BANCA, BLACK-JACK/21, CHUCKLUCK, CRAPS E SLOT MACHINES

RESTAURANTE

MUSIC-HALL
ESTORIL, NO INVERNO O CLIMA MAIS AMENO DA EUROPA

Telef. 28 46 20 — Telex 1660

Sob a mesma administração

ÚLTIMOS DIAS

HOJE, AS 21.45 H.

7.ª semana

(Maiores de 17 anos)

AMANHÃ, Descanso da Companhia • SÁBADO, «Matinée», às 16 horas (com 50% de desconto para estudantes); Noite, às 21 e às 23 horas



LURDES NORBERTO / ROGÉRIO PAULO

LAURA SOVERAL — LUISA NETO — EDUARDA PIMENTA

BAPTISTA FERNANDES — ANTÓNIO MONTEZ

CARLOS SANTOS — LIBÂNIA FEITEIRA

Subsídios: Fundo de Teatro e Fundação Gulbenkian



DEPOIS DA QUEDA

AFTER THE FALL

PEÇA DE Arthur Miller

HOJE, às 18.30 horas
SÁBADO, às 18.30 horas
DOMINGO DE PASCOA,
às 11 horas (6 anos)

A PEÇA INFANTIL (EM ÚLTIMOS DIAS)
EMÍLIO E OS DETECTIVES

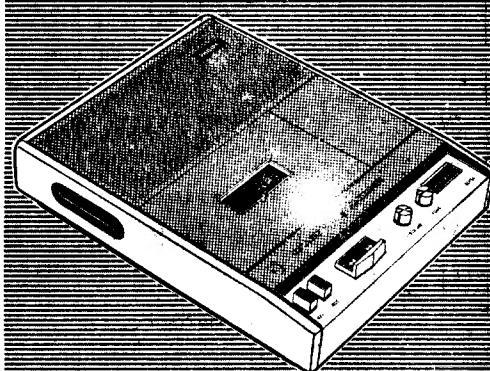
Estão já patentes ao público (entrada livre) os 200 desenhos infantis sobre a peça «EMÍLIO E OS DETECTIVES»

NOVO GRAVADOR

DE «CASSETTES»

PHILIPS

MODELO N 2204



UMA PRENDA PARA RECORDAR



(MAIORES DE 6 ANOS)

CORUCHE

DOMINGO 11 DE ABRIL
AS 17 HORAS

Colossal Corrida, à portuguesa a favor da Liga dos Combatentes

6 corpulentos touros de Herd. do Dr. Norberto Pedroso, para os ases do toureio a cavalo

J. Mestre Baptista

Luís M. Veiga

Fernando A.

Salgueiro

com a colaboração dos dois mais famosos grupos de forcados, de Portugal, Amadores de Santarém e Amadores de Montemor

abc

EMPRESA TEATRAL
JOSÉ MIGUEL, LDA.

HOJE, 2 ESPECTÁCULOS
20.45 e 23 h.

A REVISTA POPULAR

FRANGAS NA GRELHA

EM 3. MES DE EXIBIÇÃO

Uma produção de

Humberto Cunha

interpretada por um elenco de primeiras figuras: IVONE SILVA, NICOLAU BREYNER, ANITA GUERREIRO, OSCAR ACURIO Anabela, Luís Horta, Maria Tavares, Orlando Fernandes, Nina Flores, Lina Morgado, Eduardo Vilaverde, Fernando Pinto, Leonor Caffum e, em participação especial, TONY DE MATOS

ATENÇÃO: Esta semana, o repouso da Companhia é amanhã, 6.ª-feira.

TRINDADE

HOJE, às 21.45 horas

(Adultos)

E SÓ ATÉ AO DIA 11

O DUELO

de BERNARDO SANTARENO

Sábado — Tarde às 16 horas

a preços reduzidos

Domingo — Tarde dedicada a estudantes

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

HOLLYWOOD À BEIRA DO COLAPSO

SAN CLEMENTE, 8 (A. N. I.) — Representantes da indústria cinematográfica de Hollywood pediram ao presidente Nixon que dê o seu apoio à legislação destinada a reduzir em vinte por cento os impostos que incidem sobre a mesma indústria, a qual — afirmam — se encontra à beira de «colapso».

Jack Valenti, presidente da Associação dos Produtores do Cinema, falando aos jornalistas pouco antes de ser recebido por Nixon, elogiou o presidente, acrescentando que é o primeiro a preocupar-se com a indústria cinematográfica e estamos-lhe muito gratos por isso.

Por seu turno, Charlton Heston, presidente do Sindicato dos Actores, afirmou que no ano passado 76 por cento dos 23 000 membros do seu sindicato não chegaram a ganhar 3 000 dólares (90 contos).

Um curso de direcção coral

COIMBRA, 8 — Promovido pela inspeção de Canto Coral em serviço no Liceu D. Duarte, D. Isabel da Silva Nunes, houve naquele liceu um curso de direcção coral, ao qual concorreram cerca de vinte professores da área da sua jurisdição.

O curso despertou o maior interesse, traduzido no voto unânime de que possam realizar-se outros com a mesma finalidade. A sessão de encerramento foi presidida pelo reitor dr. Alvaro Silvestre e assistiram também a delegada distrital da M.P. em Coimbra. Exhibiu-se um grupo especializado de canto coral, sob a direcção da inspectora D. Isabel Nunes.

A COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE EM 1970

Como foi noticiado, a assembleia geral ordinária da Companhia Portuguesa de Celulose aprovou, por unanimidade, na sua reunião de 23 de Março, o relatório e contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal referentes ao exercício de 1970. No primeiro desses documentos, o conselho de administração começou por prestar sentida homenagem à memória do sr. eng.º Eduardo Rodrigues de Carvalho, evocando em termos enaltecedores a figura e a obra deste seu antigo presidente, falecido em Setembro último, apresentando depois uma ideia geral sobre a situação da empresa e a análise esclarecedora dos seus aspectos essenciais.

Quanto à produção assinala que foi atingido, naquele ano, o total de 127 000 toneladas de pastas cruas, das quais se branquearam 97 500 toneladas de pinho e eucalipto.

O volume de pastas fabricado constituiu um acréscimo de 12 000 toneladas relativamente a 1969 e representa, no curto espaço de três anos, a duplicação do nível de produção alcançado em 1967, quando ainda se não dispunha do novo equipamento fabril.

O relatório elucida, a seguir, sobre os motivos que impediram o cumprimento da programação de fabrico para 1970, e a natureza das prováveis impoções pelo problema. Fabricou-se um total de 11 000 toneladas de papel ou seja menos 5500 toneladas do que no ano anterior. Apontando as causas desta redução, revela-se, seguidamente, como, sem prejuízo das exigências do sector das embalagens, e conseguiu colocar nos mercados interno e externo 12 000 toneladas dos papéis que a companhia fabricou.

Menciona ainda o capítulo dedicado à produção que no sector de embalagens — cartão canelado, caixas, sacos, ta gomada e sem goma — atingiu um fabrico global equivalente ao do ano anterior.

Durante o ano de 1970 viu-se já a nova convenção negociada com a SOCEL pela qual foi criada uma Central comum de Vendas com sede a Companhia Portuguesa de Celulose. A evolução do volume total de vendas, relativamente às duas empresas, foi a seguinte: 714 205 contos, em 1968; 905 878 contos, em 1969; e 1 018 792 contos, em 1970. Nos mesmos anos, o valor das vendas realizadas teve a seguinte distribuição por mercados: mercado nacional — 22 427 contos, em 1968; 67 841 contos, em 1969; e 65 671 contos, em 1970. Mercados externos — 301 778 contos, em 1968; 538 532 contos, em 1969; e 653 121 contos, em 1970.

Os produtos vendidos apresentavam a seguinte distribuição por proveniências: Fabrico próprio — 410 795 contos, em 1968; 557 061 contos,

em 1969 — 625 668 contos, em 1970. Fabrico nacional alheio — 295 882 contos, em 1968; 884 586 contos, em 1969; e 891 839 contos, em 1970. O significativo contributo das actividades da Companhia Portuguesa de Celulose e da SOCEL para a balança de pagamentos do País tem a seguinte expressão no mesmo triénio, devendo considerar-se que as pastas vendidas para o mercado interno evitam a importação a que teria de recorrer-se na falta de produção das duas empresas: Exportação — 391 778 contos, em 1968; 538 532 contos, em 1969; e 653 121 contos, em 1970. Vendas de pastas no mercado interno — 108 815 contos, em 1968; 165 037 contos, em 1969; e 211 573 contos, em 1970.

O relatório refere-se à maneira como em 1970 se manteve cuidadosa política de investimentos nas instalações fabris, de harmonia com linhas gerais de orientação que pormenorizadamente se indicam.

Salienta-se que atingiu 555 mil contos o valor total dos investimentos com a ampliação dos diversos sectores das instalações fabris da empresa, de 1964 até o fim de 1970.

Ao ocupar-se de matérias-primas, o relatório evidencia a forma totalmente satisfatória como, em 1970, o abastecimento de madeira foi efectuado através da MADEIRA. E acentua, a propósito da actividade desta organização que «foi possível conciliar as conveniências próprias da Lavoura e da Indústria, de harmonia com os superiores interesses nacionais, assegurando-se a primeira, a colocação dos seus produtos florestais e garantindo-se a esta última o seu abastecimento conforme as quotas estabelecidas. Os resultados obtidos no curto período de um ano de trabalho e a confiança que a MADEIRA conquistou já nos sectores a que está ligada são a prova da oportunidade da sua criação e da razão das esperanças que se depositavam na sua actividade. Resultados tão animadores flocam-se muito especialmente devendo à qualificação e prestimosa acção do Excmo. Sr. Manuel de Queiroz Pereira, que com desin-

ressada dedicação exerce desde o início as funções de presidente daquela organização, garantindo com a sua orientação o cumprimento dos objectivos para que foi criada».

Em capítulo próprio, o relatório apresenta breve análise do mercado do trabalho indicando as causas da rareficação da mão-de-obra; a sensível elevação salarial; a progressiva melhoria de situação e das regalias dos trabalhadores da Companhia, etc.

O conselho de administração assinala ainda, o grande interesse com que foi recebida a publicação do decreto-lei n.º 491/70 que abre promissoras perspectivas à floresta do País e revela que a companhia criou um serviço de floresta para o fomento próprio desta actividade, participando no que respeita ao eucalipto.

Após ter exposto um resumo da situação económica da companhia, o conselho de administração afirma que ela apesar de não ter alcançado ainda todos os objectivos programados, espera concretizá-los com a maior urgência, contribuindo com o melhor do seu esforço para o incremento económico do País e, simultaneamente, para o desenvolvimento da política de expansão industrial em que o Governo se encontra empenhado».

Ao fechar o capítulo dedicado à situação financeira da empresa, o relatório conclui que ela continua a revelar-se dos aspectos positivos e optimistas que sempre a têm caracterizado.

Para o saldo da Conta de Ganhos e Perdas, o Conselho de Administração propõe o reforço de algumas das reservas constantes do balanço e a atribuição do dividendo habitual.

No seu parecer, o Conselho Fiscal reconhece o esforço que foi necessário empenhar para que os resultados do exercício viessem a atingir valor tão significativo para a economia da empresa, que bem demonstram o impulso operado depois da ampliação das instalações fabris, iniciado em 1969 e que, seguidamente, começou a fazer-se sentir, não somente no que respeita às quantidades produzidas, mas também às suas qualidades.

ARRASTÕES GUARDADOS À VISTA

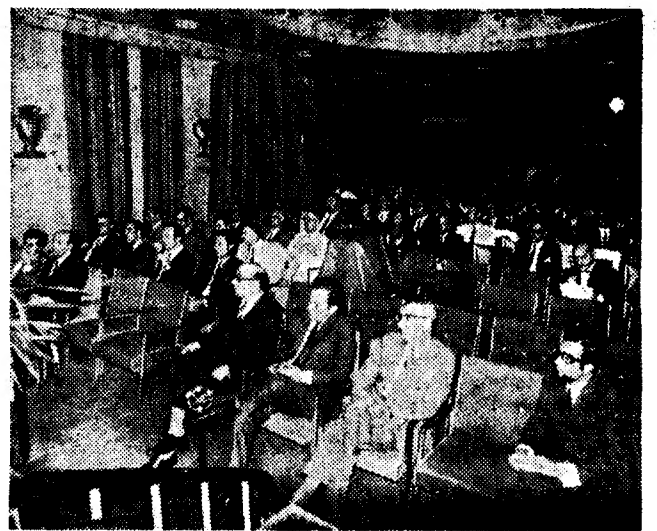
OLHAO, 9 — A Guarda Fiscal continua a manter sob vigilância os dois arrastões de pesca «Cidade de Portimão» e «Vila de Alportel» envolvidos, conforme argumenta no tocando de cabos e redes para redes de pesca.

Assunto de todas as conversas durante largo tempo, ainda hoje não esqueceu, mantendo-se os referidos barcos fundeados na Doca de Abrigo com guarda à vista, aguardando que aqui se desloque o engenheiro naval que os avalia, a pedido da Alfândega e no sentido de lhes ser arbitrada a requisição fiança, sem a prestação da qual não podem movimentar-se sem dedicação da sua faina da pesca.

Sabemos que a Alfândega pediu a vinda do engenheiro naval por intermédio da Capitania do Porto, pelo que a vinda do referido oficial só se pode efectuar por despacho ministerial. Esta a razão da demora.

HOMENAGEM A UM DEFENSOR DA LAVOURA

ABRANTES, 8 — Termina este ano a sua carreira de dirigente o capitão João da Costa Andrade que completa 80 anos de idade e 30 de presidência do Grémio da Lavoura dos concelhos de Abrantes, Constância, Mação e Sardoal. F firme nas suas convicções leal e urbano no trato, agui sempre sem tibezas, pois nunca recuou a jogar o lugar quando era preciso defender a lavoura regional. Por esse motivo um grupo de amigos, ligado ao sector agrícola, vai homenageá-lo de uma maneira simples no próximo dia 18. O programa inclui: missa na paróquia de S. João, transmissão de poderes ao seu sucessor e almoço de homenagem no Hotel de Turismo.



Aspecto da reunião da I. A. A. em Luanda

NUMA REUNIÃO EM LUANDA

Salientada a importância da presença do Ultramar no Congresso do I. A. A.

LUANDA, 8. — (L) — A importância da participação do Ultramar Português no próximo Congresso Mundial da Associação Internacional de Publicidade, a realizar em Junho, em Lisboa, foi salientada na reunião promovida, num dos hotéis de Luanda, pelo Chapter Português de International Advertising Association e pela comissão organizadora daquele congresso, que será o vigésimo segundo.

Por impossibilidade, da última hora, do sr. governador-geral, coronel Rebocho Vaz, presidiu à sessão o secretário-geral, dr. Governo Montês, que o representou. Compararam as mais altas individualidades de Angola, do sector oficial e das actividades privadas, com especial preponderância para os meios económicos.

Recebidos pelo sr. Jorge Rodrigues, membro do conselho de administração da International Advertising Association, na sua qualidade de secretário-geral do Chapter Português da I. A. A. e do próximo Congresso Mundial de Lisboa; pelo sr. José Manuel Pereira da Costa, subdirector do «Diário de Luanda», delegado em Angola do «Chapter», e pelo sr. Rui Correia de Freitas, director do jornal «A Província de Angola» e presidente da delegação angolana ao Congresso, os convidados tiveram oportunidade de escutar uma pormenorizada exposição feita pela primeira daquela individualidades, sobre o próximo

congresso.

O sr. Jorge Rodrigues começou por historiar a formação dos E. U. A., da I. A. A., passando depois a caracterizar pragmaticamente, as determinantes e objectivos da instituição. Realçou, seguidamente, que a reunião em Portugal do 22.º Congresso Mundial da I. A. A. constituiu motivo de justificada honra para o Conselho Territorial Português da I. A. A. e, também, para o próprio País, conforme explicitamente afirmou, em tempo, o presidente do Chapter Português, dr. Augusto de Castro.

Proseguindo, o sr. Jorge Rodrigues anunciou que o dr. César Moreira Baptista aceitou o cargo de presidente nacional do congresso e que todas as parcerias de Portugal foram incluídas numa só região geográfica, das 14 em que a I. A. A. dividiu o Mundo.

Usaram ainda da palavra o sr. Rui Correia de Freitas, que sublinhou a importância da iniciativa do Chapter Português da I. A. A. para o desenvolvimento de Angola, e o dr. Governo Montês, que apelou, em nome do governador-geral, para que as representações das organizações económicas e empresariais presentes, para que em grande número, se todos o não pudessem, se inscrevassem e estejam presentes no congresso, dado que «essa participação resultará de certo grande benefício para Angola, o que quer dizer para Portugal».

AS EXPORTAÇÕES DA EFTA EM JANEIRO AUMENTARAM 6,4 %

• AS DE PORTUGAL PARA A CEE DIMINUÍRAM

GENEVBRA, 8 — (F. P.) — As exportações totais da EFTA em Janeiro de 1971 atingiram 8 biliões e 882 milhões de dólares tendo tido um aumento de 6,4 por cento relativamente a Janeiro do ano passado.

As importações gerais da EFTA atingiram 4 biliões e 72 milhões de dólares ou seja mais 4,4 por cento. As exportações e importações do Reino Unido foram registadas com atraso por causa da greve dos correios britânicos. O comércio total da EFTA foi

um pouco mais importante do que indicam estes números.

As exportações interregionais da EFTA, num montante total de 951 milhões de dólares foram 9,4 por cento mais do que em Janeiro de 1970. As vendas de Portugal, da Islandia e do Reino Unido aos seus colegas diminuíram 39,1, 39,8 e 4,2 por cento respectivamente.

O numero indicado para o

Reino Unido está um pouco prejudicado pela razão já apontada. Foram a Suécia e a Dinamarca que registaram os aumentos mais sensíveis em percentagem: 19,1 e 18,2 por cento.

As exportações da AFTA para a CEE (os seis) elevaram-se em Janeiro a 809 milhões de dólares. As importações ascenderam a um bilião 271,6 milhões de dólares, tendo havido assim aumen-

tos de 4,6 e de 8,7 por cento respectivamente. Este aumento das exportações da EFTA foi atingido a despeito das vendas à CEE da Islandia, da Noruega, da Dinamarca e de Portugal terem diminuído.

As exportações da EFTA para os Estados Unidos continuaram a crescer para atingirem 298 milhões de dólares, mais 8,2 por cento, relativamente a Janeiro do ano

passado. As importações provenientes dos Estados Unidos, com 339 milhões de dólares, foram inferiores em 1,2 por cento ao nível de Janeiro de 1970.

VOZ DO OPERÁRIO

Comunicamos a prestigiosa Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário» que, na sua assembleia geral, foi aprovado por unanimidade um voto de louvor ao «Diário de Lisboa».

ESCORT
EM 6 VERSÕES

EXPERIMENTE...

E DEPOIS DECIDA

NO SEU CONCESSIONARIO

FORD LINCURI

AV. DA REPUBLICA, 32 — LISBOA

e concelhas de Castelo, Lagos, Oeiras, Sintra e V. F. Novo



CANAL DA CRÍTICA

por MARIO CASTRIM

CALMA!, HÁ CAVALOS PARA TODAS AS BOLSAS.

Ao princípio na TV Educativa, foi a presença de Pimenta da Gama. Vem dar umas lições de Hipismo. Chama ao cavalo «nobre bruto», digamos que começou a montar em burros com a idade de um ano e mais tarde confidenciou-nos que «o hipismo hoje é acessível a quase todas as bolsas». Tomei nota, com um contentamento bem compreensível, pois julgo ver chegar um dia a minha vez de andar

por esses montes e vales integrado em opulentas cobiadas.

Porém, eu gostaria de perguntar a Pimenta da Gama se não haverá por aí alguma ponta de exagero. Será assim mesmo tão acessível a qualquer bolsa? Certo, existem picadeiros civis e a Mocidade Portuguesa mantém cursos que funcionam nos quartéis da G. N. R.

O curso de hipismo vai prosseguir por algu-

mas (muitas, muitas!) semanas. Naturalmente Pimenta da Gama não deixará de responder à minha pergunta. Daqui lho solicito.

Falemos agora, falemos tanto quanto possível, da rubrica quinzenária «Convergência». Nela, a poetisa Natália Correia proferia numa conferência de bom recorte literário sobre Almada Negreiros; Mário Dias Ramos referiu-se «aos especialistas do bombismo intelectual», com intenções que não se descortinam facilmente; Jacinto Prado Coelho, entrevistado por Luís Cajão, falou da novel revista «Colóquio-Letras» que co-dirige e afirmou, a propósito, que «ela vinha preencher uma lacuna» pois «não havia em Portugal qualquer revista dedicada à literatura».

Retenha-se esta afirmação, que para muitos telespectadores terá sido uma grande surpresa. Surpresa, decerto, logo substituída por uma sensação de alívio. Não havia revista literária, mas já há, útil, pois assim se preenche uma lacuna!

No entanto, faltou dizer que, a revista custa 25 escudos. O bom-senso, entenderá que a lacuna pouco preenchida ficará. Ainda mais se nos lembrarmos que sairá quatro vezes por

ano... Pela parte que me toca, desejo à novel revista as maiores venturas e prosperidades, a bem da literatura nacional e brasileira, sem dependência de escolas, sectarismos ou de proselitismos, apenas fará uma discriminação: a de qualidade; apenas imporá uma norma: a da tolerância, de respeito mútuo. Como se lê nas palavras de apresentação da revista.

No entanto, o mais valioso da «Convergência» consistiu no capítulo dedicado a Sintra e ao Palácio da Pena. Sintra merece.

A vila de Sintra, com um total de 79 064 habitantes, fica na extremidade do caminho-de-ferro Lisboa-Sintra. Na outra extremidade fica Lisboa. Sintra, Lisboa e Cascais formam um triângulo. Tem vegetação luxuriante e também é uma vila suficientemente histórica.

Ver vi. Mas não ouvi. As condições acústicas, talvez porque o estádio estava quase vazio, talvez pelo tecto baixo das nuvens, eram tremendamente favoráveis. Tão tremendamente, que nunca apito arbitral nenhum se ouviu tão bem. Além disso, havia aquela corneta. Corneta feroz, implacável, tentónica. Corneta resolvida a estoirar-nos os tímpanos. Odienta corneta, perdão, já nem sei o que digo.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Às 16: Noticiário, 16 e 05: Ao sabor da fantasia; 17: Canções francesas; 17 e 30: «Foluc», Programa Infantil, por Ana Maria; 18 e 05: O convidado de hoje: Cat Stevens; 18 e 25: Música popular portuguesa; 19 e 10: Música de Zarzuela: «La Verbena de la Paloma» (Tomas Breton e Ricardo de La Vega); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O Conjunto: «Every Mothers Son»; 20 e 30: 12.º Episódio do Folhetim «Ben-Hur»; 21: Momen-

to 71; 21 e 20: Música, só música; 21 e 50: Dia a dia com a Ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Fados, por Maria Portugal e José Amaro; 22 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 23 e 05: Exits da Europa; 23 e 30: Canções que o mundo canta; 0 e 05: Ao encontro da melodia; 0 e 30: Rádio desporto; 0 e 45: Fados de Coimbra, por Loubet Bravo; 1: Diário Sonoro e Fecho.

2.º Programa metropolitano — Às 16: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Marga-

nida Brandão; 18 e 10: Música Portuguesa — Obras de Luís de Freitas Branco; 19: Transmissão do 56.º Património do Pontifical de comemoração da Cria do Senhor; Na final: (cerca das 20 e 15) — Solos de órgão — Pastoral em fá maior (Bach), pelo organista André Marchal; 20 e 45: Consolações (Liszt), pelo pianista Aldo Ciccolini; 21: Oratória «Davidde Penitente» (Mozart); 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Uma Abertura de Brahms; 22: Teatro dos nossos dias, pelo dr. Leopoldo de Araújo; «Presença Actante de Marte no Teatro Simbolista»; 22 e 58: Fecho.

Programa Este reofónico — MF 2 — Às 21: Festival de Bayreuth de 1970 (gravações cedidas pela Rádio da Baviera); Transmissão do drama musical em 3 actos «Parsifal», de Wagner; 0 e 58: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 8: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P.B.X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em SM; 22 e 02: Programa à G6-G6; 0 e 02: Em órbita - dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 19 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Rabbialac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: S6-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O Arouto da Verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as noções; 22 e 30: Tirocinio; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiograma; 18 e 05: Acerte conosco; 18 e 30: Recitação do terço; 19: Transmissão da Basilica dos Mártires, da Misericórdia do Senhor, da Cerimónia do Lava-Pés e do Serão; 20 e 55: Meditando; 21: O meu Cristo partido de casa em casa; 21 e 45: Música moderna religiosa; 22 e 30: A noite de 5.ª-feira, segundo a Bíblia; 23: Transmissão da Hora Santa, da Basilica dos Mártires; 24: Fecho.

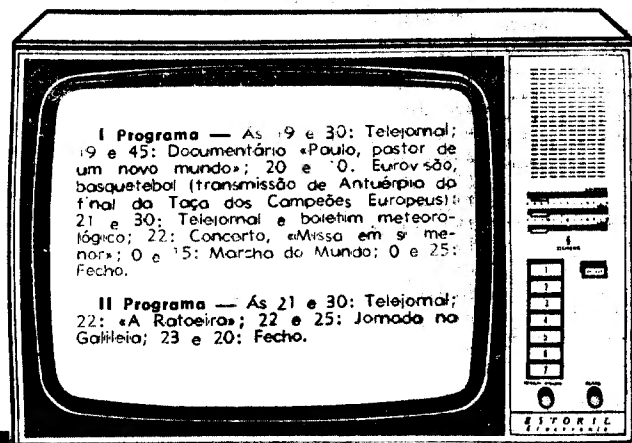
Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiograma; 17 e 15: Música seleccionada; 17 e 30: Missa da Cella do Senhor, transmitida da Sé Catedral do Porto; 19: Terço, da Basilica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 30: Eventual; 20 e 55: Meditando; 21: O meu Cristo partido de casa em casa; 21 e 45: Música moderna religiosa; 22 e 30: A noite de quinta-feira, segundo a Bíblia; 23: Transmissão da Hora Santa, da Basilica dos Mártires; 24: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 168 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30; Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22; Rádio Radiofónico de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2; Rádio Graça — Das 14 e 30 às 16 e 30.



TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — Às 20 e 45: Abertura e Telejornal; 21 e 10: Eurovisão, transmissão directa de Roma da Via Sacra presidida pelo Papa Paulo VI; 23: Fecho.

Devido à solenidade do dia, não há emissão no II Programa.



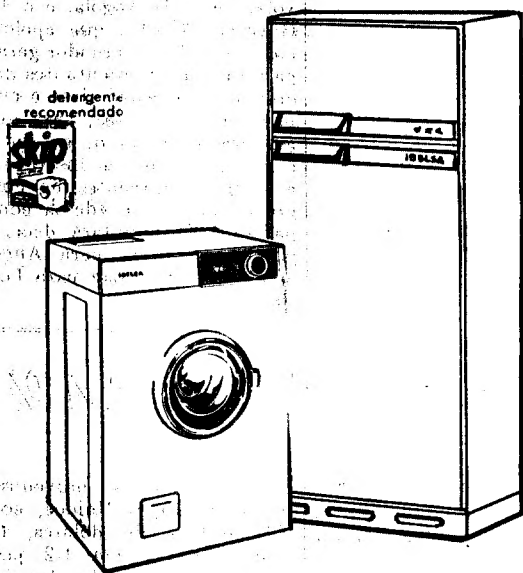
TUDOR

pilha para transistores

Electrodomésticos

IBELSA

qualidade sinónimo de garantia



DISTRIBUIDORES GERAIS

MONTEIROS & REYNOLDS, LDA.

(DIVISÃO ELÉCTRICA) TELFS. 83 8170 - 42 495

A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

OS SERVIÇOS DESTES ESTABELECIMENTOS ESTARÃO ENCERRADOS NOS DIAS 9 E 10 DO CORRENTE

QUINTA-FEIRA SANTA NA SÉ

A homilia do cardeal-patriarca referiu-se à crise de fé na Igreja

Os actos litúrgicos de Quinta-Feira Santa iniciados de manhã, tiveram maior importância na Sé Patriarcal, dada a presença do cardeal-patriarca e de elevada representação do clero.

Pouco antes das 11 horas chegou D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Depois de paramentado no seu camarim, assim

como os membros do Cabido, o eminente purpurado orou na capela do Santíssimo e seguiu em procissão para a capela-mor, enquanto um grupo coral feminino, dirigido pelo padre Manuel Luís, entoava o cântico alusivo ao acto, acompanhado pelo organista francês Antoine Siber-tin-Blanc.

Já ali se encontravam cerca de cem sacerdotes do clero regular e secular da diocese. O cardeal-patriarca tomou lugar no trono, tendo como presbítero-assistente o rev. cônego D. João de Castro, provigário geral do Patriarcado e assistentes os cônegos dr. Figueiredo Sarmento e José Amaro Teixeira. Em redor do trono de D. Manuel Gonçalves Cerejeira sentavam-se os componentes do cabido e os leigos auxiliares de Mitilene, Telepte e Tigilava.

Iniciou-se, em seguida, o Pontifical, concelebrado pelo presbítero, para a bênção dos óleos e renovação das promessas sacerdotais.

A renovação das promessas sacerdotais

Depois da liturgia da palavra, com leituras do profeta Isaías, o cardeal-patriarca proferiu uma homilia em que falou sobre a crise de fé na Igreja e a missão do sacerdote: continuar Cristo perante o mundo. Depois convidou os sacerdotes a renovarem publicamente os compromissos assumidos quando da sua ordenação.

Após a homilia, os sacerdotes circunstantes afirmaram a sua vontade de permanecer fiéis às regras fundamentais do exercício do ministério: o celibato e a obediência.

A missa prosseguiu e ao ofertório o antífista dirigiu-se para a entrada da capela-mor, onde procedeu à bênção dos Santos Óleos, que, como nos anos anteriores, foram oferecidos ao cardeal-patriarca pela Associação dos Farmacêuticos Católicos. A cerimónia decorreu na presença de presbíteros, diáconos e subdiáconos. Ao Evangelho o purpurado pronunciou uma breve homilia alusiva ao acto.

Almoço no Seminário de Cristo-Rei.

A exemplo do ano passado o tradicional almoço oferecido pelo cardeal-patriarca no Patriarcado aos membros do cabido e familiares do Paço do Campo de Santana, como símbolo da última ceia de Cristo com os apóstolos, efectuou-se no Seminário Maior Patriarcal de Cristo Rei, nos Olivais.



Um casal madrileno chegou a Lisboa de automóvel e foi ao Castelo de S. Jorge, ver a cidade lá de cima...

EMIGRANTES E TURISTAS EM VISITAS DE PÁSCOA

(Continuação da 1.ª página)

ras: alegria, saudações, cestos, malas e garrações.

Gente de primeira e gente de segunda classe com um objectivo comum: deixar Lisboa para trás e chegar dentro de uma, duas, três, quatro, cinco horas, à terra (ou terrinha) da naturalidade. Ai é que a Páscoa será boa. Trata-se de uma razão sentimental: não se discute.

Os comboios são «assaltados» por homens, mulheres e crianças. Janelas abertas pelos mais expeditos, imediatamente a bagagem é por ali introduzida pelos familiares que (estratégicamente) ficaram no cimento dos cais de embarque.

Bastantes «emigrantes»

E quanto aos emigrantes? Segundo a Secretaria Nacional da Emigração, cujos funcionários, pela primeira vez na Páscoa, foram colocados nos postos fronteiriços de Irun, Vilar Formoso e Valença, «entraram esta madrugada e nas primeiras horas da manhã bastantes emigrantes».

Os funcionários da Secretaria Nacional da Emigração estarão naqueles postos até dia 10, prestando todo o apoio aos portugueses que, trabalhando no estrangeiro, vêm passar a Páscoa entre nós.

Nórdicos em Lisboa e no Algarve

Utilizando ligações aéreas, regulares e de «charters», centenas de turistas, nomeadamente escandinavos, têm estado a chegar a Portugal com o objectivo de cá passarem as férias da Páscoa.

De manhã, procedente de Apena, aterrou na Portela um avião com turistas — e de tarde (14 e 30) chegou ali um outro procedente de Copenhaga.

Correias directas das companhias nórdicas para Faro, em regime de «charters», já estão a ser organizadas para a Páscoa.

pois — disse-nos o movimento do aeroporto da Portela.

Muitos turistas chegaram de Espanha

Muitos foram os turistas que, de Espanha, vieram de automóvel, à procura do Sol... e ficaram desolados por encontrarem «tudo encoberto». As pensões e hotéis de Lisboa estão cheios de visitantes espanhóis que hoje partiram à procura dos pontos pitorescos da cidade, a despeito dos aguaceiros.

Fomos encontrar, no Castelo de S. Jorge, de máquina fotográfica em punho, o eng. aeronáutico Octavio Ulibarri Maestre, de Madrid.

Acompanhavam-no sua esposa, Paqueta Sastre de Ulibarri, que trazia ao colo a pequenita Eva, de 3 meses, filha de ambos. «Estamos desolados com a falta de Sol», disseram. «Ficaremos cá até sábado, se não surgir o Sol. Se ele aparecer, só nos iremos embora na segunda-feira».

Viram-se em grande dificuldade para encontrar alojamento. «Não havia um quarto livre em qualquer hotel. Fomos para uma pensão».

«A Páscoa, na neve»

O Clube de Campismo de Lisboa, promove mais uma das suas tradicionais organizações «A Páscoa na neve», na Serra da Estrela, amanhã, sábado e domingo.

A digressão far-se-á em autocarros e automóveis, sendo a partida às 6 horas de

amanhã, no alto do Parque Eduardo VII, junto à Penitenciária.

Esta organização do C. C. L. tem por fim proporcionar a mais de uma centena de campistas e familiares, durante três dias, um alegre convívio em camaradagem e mostrar as belezas naturais da serra da Estrela.

DUAS COZINHEIRAS FERIDAS POR EXPLOÇÃO DO FOGÃO A GÁS

Feridas em consequência de explosão de um fogão a gás no restaurante onde trabalham, em Carcavelos, recolheram ao Hospital de S. José a cozinheira Albertina Pereira Cardoso, de 42 anos, e a ajudante Inácia Maria de Almeida, de 31 anos, residentes na Rua Oliveira, n.º 5-cave (Carcavelos).

ACIDENTE COM ARMA DE FOGO

Por acidente com arma de fogo, foi internado, esta madrugada, em estado muito grave, com uma bala na cabeça, no Hospital de São José, o sr. Luís dos Santos, de 54 anos, proprietário, residente em Conceição, Faro.

Roubou cinco carros e assaltou mais dois numa só noite de «trabalho»

• O «rato» tinha dois cúmplices

Um «rato» de automóveis (ajudado por dois companheiros) roubou no passado sábado cinco «minis» e assaltou ainda outros dois veículos, mas o grupo acabou por ser detido em consequência de um desastre ocorrido na Venda do Pinheiro.

O carro com que ocorreu o acidente (choque contra uma carroça) pertence ao médico dr. Fernando Alberto Flores Pimenta, residente em Almada.

Após o acidente, surpreendidos por uma brigada da G. N. R., os dois companheiros do principal «rato» (António Paulo Conceição Lopes, cadastrado em Portugal e Espanha, por furto e contrabando, actualmente a prestar serviço militar no B. C. 5), negaram conhecê-lo, afirmando que lhe haviam pedido uma boleia.

Mas foi rápido o desfecho da história. «Enganados» pelos agentes da G. N. R., que lhes disseram já ter o outro confesso tudo, os dois viajantes

(António da Silva Pereira, de 19 anos, solteiro, sem profissão, residente na Estrada da A-da-Maia, e José Manuel Gomes Soares, de 18 anos, mecânico de óptica, morador na Estrada do Poço do Chão, a Benfica) exclamaram:

— Está na tropa!...

A partir daí, tudo foi fácil para os agentes. E os dois jovens ajudantes já foram enviados ao Tribunal de Mafra, como cúmplices do Lopes, enquanto o «rato»-mor será julgado pela justiça militar.

Segundo nos disse, esta manhã, o dr. Fernando Pimenta, entre os documentos e objectos por cuja falta deu figuram elementos importantes para a organização do colóquio sobre diabetes, a realizar, no Hospital do Ultramar, em 21 e 22 de Maio próximo.

— Se as penas não fossem leves, como são, para estes roubos, certamente eles não seriam tão frequentes — comentou o dr. Fernando Pimenta.

A técnica dos «ratos» consiste em roubar um carro, gastar-lhe a gasolina e abandoná-lo para logo em seguida roubar outro, no mesmo local. No entanto, parece que no carro daquele médico, ao contrário, chegaram os larapios a meter gasolina.

Os veículos foram roubados (e abandonados) em Paço de Arcos, e na Avenida Elias Garcia, em Lisboa.

Grémio Lisbonense

Por iniciativa do Fundo de Beneficência do Grémio Lisbonense foi ontem distribuído, a exemplo dos anos anteriores, um bode a 100 famílias pobres de Lisboa, recebendo, cada, géneros alimentícios no valor de 50\$00.

BOM APETITE

CAFÉ «IMPAR»

NO

BAR RIBATEJO

PRACA DO AREEIRO, 11-D. ABRE AS 7 HORAS

CASTANHEIRA

E. da Torre - Lumiar - 790168

ESPECIALIDADES DIARIAS

AOS SABADOS E DOMINGOS

ORQUESTRA PRIVATIVA

DESTE RESTAURANTE

(Maiores de 15 anos)

a fuma

almôços jantares e teias até às 3 da madrugada fechados aos domingos

telefone 38.1.6

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

Teófilos de Cima, 144

telefone 790211 (14 e 15 anos)

JANTARES E JANTARES

AOS SABADOS E DOMINGOS

C/ conforto e limpeza

AMBIENTE DE JANTAR

FAMILIAR

PREMIADO

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 950232

DOMINGO DE PÁSCOA

ALMOÇOS E JANTARES — EMENTA ESPECIAL

Lembramos aos nossos Ex. Clientes a conveniência

de reservarem as suas mesas

A DIRECÇÃO

QUINTA-FEIRA SANTA NA SÉ

A homilia do cardeal-patriarca referiu-se à crise de fé na Igreja

Os actos litúrgicos da Quinta-Feira Santa iniciados de manhã, tiveram maior importância na Sé Patriarcal, dada a presença do cardeal-patriarca e de elevada representação do clero.

Pouco antes das 11 horas chegou D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Depois de paramentado no seu camarim, assim

como os membros do Cabido, o eminente purpurado entrou na capela do Santíssimo e seguiu em procissão para a capela-mor, enquanto um grupo coral feminino, dirigido pelo padre Manuel Luís, entoava o cântico alusivo ao acto, acompanhado pelo organista francês Antoine Siberlin-Blanc.

Já ali se encontravam cerca de cem sacerdotes do clero regular e secular da diocese. O cardeal-patriarca tomou lugar no trono, tendo como presbítero-assistente o r. v. cónego D. João de Castro, pró-vigário geral do Patriarcado e assistentes os cónegos dr. Figueiredo Sacramento e José Amaro Teixeira. Em redor do trono de D. Manuel Gonçalves Cerejeira sentavam-se os componentes do cabido e os leigos auxiliares do Milhene, Telepie e Tiguaya.

Iniciou-se, em seguida, o Pontifical, concelebrado pelo presbítero, para a bênção dos óleos e renovação das promessas sacerdotais.

A renovação das promessas sacerdotais

Depois da liturgia da palavra, com leituras do profeta Isaías, o cardeal-patriarca proferiu uma homilia em que falou sobre a crise de fé na Igreja e a missão do sacerdote: continuar Cristo perante o mundo. Depois convidou os sacerdotes a renovarem publicamente os compromissos assumidos quando da sua ordenação.

Após a homilia, os sacerdotes circunstantes afirmaram a sua vontade de permanecer fiéis às regras fundamentais do exercício do ministério: o celibato e a obediência.

A missa prosseguiu e ao ofertório o antífista dirigiu-se para a entrada da capela-mor, onde procedeu à bênção dos Santos Óleos, que, como nos anos anteriores, foram oferecidos ao cardeal-patriarca pela Associação dos Farmacêuticos Católicos. A cerimónia decorreu na presença de presbíteros, diáconos e subdiáconos. Ao Evangelho o purpurado pronunciou uma breve homilia alusiva ao acto.

Almoço no Seminário de Cristo-Rei.

A exemplo do ano passado o tradicional almoço oferecido pelo cardeal-patriarca no Patriarcado aos membros do cabido e familiares do Paço do Campo de Santana, como símbolo da última ceia de Cristo com os apóstolos, efectuou-se no Seminário Maior Patriarcal de Cristo Rei, nos Olivais.

Roubou cinco carros e assaltou mais dois numa só noite de «trabalho»

• O «rato» tinha dois cúmplices

Um «rato» de automóveis (ajudado por dois companheiros) roubou no passado sábado cinco «minis» e assaltou ainda outros dois veículos, mas o grupo acabou por ser detido em consequência de um desastre ocorrido na Venda do Pinheiro.

O carro com que ocorreu o acidente (choque contra uma carroça) pertence ao médico dr. Fernando Alberto Flores Pimenta, residente em Almada.

Após o acidente, surpreendidos por uma brigada da G. N. R., os dois companheiros do principal «rato» (António Paulo Conceição Lopes, cada-um de Portugal e Espanha, por furto e contrabando, actualmente a prestar serviço militar no B. C. 5), negaram conhecê-lo, afirmando que lhe haviam pedido uma boleia.

Mas foi rápido o desfecho da história. «Enganados» pelos agentes da G. N. R., que lhes disseram já ter o outro confessado tudo, os dois viajantes

Grémio Lisbonense

Por iniciativa do Fundo de Beneficência do Grémio Lisbonense foi ontem distribuído, a exemplo dos anos anteriores, um bode a 100 famílias pobres de Lisboa, recebendo, cada, gêneros alimentícios no valor de 50\$00.



Um madrileno chegou a Lisboa de automóvel e foi ao Castelo de S. Jorge, ver a cidade lá de cima...

EMIGRANTES E TURISTAS EM VISITAS DE PÁSCOA

(Continuação da 1.ª página)

ras: alegria, saudações, cestos, malas e garrações.

Gente de primeira e gente de segunda classe com um objectivo comum: deixar Lisboa para trás e chegar dentro de uma, duas, três, quatro, cinco horas, à terra (ou terrinha) da natalidade. Ali é que a Páscoa será boa. Trata-se de uma razão sentimental: não se discute.

Os comboios são «assaltados» por homens, mulheres e crianças. Janelas abertas pelos mais expeditos, imediatamente a bagagem é por ali introduzida pelos familiares que («straçgicamente») ficaram no cimento dos cais de embarque.

Bastantes «emigrantes»

E quanto aos emigrantes? Segundo a Secretaria Nacional da Emigração, cujos funcionários, pela primeira vez na Páscoa, foram colocados nos postos fronteiriços de Irun, Vilar Formoso e Valença, «entraram esta madrugada e nas primeiras horas da manhã bastantes emigrantes».

Os funcionários da Secretaria Nacional da Emigração estarão naqueles postos até dia 10, prestando todo o apoio aos portugueses que, trabalhando no estrangeiro, vêm passar a Páscoa entre nós.

Nórdicos em Lisboa e no Algarve

Utilizando ligações aéreas, regulares e de «charter», centenas de turistas, nomeadamente escandinavos, têm estado a chegar a Portugal com o objectivo de cá passar as férias da Páscoa.

De manhã, procedente de Azenas, aterrou na Portela um aparelho com turistas — e de tarde (14 e 30) chegou ali um outro procedente de Copenhague.

— Carreiras directas das capitais nórdicas para Faro, em regime de «charter», serão efectuadas amanhã e de-

pois — dissemos o movimento do aeroporto da Portela.

Muitos turistas chegaram de Espanha

Muitos foram os turistas que, de Espanha, vieram de automóvel à procura do Sol... e ficaram desolados por encontrarem «tudo encoberto». As pensões e hotéis de Lisboa estão cheios de visitantes espanhóis que hoje partilham a procura dos pontos pitorescos da cidade, a despeito dos aguaceiros.

Fomos encontrar, no Castelo de S. Jorge, de máquina fotográfica em punho, o eng. aeronáutico Octavio Ulibarri Maestre, de Madrid.

Acompanhavam-no sua esposa, Paqueta Sastre de Ulibarri, que trazia ao colo a pequenita Eva, de 3 meses, filha de ambos. «Estamos desolados com a falta de Sol», disseram. «Ficaremos cá até sábado, se não surgir o Sol. Se ele aparecer, só nos iremos embora na segunda-feira».

Viram-se em grande dificuldade para encontrar alojamento. «Não havia um quarto livre em qualquer hotel. Fomos para uma pensão».

«A Páscoa na neve»

O Clube de Campismo de Lisboa, promove mais uma das suas tradicionais organizações «A Páscoa na neve», na Serra da Estrela, amanhã, sábado e domingo.

A digressão far-se-á em autocarros e automóveis, sendo a partida às 6 horas da

amanhã, no alto do Parque Eduardo VII, junto à Penitenciária.

Esta organização do C. C. L. tem por fim proporcionar a mais de uma centena de campistas e familiares, durante três dias, um alegre convívio em camaradagem e mostrar as bezas naturais da serra da Estrela.

DUAS COZINHEIRAS FERIDAS POR EXPLOÇÃO DO FOGÃO A GÁS

Feridas em consequência de explosão de um fogão a gás no restaurante onde trabalham, em Carevelos, recolheram ao Hospital de S. José a cozinheira Albertina Pereira Cardoso, de 42 anos, e a ajudante Inácia Maria de Almeida, de 31 anos, residentes na Rua Oliveira, n.º 5-cave (Carevelos).

ACIDENTE

COM ARMA DE FOGO

Por acidente com arma de fogo, foi internado, esta madrugada, em estado muito grave, com uma bala na cabeça, no Hospital de São João, o sr. Luís dos Santos, de 51 anos, proprietário residente em Conceição, Faro.

BOM APETITE

CASA ANHEIRA

E. da Torre - Lumiar - 790168

ESPECIALIDADES DIARIAS

AOS SABADOS E DOMINGOS

ORQUESTRA PRIVATIVA

DESTE RESTAURANTE

(Membros de 15 anos)

CAFÉ «IMPAR»

NO

BAR RIBATEJO

PRAÇA DO AREEIRO, 11-D

ABRE AS 7 HORAS

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

Telhadas de Cima, 144

Telef. 790211 (IM) 15 anos

JANTARES DANÇANTES

AOS SABADOS E DOMINGOS

C/ conjunto Privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE

FAMILIAR

PREMIADO PELO SNI

a fuma

almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada fechado aos domingos

r. ferreira lapa, 38 D - (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 49 49

COZINHA VELHA

QUELUZ - TELEFONE 950232

DOMINGO DE PÁSCOA

ALMOÇOS E JANTARES - MENÚ ESPECIAL

Lembramos aos nossos Ex. Clientes a conveniência

de reservarem as suas mesas

A DIRECÇÃO



«DOMICÍLIO CONJUGAL»

TÍTULO ORIGINAL — «Domicílio Conjugal»
REALIZAÇÃO — François Truffaut, 1970 (França)
ARGUMENTO — François Truffaut, Claude de Givray e Bernard Revon
FOTOGRAFIA — Nestor Almendros (Eastmancolor)
MÚSICA — Antoine Duhamel
INTERPRETES — Jean-Pierre Léaud, Claude Jade, Hiroko, Barbara Laage, Daniel Boulanger, Claire Duhamel, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Filmes Castello Lopes
ESTREIA — Cinema Condes (30-3-971).

Caso único na história do cinema mundial é sem dúvida, a figura de Antoine Doinel, de que Truffaut traça o retrato de corpo inteiro ao longo de (já) quatro obras. Surgido nos «400 golpes», Doinel prossegue a sua aventura em «Antoine e Colette» (episódio de cerca de vinte minutos, inserido no filme «L'Amour à Vingt Ans», inédito comercialmente entre nós), «Beijos Roubados» e, agora, «Domicílio Conjugal». Da adolescência ao casamento, Doinel (onde Truffaut se reflete um pouco a si próprio) vai descobrindo os outros e o mundo, caminhando da paixão ao amor adulto, da timidez à rebeldia, da desilusão à amargura. Existindo, cruzando-se com outros, Doinel descobre a alegria de viver, a magia da felicidade de estar vivo. Mesmo quando à sua frente se estende o mar insubmersível, mesmo quando última a história seja a de uma desilusão de amor, mesmo quando, como em «Domicílio conjugal», tudo parece indicar que o homem aceitou as regras do jogo. Pertencente a um grupo de filmes que constituem como que a tradição renouanciana do cinema francês, «Domicílio

conjugal» possui grande parte das virtudes das obras de Truffaut, acentuando, no entanto, os seus limites. O tom é de orônica onde a visão é humana. Doinel vive os primeiros tempos de casado, dorme ao lado da mulher que ama, espera o primeiro filho, comete o primeiro adultério, passa as primeiras noites fora de casa, ultrapassa a primeira grave crise matrimonial. Truffaut é um cineasta de olhar discreto e pudico, um homem incapaz de julgar severamente as pessoas. «Domicílio conjugal» é, por isso mesmo, um filme que reflete um certo desencanto, mas não critica uma situação, não impõe um juízo, não obriga o espectador a uma atitude ativa frente à realidade que apresenta. As desventuras de Doinel, agora assimiladas pela engrenagem burguesa da sociedade, são episódios por onde perpassa uma certa melancolia, mas onde se pode descobrir também um fatalismo algo desagradável de surpreender. Truffaut tem consciência disso e, assumindo conscientemente o tom escolhido, põe na boca do seu protagonista uma frase-chave: «Uma obra de ar-



TRUFFAUT (NO «VOX»)

te não é um ajuste de contas, ou então não é uma obra de arte». Frase que poderá suscitar graves reparos, o que se verifica, aliás, no contexto de «Domicílio conjugal», pelas razões atrás expostas.

Dito isto, quer-nos parecer igualmente estulto afirmar ser este «Domicílio conjugal» um filme totalmente falhado. Será não só não compreender Truffaut, como ao mesmo tempo cometer grave injustiça. Na verdade, François Truffaut nunca foi um cineasta particularmente incisivo na sua análise frente à realidade social francesa. Ele sabe apenas de algumas pessoas e fala unicamente do que sabe. O seu cinema nunca foi um ajuste de contas e será impossível pedir-lhe isso agora. No caso presente, Doinel é um homem que se vai fechando dentro de circuitos cada vez mais apertados. De filme para filme sente-se esse esgotamento. As consequências desta opção são certamente ditadas pela observação directa da sociedade que Truffaut retrata (e na qual se inscreve). O seu testemunho só terá, todavia, valor de denúncia social quando enquadrado por uma análise exterior à própria obra. Truffaut edita-se pessoalmente a qualquer comentário que sugira ajuste de contas. Fica-se

pelo retrato, não penetra a realidade. Por isso Doinel nos surge desamparado, perdido, assimilado já. Final que é, afinal, o da burguesia francesa do pós-guerra. Coerência, portanto. Que Doinel terminasse de outra forma, isso é que seria de espantar...

Quanto ao resto, Truffaut é um cineasta admirável pelo rigor da observação, pelo pudor do tratamento, pelo humor das situações. «Domicílio conjugal» não será o melhor exemplo, mas é seguramente Truffaut. Mesmo quando ele não esquece Hitchcock e passa o estrangulador pela cidade. Mesmo até quando não sabe fugir à facilidade de certas anotações.

Jean-Pierre Léaud continua sendo Antoine Doinel. Impossível dissociar um do outro. Christine é a bela Claude Jade e a tentação da liberdade é aqui Hiroko. Antoine Duhamel compõe a partitura musical, criando uma atmosfera que oscila do desalento à alegria de estar vivo. Pequena alegria esta de estar vivo num mundo que se articula na base do conformismo. Alegria, porém, que ainda se não perdeu. Aqui reside a única esperança. O trajecto de Doinel permanece a sintonia...

LAURO ANTONIO

«AS VIAGENS DE GULLIVER PARA ALÉM DA LUA»

TÍTULO ORIGINAL — Gulliver's Travels Beyond The Moon
REALIZAÇÃO — Yoshio Kuroda, 1966 (Japão-E. U. A.)
ARGUMENTO — Sinichi Sekizawa
DESENHOS — Hideo Furusawa (Technicolor e Cinemascope)
MÚSICA — Milton Deluge e Anne Deluge
DISTRIBUIÇÃO — Exclusivos Triunf
ESTREIA — Cinema Odeon (31-3-1971)

Discursivo (o que é mau) e didático (o que pode até ser bom), «As viagens de Gulliver para Além da Lua» pretende ser a apologia da esperança. Esperança vaga em melhores dias para os homens. O realizador, o japonês Yoshio Kuroda, faz o seu filme partir de uma ex-

ibição do clássico de Dave e Max Fleischer: «Gulliver's Travels» (1939), presenciada por um rapazinho perseguido pela má sorte. Será ele, porém, (juntamente com um «gronel» de madeira e um cão pequenote), quem irá descobrir o velho Gulliver que prepara uma viagem interplanetária, em direcção a uma estrela formosa.

O resto é a viagem e as suas peripécias padrorentas. Tudo com um desenho muito primário que fica a milhas do talento barroco dos irmãos Fleischer, (a comprovar, temos a sequência do naufrágio que Kuroda cita em homenagem). Mas, como as crianças merecem ir ao cinema e como do mal o menor, «Gulliver» é sempre de ver. Não é muito bom, mas é, ainda assim, um convite ao impossível.

L. A.



BOM TEATRO NO MARIA MATOS — O Grupo 4 continua a apresentar todas as noites no Maria Matos a excelente peça de Eduardo Manet «As irmãs», traduzida e encenada por Costa Ferreira. Espectáculos só até domingo, com descanso da companhia amanhã

INDÚSTRIA DE SEGUROS

Uma vez que a Union Assurance Society, Ltd., com sede em Londres, desistiu de todas as autorizações que lhe foram concedidas para exercer a indústria seguradora em Portugal e requerer autorização para transferir o activo e o passivo, bem como a carteira de seguros, para a sua congénere The Northern Assurance Company, Ltd., também com sede em Londres, por intermédio de E. Pinto Basto & C. Ld., seu agente geral em Portugal, foi isso autorizado, bem como a exploração dos ramos «Agrícola», «Riscos múltiplos» e «Viagens — Terra, mar e ar»

«SOLNADO-SHOW»

SÓ EM 1972

RIO DE JANEIRO, 8 — (A. N. I.) — Raul Solnado, convidado para fazer uma temporada no Brasil, recusou por se encontrar nesta cidade em férias e ter já compromissos para os próximos meses.

Prometeu, porém, actuar no Brasil em 1972 e entretanto procura contratar o cómico brasileiro Chico Antão para se apresentar ao público de Lisboa, no Teatro Villaret.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascaes • Tocam: António Bessa e Fernando Reis
 Consumo mínimo 60\$00 • Rua das Taipas, 14 • Tel. 32 72 56.

BALEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25\$00 • À noite, consumo mínimo 40\$00 — Av. Marginal, 21-22 (Defundo) — Telef. 21 32 59 • Encerra às quartas-feiras.

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva, Adriano Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelo Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — Cons. mínimo 40\$00 • Trav. da Espera, 8 — telef. 35 4 64 • Encerra às 5 da madrugada.

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Camara, João Braga

Ana Rosmaninho • António de Mello-Correia Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa • Pedro Leal • Encerra aos domingos • Consumo mínimo: 90\$00 • Beco dos Cortumes, 10 • Telef. 86 0816.

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramim Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» • Cons. mín. 50\$00. R. da

Barraca, 133 • Telef.: 36 97 60 • 30532 • Encerra às 3.ª feiras.

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Emília, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em todos de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (violão) Conjunto privativo de Danças Regionais dirigido por António Cunha • Travessa da Quelmada, 10-16 • Telef.: 362889-328503.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amadeo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz Trio Aroucos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira • Cons. mín. 70\$00 • Rua do Norte, 91 • Telef.: 30095-328713 • Encerra à segunda-feira

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emília Reis, Luís Braga e Benvidio Cruz Tocam: Pedro Calgeira Cabral e Fernando Alvim.

Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros • Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.) • Rua Gilberto Rolz, 24 • Telefones: 67 66 55 e 67 24 31

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo • Rua «Diário de Notícias», 107 • Telef.: 32 83 07. • Encerra aos domingos.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO

A presença de António Macedo. Pop-Soul e Underground • sempre os últimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra Estados Unidos e Brasil • Aberto todos os dias das 16 às 20 e das 22 às 3:30 h • Rua Carlos dos Reis 51-A • Telef. 775695

CLUBE ANDALUZ

Bolito com atracções espanholas • Música constante • Calçada Marquês de Abrantes. 64-66 • Telefone 667264

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar. Reabertura Breve R. S. Tomás, 86, A. B. C. — ALFAMA — Lisboa — Tel. 86 633

SANZALA

Um pouco de África • Música constante • Telef. 367136 • Encerra às 3 horas

MAXIME

Conjunto 6 • Recepção • Madril • «Show» artístico • Vendas internacionais • Preço de Alegria, 58 • Telef. 55968

a furna

música gravada • ceia • dança • música • fechado aos domingos • 38 d • (telefone 36 1049)

AMBA

Musica e s/ Conjunto • Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 • Matinées todos os dias • Encerra aos domingos

CASINO DO ESTORIL

Jogo de cartas • 150000 • 25000 • 15000 • 25000 • 15000 • 25000 • 15000 • 25000

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 1-A • Telef. 49384 • Cons. Helder Reis • Encerra aos domingos

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Musical • 15000 • 25000 • 15000 • 25000 • 15000 • 25000 • 15000 • 25000

«DOMICÍLIO CONJUGAL»

ESTREIA — Cinema Con-
des (30-3-971).

TRUFFAUT (NO VOX..)

LAURO ANTONIO

(31-3-1971)

O resto é a viagem e as suas peripécias, padronizadas. Tudo com um desfecho muito primário que fica a milhas do tanto-better, dos irmãos F. O. S. (a compilar, todos a sequência do naufrágio que Kuroda cria em homenagem). Mas, como as crianças merecem ir ao cinema e como do mal o menos, «Gulliver» é sempre de ver. Não é muito bom, mas é, ainda assim, um conto impossível.

L. A.

SÓ EM 1972

*Prometeira, porém, de
lutar no Brasil em 1972 e
enfrentando sempre com
batalar o cinema brasileiro
Chico Anísio para se apre-
sentar ao público de Lis-
boa, no Teatro Villaret.*

**TERRAÇO DAS ESTRELAS
(HOTEL EMBAIXADOR)**



— LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" —

A SORTE ESCOLHEU UM ARDINA E UMA TABACARIA

QUANDO É O LEITOR QUE COM UM PRÉMIO FAZ DOIS PREMIADOS

Espalhou-se depressa entre os agentes e vendedores do nosso jornal a notícia da atribuição dos prémios que lhes eram destinados. O mais curioso é que o leitor premiado não tinha indicado o nome de nenhum vendedor. Assim houve que recorrer aos suplentes. Mas aí novo proble-

O publico gosta destas iniciativas e fica satisfeito por saber que o vendedor também é contemplado. Ligam-me muitas simpatias ao Diário de Lisboa. O meu pai foi lá empregado muitos anos.

Salvador Libanio falou-nos depois dos seus clientes que

Esta foi a maneira subtil como a sr.^a D. Conceição Ester Silva Lourenço e o marido, proprietários da Casa Havaneza, em Almada, receberam a notícia e que começou por lhes provocar um tremendo susto pois o casal, que já tinha automóvel, deixara-o estacionado na rua. O primeiro pensamento foi que algum autocarro lhes tinha destruído metade do carro.

— Foi um susto tremendo que apanhámos. Agora estamos contentes como se imaginava. Acho esta iniciativa maravilhosa. O publico gosta porque não tem problemas, não precisa cadernetas nem nada. Basta entregar apenas os cupões.

— Quando procuraram confirmar a notícia?

— Não procurámos confirmar porque a pessoa que nos informou merecia toda a confiança. Aguardávamos a chegada do jornal.

A Casa Havaneza é uma das antigas tabacarias de Almada revelando-nos o seu proprietário sr. Carlos da Silva Lourenço:

— Vendemos o Diário de Lisboa há 20 anos. A princí-

pio esta zona era nova e tinha pouco movimento mas agora tem uma ótima situação e possuímos muitos leitores certos do jornal.



Salvador Libanio: «Ligam-me muitas simpatias ao «Diário de Lisboa»

SEGUNDA FASE DA NOSSA INICIATIVA

OUTRO AUTOMÓVEL PARA QUEM VENDE

• «Acho ótimo que se lembrem de nós»
— aprova um vendedor de Alges

Provocou natural satisfação entre as muitas centenas de vendedores do «Diário de Lisboa» a iniciativa lançada pelo nosso jornal «Leitor do Diário de Lisboa», extensiva também a quem vende. Pela primeira vez (muitos foram os que referiram esse facto), os vendedores, que são também um pouco da vida do jornal, foram lembrados e, tal como para os leitores, também para eles há prémios de apreciável valor.

Terminada a primeira fase da iniciativa «Leitor do Diá-

rio de Lisboa» vai agora principiar a segunda, tendo como primeiro prémio destinado aos vendedores e agentes, uma carinha Citroen, que já ontem pôde ser observada por um grupo numeroso de vendedores. Naturalmente excitados com a perspectiva de lhes sair um prémio como o primeiro que acaba de ser atribuído.

Delfim Pereira, de Alges, vende jornais há pelo menos 15 anos e manifestou-se nos seguintes termos:

— Acho ótimo que se lembrem de nós. É uma iniciativa que ninguém tivera ainda. Sempre é um apoio e um motivo para o vendedor ter mais vontade de trabalhar. Claro que nem todos podem ter sorte mas de qualquer forma, mesmo que não me saia floc na mesma satisfeito.

Outro vendedor entusiasmado era Fernando dos Santos que há 28 anos vende jornais na Avenida da Liberdade, em frente ao Café Palladium.

— Para mim todas as iniciativas do «Diário de Lisboa» são esplêndidas. Claro que antes queria o dinheiro em lugar do carro mas para outros colegas o carro está bem.

Entre os vendedores mais conhecidos alguns quase são figuras típicas da cidade. Lindo da Assunção, por exemplo, vende jornais há cerca de 40 anos, dos quais 20 à porta do Palladium.

— Foi uma boa iniciativa. Eu pessoalmente nunca na minha vida tirei um prémio. Um automóvel é sempre prático para a nossa vida embora se me saísse eu antes quisesse o dinheiro. Para quem tem vendas grandes o automóvel faz feito. Eu ando há 40 anos a pé e de baixo de chuva. Vamos lá ver se desta vez tenho sorte.



«Foi um susto tremendo que apanhámos. Agora estamos contentes, como se imaginava» — disseram os proprietários da Casa Havaneza, em Almada

ma surgiu aos nossos serviços. O suplente apurado tinha indicado o nome de dois vendedores. Nos dias de semana, como trabalha em Lisboa, compra o jornal ao vendedor Libanio que há 18 anos exerce a sua actividade no Terreiro do Paço, junto aos cacilheiros. Nos dias de semana é cliente da Casa Havaneza, em Almada.

A solução foi atribuir o prémio aos dois vendedores indicados.

Salvador Figueiredo Libanio tem centenas de clientes certos que o felicitavam. Clientes e, simultaneamente, emigra para quem comprar o Diário de Lisboa antes de ir para o barco para a outra banda é um hábito.

— Fiquem como é natural muito satisfeitos. Até agora não houve nenhum problema.

compram o Diário de Lisboa e que identificou num grupo específico.

— São normalmente pessoas de 35 anos para baixo havendo mesmo muitos com idade inferior a 20 anos.

— Uma vez que apenas lhe saiu meio automóvel o que tencionava fazer?

— Vou fazer um acordo com o meu «sócio». Se fosse só eu sabia como dar resolução ao caso. O carro seria para o meu filho que está internado num hospital há quatro anos, devido a uma queda que deu de um autocarro e a um atropelamento e deve ficar agora curado após uma série de operações. Era depois da cura o melhor prémio que lhe podia dar.

UM GRANDE SUSTO

...uma notícia... metade do...



A... segunda... vendedores... iniciativa...

— LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" —

A SORTE ESCOLHEU UM ARDINA E UMA TABACARIA

QUANDO É O LEITOR QUE COM UM PRÉMIO FAZ DOIS PREMIADOS

Espalhou-se depressa entre os agentes e vendedores do nosso jornal a notícia da atribuição dos prémios que lhes eram destinados. O mais curioso é que o leitor premiado não tinha indicado o nome de nenhum vendedor. Assim houve que recorrer aos suplentes. Mas aí novo proble-

O público gosta das iniciativas e fica satisfeito por saber que o vendedor também é contemplado. Ligam-me muitas simpatias ao Diário de Lisboa. O meu pai foi lá empregado muitos anos.

Salvador Libanio falou-nos depois dos seus clientes que

Esta foi a mancha subtil como a sr.^a D. Conceição Ester Silva Lourenço e o marido, proprietários da Casa Havana, em Almada, receberam a notícia e que começaram por lhes provocar um tremendo susto pois o casal, que já tinha automóvel, deixara-o estacionado na rua. O primeiro pensamento foi que algum acidente lhes tinha destruído metade do carro.

— Foi um susto tremendo que apanhámos. Agora estamos contentes como se imaginava. Aho esta iniciativa maravilhosa. O público gosta porque não tem problemas, não precisa cadernelas nem nada. Basta entregar apenas os cupões.

— Quando procuraram confirmar a notícia?

— Não procurámos confirmar porque a pessoa que nos informou merecia toda a confiança. Aguardáramos e a notícia confirmava-se.

A Casa Havana é uma das antigas tabacarias de Almada revelando nos o seu proprietário sr. Carlos da Silva Lourenço.

— Vendemos o Diário de Lisboa há 20 anos. A principal

nesta zona era nora e tinha pouco movimento mas agora tem uma ótima situação e possuímos muitos leitores e leitores do jornal.



Salvador Libanio: «Ligam-me muitas simpatias ao «Diário de Lisboa»

SEGUNDA FASE DA NOSSA INICIATIVA

OUTRO AUTOMÓVEL PARA QUEM VENDE

• «Acho ótimo que se lembrem de nós» — aprova um vendedor de Algés

Proveem natural satisfação entre as muitas centenas de vendedores do «Diário de Lisboa» a iniciativa lançada pelo nosso jornal «Leitor do Diário de Lisboa», extensiva também a quem vende. Pela primeira vez (muitos foram os que referiram esse facto), os vendedores, que são também um pouco da vida do jornal, foram lembrados e, tal como para os leitores, também para eles há prémios de apreciação valor.

Terminada a primeira fase da iniciativa «Leitor do Diá-

rio de Lisboa» vai agora principiar a segunda, tendo como primeiro prémio destinado aos vendedores e agentes, uma e a mesma Citroen, que já em qualquer lugar é observada por um grupo numeroso de vendedores. Naturalmente excitados com a perspectiva de lhes sair um prémio como o primeiro que acaba de ser atribuído.

Delfim Pervira, de Algés, vende jornais há pelo menos 15 anos e manifestou-se nos seguintes termos:

— «Acho ótimo que se lembrem de nós. É uma iniciativa que ninguém tivera ainda. Sempre fui um apoiante e um modelo para os outros ter mais vontade de trabalhar. Claro que nem todos podem ter sorte mas de qualquer forma, mesmo que não me seja fido na mesma satisfação.

O vendedor entusiasmado da Avenida dos Santos, que há 23 anos vende jornais na Avenida da Liberdade, em Lisboa, o Café P. Cladium.

— Para mim todas as iniciativas do «Diário de Lisboa» são esplêndidas. Claro que antes queria o dinheiro em lugar do carro para outros colegas a cargo, está bem.

Entre os vendedores mais conhecidos alguns quase são figuras típicas da cidade. Assim, há o sr. A. S. Almeida, por exemplo, que há mais de 40 anos, desde os 20, trabalha no P. Cladium.

— Foi uma boa iniciativa. Eu pessoalmente nunca tinha tido uma vez um prémio. Um automóvel é sempre prático para a nossa vida embora se me saísse eu antes quisesse o dinheiro. Para quem tem vendidas muitas vezes o automóvel faz falta. Eu ando há 40 anos a pé e debaixo de chuva. Vamos lá ver se desta vez tenho sorte.



«Foi um susto tremendo que apanhámos. Agora estamos contentes, como se imaginava» — disseram os proprietários da Casa Havana, em Almada

ma surgiu aos nossos olhos. O suplente apanhado tinha indicado o nome de dois vendedores. Nos dias de semana, como trabalha em Lisboa, compra o jornal ao vendedor Libanio que há 18 anos exerce a sua actividade no Terreiro do Paço, junto aos caçadores. Nos dias de semana é cliente da Casa Havana, em Almada.

A solução foi atribuir o prémio aos dois vendedores indicados

Salvador Figueiredo Libanio tem centenas de clientes e muitos que o felicitavam. Clientes e, simultaneamente, amigos para quem comprar o Diário de Lisboa antes de tomar o barão para a outra banda é um hábito.

— Fiquei como é natural muito satisfeito. Até agora não houve nenhum jornal que se lembrasse dos vendedores como fez o Diário de Lisboa.

compram o Diário de Lisboa e que indicaram um grupo específico.

— São normalmente pessoas de 35 anos para baixo, tendo o mesmo modo de vida inferior a 20 anos.

— Uma vez que apuramos o meu meio automóvel o que tenho a fazer?

— Vou fazer um acordo com o meu «sócio». Se fosse só eu sabia como dar resolução ao caso. O carro seria para o meu filho que está internado num hospital há quatro anos, devido a uma queda que deu de um autocarro e a um atropelamento e deve ficar agora curado após uma série de operações. Era depois da cura o melhor prémio que lhe podia dar.

UM GRANDE SUSTO

— Vou dar-lhes uma novidade. Ficaram com metade do carro. A outra foi-se.



A carrinha «Citroen», primeiro prémio destinado aos vendedores na segunda fase da nossa iniciativa, já ontem pôde ser observada por um grupo numeroso de vendedores, naturalmente excitados com a perspectiva de lhes sair tão valioso prémio



Que há de comum
entre um avião

e um carrinho de bebé?



a **IMPÉRIO** sabe
que acima de tudo os seus clientes exigem segurança

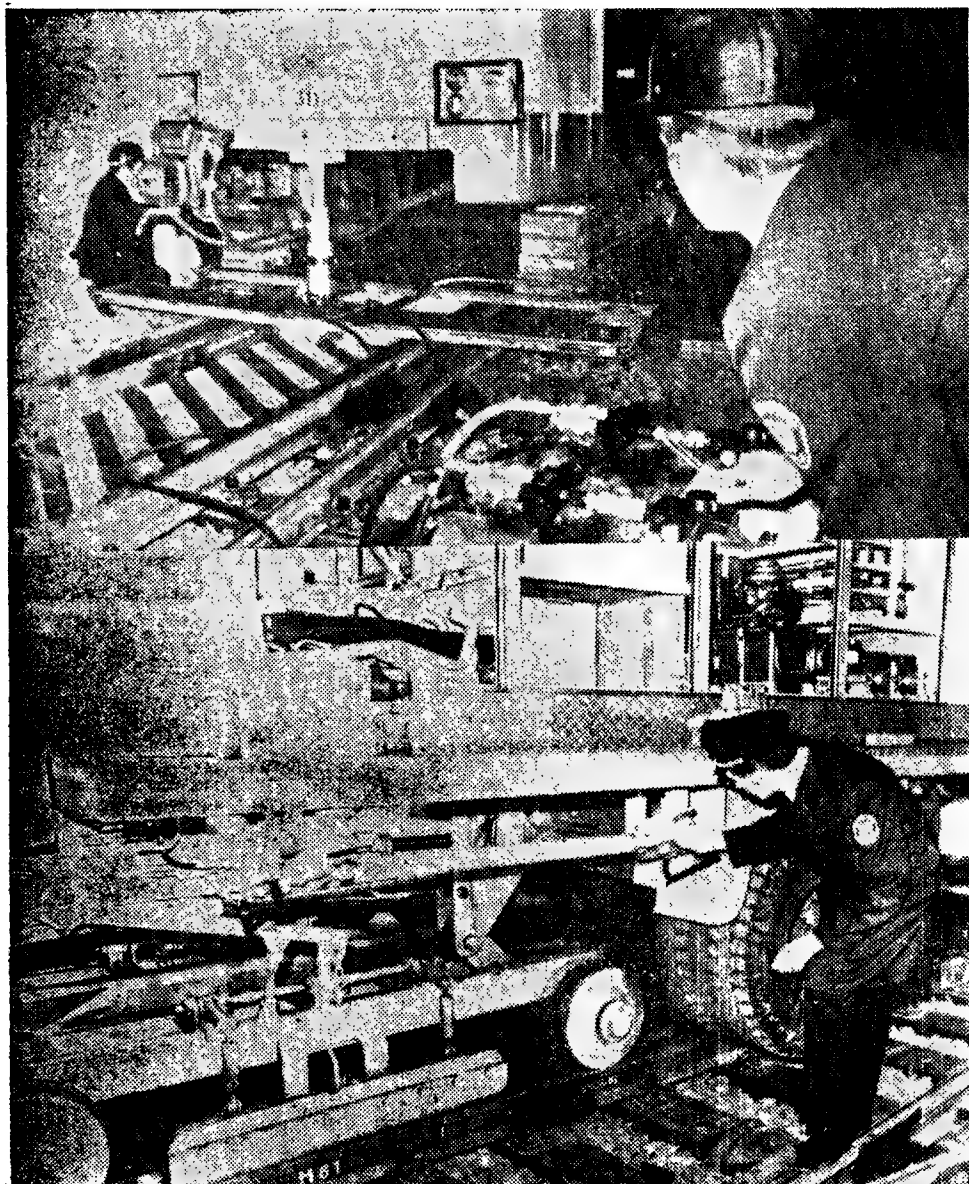
Para transportar mais depressa, os homens criaram a força poderosa dos reactores. Contudo, uma força simples faz mover um carrinho de bebé: o amor da mãe. O amor da família que quer criar um filho em segurança. E em segurança cria para ele um futuro. Também numa grande companhia aérea se exige segurança. As pessoas e os bens transportados. Os homens que nela vivem e lhe dão vida, porque querem trabalhar em segurança. A Império sabe que, acima de tudo, os seus clientes exigem segurança. No mundo do lar. Da profissão. Dos bens. Dos negócios.

A Império tem para todos a medida exacta duma vida mais segura. Criou modalidades racionais de seguros que respondem abertamente às necessidades dos homens. As necessidades das empresas. No mundo de hoje. E frente ao futuro.

* Ainda acerca de aviões - a Império é no nosso país a maior seguradora do ramo aéreo. Cada Boeing em voo, representa um capital em risco, segurando-se ao valor da ponte sobre o Tejo.

Contacte um homem da Império. É um amigo.





Os bombeiros de Francfort possuem um carro de socorro que deve ser unico no Mundo, pois além das rodas de pneus, para estrada, está equipado com um dispositivo que lhe permite circular sobre carris. Assim, o pronto-socorro, em caso de sinistro na via férrea ou no metropolitano, pode ir até ao próprio local do acidente. A mudança é rápida e fácil e o motor de propulsão, de 250 cavalos, serve para ambos os sistemas. O modelo deste carro foi realizado com a colaboração de quatro firmas alemãs. Apesar do seu elevado custo — cerca de dois mil contos — os bombeiros de Francfort já encomendaram outro carro do mesmo tipo.

OS PROBLEMAS DA FRUTICULTURA NO DISTRITO DE COIMBRA

COIMBRA, 8 — Com a instalação de pomares, especialmente de macieiras no Alto do distrito de Coimbra, a fruticultura está a tomar apreciável incremento e pode ter significativa influência na economia local.

A instalação desses pomares obrigou os agricultores a dispêndios avultados, mas a rentabilidade do investimento será seriamente prejudicada se os cuidados nas cul-

turas não forem devidamente conduzidos, e a fruta produzida não satisfazer as exigências de qualidade que garantam preço remunerador.

A Brigada Técnica da XVIII Região Agrícola mantém nos conceitos de Oliveira do Hospital, Tábua e Arganil um técnico, cuja principal actividade tem sido a assistência aos fruticultores, nomeadamente para a plantação e poda das fruteiras.

A sua acção deverá, porém, ser apenas encaminhada no sentido de dar aos produtores as indicações convenientes para a condução dos seus pomares, mas serão necessariamente estes que se deverão encarregar da execução.

De facto, dado o numero de pomares já existentes, as tarefas que o técnico tem a seu cargo, se este assumisse, também, as funções de gestor das explorações além de

um condenável desvio de atribuições, os resultados seriam francamente negativos, por o técnico não poder atender devidamente todos os domares

Por isso se vai procurar desenvolver um trabalho de grupo de fruticultores, com a colaboração do técnico dos serviços para que, em conjunto, tratem de assuntos de interesse comum e procurem resolver as suas dificuldades.

Um dos aspectos que convém desde já encerrar é o da defesa sanitária dos pomares. Para que se consigam bons resultados dos tratamentos é necessário que se apliquem os produtos adequados, na oportunidade devida e com uma técnica eficiente. Dado que a oportunidade de execução de tratamentos decorre num período muito curto, é indispensável que o fruticultor saiba quando deve intervir e disponha de quem saiba preparar as calda e executar as aplicações.

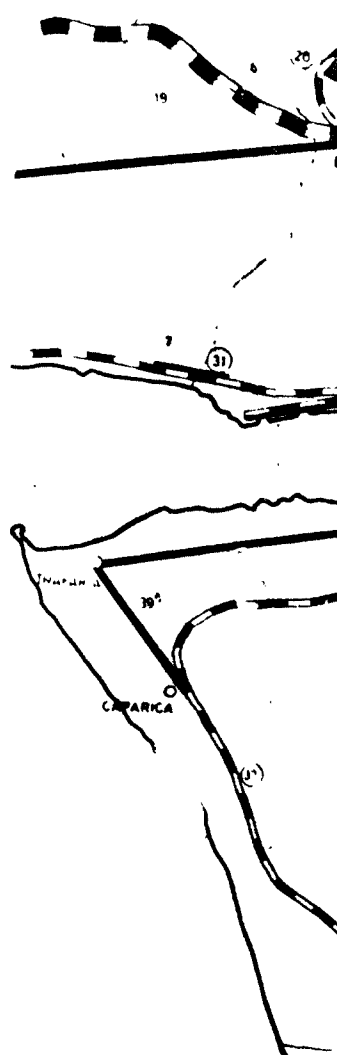
mã-da-Costa da Caparica e Fonte da Telha. O Conselho Superior de O.P. aconselhou ainda uma ligação directa de Coima a Setúbal para aproximar mais esta cidade de Lisboa. Recomendou também o prolongamento do ramal do Montijo a Alcochete e Muge.

Além disso, na margem sul do Tejo, está também prevista a ligação ferroviária ao futuro aeroporto de Lisboa, em Rio Frio, a partir da linha que vai para Setúbal e para o Moito.

A estação de Palhavã e a linha Benfica-Cascais

«Nó ferroviário de Lisboa» é a designação dada pelos técnicos a todas as infra-estruturas ferroviárias existentes em Lisboa e arredores, abrangendo um raio de 50 a 60 quilómetros. Se tivermos em conta as tendências do movimento demográfico e o crescimento do parque industrial em Lisboa e arredores, concluiremos facilmente pela importância do papel que o «nó ferroviário» vai desempenhar no futuro.

A nova estação de Palmavã situar-se-á em terrenos da Câmara Municipal, muito perto da Praça de Espanha, entre a Avenida Gullbenkian e a Avenida Columbano Bordalo Pinheiro. De acordo com o respectivo plano, será uma estação para tráfego suburbano de passageiros da linha de Sintra e de nova linha que o Conselho Superior de Obras Públicas propõe. Sairá de Benfica (a norte da actual estação) seguindo para a Marinha (Cascais), fangenciando pelo norte os aglomerados da linha do Estoril. Como se sabe, esta linha, que quase atingiu o estado de saturação, sobretudo em certas épocas do ano e sempre nas «horas de ponta», está condicionada pela urbanização. A nova linha surge, assim a terminar em Benfica, como solução ideal, na opinião dos técnicos, até porque a estação do Rossio, mesmo após as obras de beneficiação que vai sofrer, não poderá satisfazer as exigências futuras do tráfego suburbano para Cascais. Deste modo, a estação de Palmavã funcionará, antes de mais nada, em apoio à do Rossio.



Esquema futuro do «Nó Ferroviário entre Campolide e Cacém»
estação de passageiros do Rego
ção de mercadorias de Braço
e Vila Franca de Xira; 25, esta
de cintura; 27, remodelação e a
ção de mercadorias em Venda
ração das ligações ferroviárias
de Cascais na cidade de Lisboa
do Seixal; 34, linha Coina-Mo
37, linha da Costa da Capari
portuário de contentores na T
contentores na Trafaria. (2.ª s
Coina-Setúbal; 42, linha Alcoc
ferroviária na zona do Montijo
na 2.ª s. Al

«NÓ FERROVIÁRIO DE LISBOA»

A nova estação de Pa e a futura ferrovia

Deverá começar ainda este ano o estudo dos projectos para remodelar a estação do Rossio e construir a nova estação de Palhavã, para tráfego suburbano de passageiros, nos terrenos entre a Praça de Espanha e as Avenidas Gulbenkian e Columbano Bordalo Pinheiro — segundo nos informou um porta-voz do conselho de administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (C. P.). As respectivas obras deverão ser incluídas no IV Plano de Fomento a iniciar em 1974.

Mas é evidente que não podemos encarar qualquer aspecto isoladamente, segundo acrescentou o mesmo informador. O «nó ferroviário do Lisboa» constitui um conjunto cuidadosamente estudado, em função das perspectivas de crescimento da cidade. Assim, entra a zona de Lis-

APARTAMENTOS

«QUINTA DOS LOMBOS»

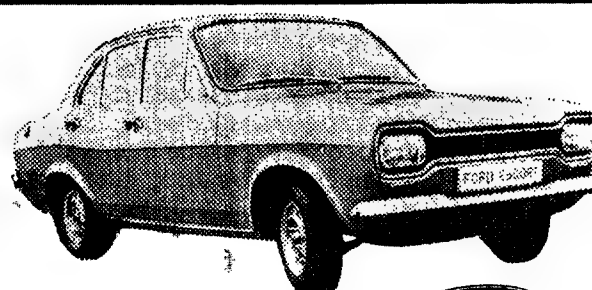
CARCAVELOS

INFORMAMOS QUE NO PRÓXIMO DIA 10, **DOMINGO DE PÁSCOA**, ESTARÁ ENCERRADO O NOSSO SERVIÇO DE VENDA NO LOCAL

emaco

**EMPRESA DE ADMINISTRAÇÃO E CONSTRUÇÕES,
S.A.R.L.**

Rua Barão Salgueiro, 53-R/C LISBOA



CAMPANHA D

Ford ES

2 ou 4 PORTAS E

até 15 do corrente
com 2 cintos de segurança

CONCESSIONARIOS



em LISBOA e nos concelhos de: CASC

Palhavã servirá Sintra via Benfica-Cascais

boa será contemplada com uma estação de passageiros de longo curso; situar-se-á na zona da Luz, a norte da Avenida Marechal Cammona, incluída na segunda cintura ferroviária, passando pela Venda Nova, Luz, Paço do Lumiar e Sacavém. Anote-se que esta cintura terá um túnel debaixo

de uma das pistas do aeroporto da Portela. A propósito, recorde-se que a outra linha de cintura é a actual: Braço de Prata, Areeiro, Entrecampos, Rego e Campolide. No futuro, esta estação (de onde parte já um ramal para Alcântara) terá maior importância: ali começará a linha para

a margem sul, através da Ponte sobre o Tejo, cuja construção será, possivelmente, incluída no IV Plano de Fomento. O projecto prevê ainda a ligação ferroviária à doca de pesca da Pedrouços.

As estações de passageiros, no conjunto da Lisboa, ficarão, em princípio, afectas aos seguintes tráfegos: Santa Apolónia — linha do Norte; Rego — margem sul do Tejo; Palhavã e Rossio — Sintra e Cascais (Marinha); Cais do Sodré — Estoril e Cascais; Luz — todo o tráfego de passageiros de longo curso.

Projectos para a margem sul

Os projectos para a margem sul estão já mais ou menos concluídos. A sua concretização, no entanto, depende da ligação entre as duas margens, através da ponte sobre o Tejo. Pormenorizando o esquema apontado, a parte sul do «nó ferroviário de Lisboa» desenvolver-se-á do seguinte modo: ligação pela ponte em direcção a Coima e à Moita, onde liga à actual linha do Sul; ramal de Coima para o Seixal; ligação de Almada para a Costa da Caparica e Fonte da Telha; ligação para o aeroporto (Rio Frio); ligação directa de Coima a Setúbal.

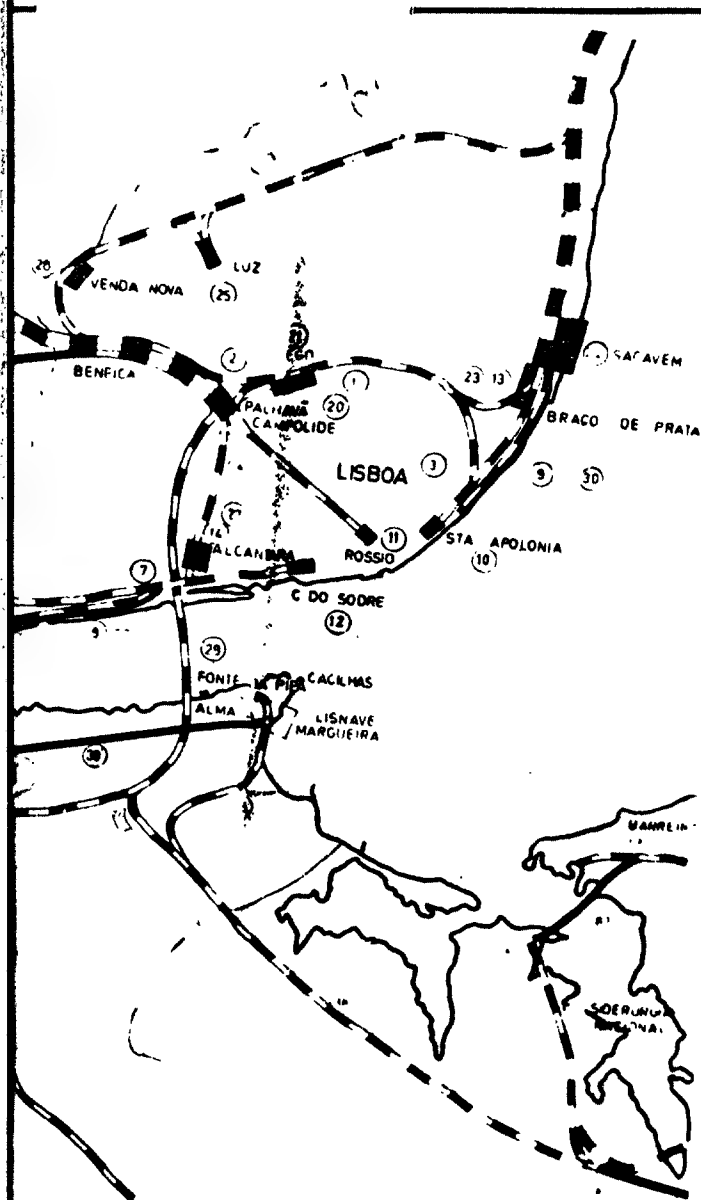
Como se compreende, é cedo ainda para se falar em datas. De concreto, sabe-se que o plano começará a ser executado com a remodelação do Rossio, seguindo-se as obras da estação de Palhavã e de remodelação da estação do Rego. Mas também é verdade que um plano como este terá de ser executado a longo prazo.

De qualquer modo, deve recordar-se que as características próprias do caminho de ferro lhe conferem hoje, por toda a parte, no âmbito dos transportes suburbanos de passageiros, uma aptidão especial para o desempenho deste papel de serviço público fundamental. Entre essas características citam-se a sua elevada capacidade de transporte, a sua grande velocidade comercial e a regularidade de circulação e a fraca ocupação do solo.

Compreende-se, assim, que os responsáveis se preocupam com o «nó ferroviário de Lisboa» — um nó que, sem dúvida, muito vai custar a desatar.

**PARA COMPRAR
OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES
& C.ª, LD.ª**

293 - Rua da Prata - 295



Ferrovário de Lisboa: margem norte — 19, quadruplicação das Cascais; 20, estação de Palhavã; 21, remodelação e ampliação da Rego; 22, gare de triagem de Sacavém; 23, remodelação da estação de Prata; 24, quadruplicação das vias entre Braço de Prata e Luz; 25, estação de longo curso de passageiros na Luz; 26, nova linha de ligação da estação de mercadorias de Alcântara; 28, estação de Venda Nova; 29, atravessamento da ponte sobre o Tejo; 30, alterações do porto de Lisboa; 31, alteração da penetração da linha Lisboa; 32, nova linha de Cascais. Margem sul — 33, novo ramal na Moita; 35, ramal de Alhos Vedros; 36, ramal da Margueira; Caparica; 38, linha Ponte-Almada-Coima; 39, ramal do terminal na Trafaria (1.ª solução); 39, ramal do terminal portuário de (2.ª solução); 40, prolongamento do ramal do Montijo; 41, linha Alcochete-Muge; 43, linha Águas de Moura-Poçoirão; 44, ligação Montijo às instalações do porto de Lisboa; 45, ligação ferroviária de Alcochete às instalações do porto de Lisboa.

A BUROCRACIA E OS ABONOS

Da Caixa Nacional de Pensões assinado, de forma ilegível, por um representante da respectiva direcção, recebe mos o seguinte ofício.

«Sobre a local publicada no jornal que V. dirige, na edição de 16 de Fevereiro do corrente ano, sob o título «Torna-se muito complicada a burocracia para se receberem reformas e subsídios de abonos», cumpre-nos informar o seguinte, no tocante ao assunto referido na carta a que respeita as dificuldades relativas ao recebimento da pensão de reforma do pai do signatário da mesma:

Em conformidade com o disposto na Base XXVI da Lei n.º 2115, de 18 de Junho de 1962, as prestações devi-

das a beneficiários não podem ser cedidas a terceiros nem penhoradas.

No intuito de facilitar, tanto quanto possível, o recebimento de pensões de beneficiários que, por razões de vária ordem, não podem deslocar-se aos respectivos locais de pagamento, tem esta Caixa adoptado o critério de as pagar a pessoa diferente do titular, desde que o interessado indique, previamente, em declaração com assinatura reconhecida pelo notário o nome da pessoa a quem pretende que as pensões sejam pagas.

No caso em apreço, o pensionista veio transferido da Caixa de Previdência do Pessoal da Panificação, Moagem e Massas Alimentícias

não constando, do respectivo processo, qualquer declaração ou procuração para aquele fim, razão por que lhe foi exigida a sua apresentação.

Esclarecemos V. de que a declaração ou procuração entregue nesta Caixa, para aquele efeito, é sempre válida enquanto o beneficiário entender, sem necessidade de qualquer renovação anual.

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURISSARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Agora, também em Portugal!

leve durável prático económico

O MAIS FAMOSO TUBO FLEXIVEL, EM P.V.C. REFORÇADO.

Fabricado sob patente de
A.G. PETZETAKIS A.S. ATENAS

UM TIPO PARA CADA FIM: AGRÍCOLA, DOMÉSTICO OU INDUSTRIAL

REGAS GRUPO 12	MOTO BOMBAS GRUPOS 10 e 14	CONDUTAS GRUPO 20
PISCINAS GRUPO 15	PETROLEOS GRUPO 22	VINHOS GRUPO 24
ASPIRAÇÃO INDUSTRIAL GRUPO 40	AR CONDICIONADO GRUPO 42	EQUIPAMENTO AGRÍCOLA GRUPOS 40-42

Heliflex Portuguesa, L.ª
TUBOS FLEXÍVEIS

FABRICA — ILHAVA — ESTRADA DA MOTA — TEL. 24011
ESCRITÓRIO — AVEIRO — AV. ARAÚJO E SILVA, 109 — TEL. 24010 — APART. 300
DELEGACÃO — LISBOA — R. CORNEL BENTO ROMA 12 B — TEL. 717409

**DA PÁSCOA
ESCORT**
AS E ESTATE CAR

STAND MODERNO

RUA JOÃO SARAIVA, 15 — LISBOA — (Alvalade)

Telef. 71 10 65, (10 linhas)

Salão de Exposição: Av. Fontes Pereira de Melo, 12-A

Corrente equipados
de segurança grátis

CASCAIS — LOURES — OEIRAS — SINTRA — VILA FRANCA DE XIRA

Andares
Vivendas



Apartamentos
mobilados

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Ótimo emprego de capital para a valorização das suas economias

Andares, bem localizados, de 2 a 10 divisões assinaladas a preços muito acessíveis.

Apartamentos Mobilados para venda, desde 140 contos, cuja escritura pode ser imediata.

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

Paço de Arcos—Bairro Comendador Joaquim Matias * Cascais—Conjunto Turístico da Pampilheira * Reboleira—Edifício Oeiras

ESCRITÓRIOS:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telef. 4 59 43/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
BRAGA: Av. Marechal Gomes da Costa, n.º 590, 3.º Dt.º

COIMBRA: Av. Fernão de Magalhães, 470, 1.º, Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr. do Rei D. José (com entrada pela R. da Figueira)
LUANDA: Henrique L. Castendo, Apartado 1224

Um velho largo de Leiria sai agora do abandono

LEIRIA, 8 — Depois de vários anos votado ao abandono, o Largo de Infantaria 7, mereceu agora a atenção da entidade municipal, que lhe reconheceu destino mais honroso e funcional para a cidade.

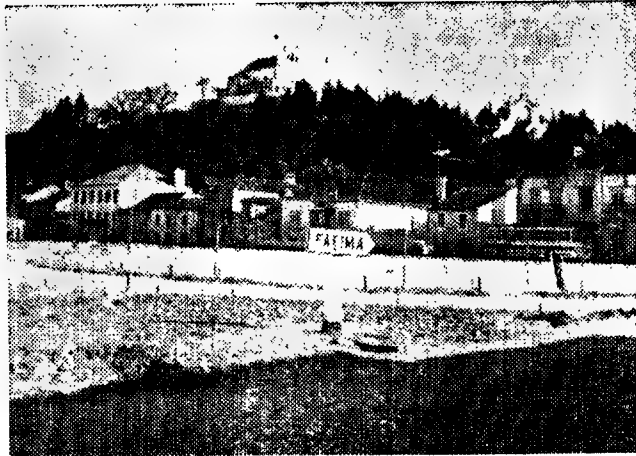
Localizado a Nascente da urbe, o antigo largo, que fica no sopé do antiquíssimo templo de Nossa Senhora da Encarnação, como a fotografia deixa ver, está a receber as beneficiações e cuidados indispensáveis para tornar o local mais airoso.

Assim, após o rebatimento e regularização do pavimento, procedeu-se à abertura de ruas e ao empedramento do piso, a fim de servir de estacionamento a veículos pesados, que já não encontram espaço no centro da urbe, cada vez mais pequeno pelo aumento crescente de veículos. Ao mesmo tempo, foram plantadas algumas árvores, na preocupação de criar mais uma zona verde na cidade, a compensar outras que têm sido arrancadas em obediência a planos urbanísticos.

Estranham, entretanto, os moradores próximos, que não tivessem sido encarado o problema da construção de sentinas públicas para servir esta zona citadina, e que viriam

pôr termo a espantosa situação dignificante que se observava com certa frequência.

Não sabemos se ainda será possível satisfazer tais anseios, que sem dúvida viriam ao encontro de uma comprovada necessidade. Nesse sentido lembramos a conveniência de se promover a sua construção, para interesse do próprio público, desamontando dos locais das imediações e melhoria do aspecto sanitário desta zona citadina.



O novo perfil do Largo de Infantaria 7

Em três linhas

O sr. dr. José Maria de Almeida Correia Mendes foi nomeado professor provisório do Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exército.

///

O sr. dr. Fernando de Melo Caeiro, adjunto do quadro do pessoal técnico da Direcção-Geral de Saúde foi nomeado para o desempenho, interino, das funções de director de serviços técnicos do mesmo quadro.

///

A utilidade pública e a muita urgência da expropriação, requerida pela Secretaria de Estado da Aeronáutica, dos imóveis necessários às obras de instalação do Centro de Receção da Força Aérea, Cacém, foram reconhecidas de carácter muito urgente.

Nos Hospitais da Universidade de Coimbra está aberto concurso documental, pelo prazo de dez dias, para provimento, a título provisório ou em comissão de serviço, de três lugares de director de serviço de apoio geral, entre pessoal diplomado com curso superior.

///

Uma portaria da Presidência do Conselho manda inscrever e reforçar, com quantia de 116 846 838\$00 as verbas da tabela de despesa do orçamento das forças terrestres ultramarinas em vigor em Moçambique no ano de 1970.

///

O delegado do procurador da República de 1.ª classe sr. dr. José António Aguiar Ferraz e Silva, exercendo, em comissão de serviço, as funções de inspector da Polícia Judiciária, foi colocado na comarca de Lisboa.

///

Vem no «Diário do Governo» a lei que cria no Ministério das Obras Públicas a Direcção-Geral das Construções Hospitalares, para a qual transitam a competência e as atribuições da Comissão de Construtores Hospitalares, a qual é extinta.

///

Passam a constituir um único organismo, designado Obra Social dos Ministérios das Obras Públicas e das Comunicações (O. S. M. O. P. C.), o Centro de Auxílio dos Funcionários do Ministério das Obras Públicas (C. A. F. M. O. P.) e os Serviços Sociais do Ministério das Comunicações (S. S. M. G.).

Foi aberto o concurso para a construção de um edifício de habitação social no Município de Lisboa.

ESTÁGIOS DE TÉCNICOS NO ULTRAMAR

Para conhecimento dos alunos dos estabelecimentos de ensino médio e superior, referidos na alínea a) do art.º 1.º do Decreto N.º 47 558, de 23 de Fevereiro de 1967, que termina o curso ou a respectiva parte escolar no ano lectivo de 1970-1971, torna-se público que poderão requerer a sua admissão a estágio profissional nos Serviços Públicos seguintes, para as vagas que se indicam:

GUINÉ — Camara Municipal de Bissau (com a duração de três a seis meses), um engenheiro civil, um arquitecto, um agente técnico de

Engenharia (Construção Civil) e um agente técnico de Engenharia (Máquinas e Electricidade); Repartição Provincial dos Serviços de Obras Públicas e Transportes (com a duração mínima de três meses), um engenheiro civil e um adjunto técnico de Construção Civil; Repartição Provincial dos Serviços de Veterinária, um técnico veterinário para as especialidades de Bacteriologia e Clínica Médica.

S. TOMÉ E PRÍNCIPE — Dois estágios de Agronomia (Agricultura Geral) e um estágio de Medicina Veterinária.

ANGOLA — Camara Municipal do Lobito, um arquitecto; Direcção dos Serviços de Agricultura e Florestas, dois engenheiros agrónomos e dois regentes agrícolas; Direcção Provincial dos Serviços de Geologia e Minas, dois agentes técnicos de Engenharia Civil; Direcção Provincial dos Serviços Hidráulicos, um engenheiro civil e um agente técnico de Engenharia Civil; Direcção Provincial dos Serviços de Veterinária, dois médicos veterinários e dois regentes agrícolas; Junta Autónoma de Estradas, um engenheiro civil, um agente técnico de Engenharia Civil e um agente técnico de Elec. e Máquinas; Laboratório de Engenharia de Angola, dois engenheiros civis (com o curso concluído e classificação mínima de 14 valores).

MOÇAMBIQUE — Serviços de Agricultura e Florestas, dois estágios para finalistas do Curso de Agronomia; Inspeccção Provincial de Crédito e Seguros, um estágio para finalista do Curso de Economia (duração máxima de 6

meses); Junta Autónoma de Estradas de Moçambique, um estágio para engenheiro civil, um estágio para agente técnico civil e dois estágios para finalistas de cursos médios que poderão ser, por opção: Serviços de Economia (duas vagas para finalistas dos Institutos Industriais) e Serviços de Geologia e Minas (dois estágios para agentes técnicos de Engenharia).

Os estágios, cuja duração não se encontra indicada, terão a que for estabelecida entre os estagiários e a província, devendo, no entanto, ter-se em conta o período mínimo de 3 meses.

Esclarece-se que o prazo para a entrega dos requerimentos de quaisquer candidaturas terá lugar entre 15 de Julho e 11 de Agosto, exceptuando-se os finalistas do 6.º ano dos Cursos de Engenharia, em que o prazo de entrega dos requerimentos foi estabelecido de 1 a 15 de Abril corrente.

Na Direcção-Geral de Educação do Ministério do Ultramar serão prestados todos os esclarecimentos sobre o assunto.

IMPRENSA

«O Algarve»

Entrou no seu 65.º ano de publicação o nosso prezado colega «O Algarve», que se publica em Faro e é um vigoroso defensor dos valores e dos interesses daquela província. Ao seu director, sr. Artur Serrão e Silva e aos colaboradores as nossas felicitações.



A ANTIGA «MISS MUNDO» Eva Pucher-Stafer junta à sua longa lista de prémios o da «Rapariga Amiga da Vida Selvagem». O prémio foi-lhe dado porque a bela austríaca gosta muito de animais. Na foto, vêmo-la acompanhada por um simpático jupará.

ARROZ
agulha

«MOÇAMBIQUE»

ARROZ

«TREVO»

Especiarias

«TREVO»

3 produtos procurados
de alto renome

Distribuidores:

A. D. Oliveira
Magalhães

EXPORT — PORTO

Moradias — Seixal

TERRENOS

contra
a
calvície

Numerosos certificados
reconhecidos por notários
provam a eficácia de ITEM
Aplicado a tempo
e convenientemente,
antes que as raízes
sejam atrofiadas

ITEM

Andares
Vivendas



Apartamentos
mobilados

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Ótimo emprego de capital para a valorização das suas economias

Andares, bem localizados, de
2 a 10 divisões assinaladas a
preços muito acessíveis.

Apartamentos Mobilados para
venda, desde 140 contos, cuja
escritura pode ser imediata.

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

Paco de Arcos—Bairro Comendador Joaquim Mattos • Cascais—Conjunto Turístico da Pampilheira
• Reboleira—Edifício Odeiras

ESCRITÓRIOS:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º —
Telef. 4 59 43 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones
95 20 21-22
BRAGA: Av. Marechal Gomes da Costa, n.º
590, 3.º Dt.

COIMBRA: Av. Fernão de Magalhães, 470,
1.º Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr. da Rei D. José (com
entrada pela R. da Figueira)
LUANDA: Henrique L. Castendo, Apartado
1224

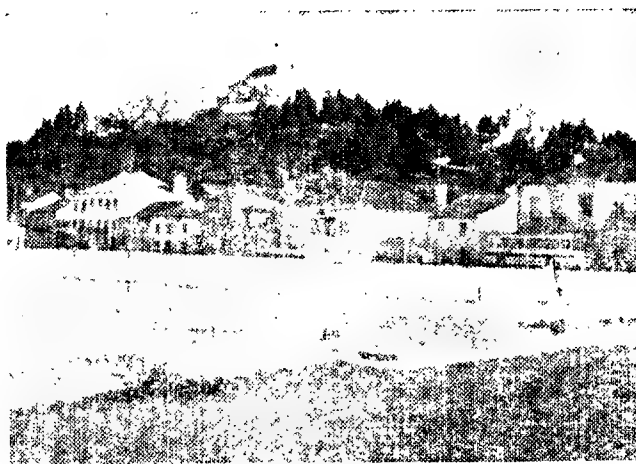
Um velho largo de Leiria sai agora do abandono

LEIRIA. — Desde que
vimos a primeira fotografia
deste largo, há cerca de 7
meses, a ideia de o tornar
em um espaço urbano
moderno, com edifícios
de habitação, comércio
e lazer, tem sido a preocupação
principal da Câmara Municipal.
Agora, depois de um longo
processo de estudos e
aprovações, a obra está
pronta para ser iniciada.

A obra, que terá um
custo de cerca de 100 milhões
de escudos, prevê a construção
de 150 casas, a criação de
um espaço verde de 5000
metros quadrados, a instalação
de um jardim de infância
e a melhoria das condições
de circulação urbana.

Estreando, portanto, os
trabalhos, os responsáveis
pelo projeto afirmam que
esta obra é fundamental
para a melhoria da
qualidade de vida na
cidade.

Na primeira fotografia
vemos o largo de Leiria
na sua actual situação,
com os edifícios antigos
e o espaço urbano
desordenado. A obra
prevê a construção de
novos edifícios, a criação
de um espaço verde
e a melhoria das
condições de circulação
urbana.



O novo plano do largo de Infantaria 7

Em três linhas

O sr. dr. José Maria de Almeida Correia Mendes foi nomeado professor provisório do Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Estado.

O sr. dr. Fernando de Melo Caeiro, adjunto do quadro do pessoal técnico da Direcção-Geral de Saúde, foi nomeado para o desempenho interino, das funções de director de serviços, em termos do mesmo quadro.

A utilidade pública e a muita urgência da expropriação, requerida pela Secretaria de Estado da Aeronáutica, dos imóveis necessários às obras de instalação do Centro de Receção da Força Aérea, Caeim, foram reconhecidas de carácter muito urgente.

No Hospital da Universidade de Coimbra, a comissão de administração, para o ano de 1970, foi nomeada a sr. dr. Maria Luísa Melo de Noronha Galvão.

Uma portaria da Presidência do Conselho manda inscrever e retribuir, com quantia de 156 816 878 000, as verbas da tabela de despesa do orçamento das forças terrestres, em vigor em Moçambique no ano de 1970.

O delegado do procurador da República de 1.ª classe sr. dr. José António Aguiar Ferraz e Silva, exercendo, em comissão de serviço, as funções de inspector da Polícia Judiciária, foi colocado na comarca de Lisboa.

Vem no «Diário do Governo» a lei que cria na Ministério das Obras Públicas a Direcção-Geral das Construções Hospitalares, para a qual transitam a competência e as atribuições da Comissão de Construtores Hospitalares, a qual é extinta.

Passam a constituir um único organismo, designado Obra Social dos Ministérios das Obras Públicas e das Comunicações (O. S. M. O. P. C.), o Cofre de Auxílio dos Funcionários do Ministério das Obras Públicas (C. A. F. M. O. P.) e os Serviços Sociais do Ministério das Comunicações (S. S. M. C.).

Foi aberto um crédito de 25 000 000 000 no Ministério

ESTÁGIOS DE TÉCNICOS NO ULTRAMAR

Para conhecimento dos alunos dos estabelecimentos de ensino médio e superior, referidos na alínea a) do art. 1.º do Decreto N.º 17 558, de 23 de Fevereiro de 1967, que termina o curso ou a respectiva parte escolar no ano lectivo de 1970-1971, torna-se público que poderão requerer a sua admissão a estágio profissional nos Serviços Públicos seguintes, para as vagas que se indicam:

GUINÉ — Câmara Municipal de Bissau (com a duração de três a seis meses), um engenheiro civil, um arquitecto, um agente técnico de

Engenharia (Construção Civil), um agente técnico de Engenharia (Máquinas e Electricidade); Repartição Provincial dos Serviços de Obras Públicas e Transportes (com a duração mínima de três meses), um engenheiro civil e um adjunto técnico de Construção Civil; Repartição Provincial dos Serviços de Veterinária, um técnico veterinário para as especialidades de Bacteriologia e Clínica Médica.

S. TOMÉ E PRÍNCIPE — Dois estágios de Agronomia (Agricultura Geral) e um estágio de Medicina Veterinária.

ANGOLA — Câmara Municipal do Lobito, um arquitecto; Direcção dos Serviços de Agricultura e Florestas, dois engenheiros agrónomos e dois regentes agrícolas; Direcção Provincial dos Serviços de Geologia e Minas, dois agentes técnicos de Engenharia Civil; Direcção Provincial dos Serviços de Habitação, um engenheiro civil e um agente técnico de Engenharia Civil; Direcção Provincial dos Serviços de Obras Públicas e Transportes, dois engenheiros civis e dois agentes técnicos de Engenharia Civil; Direcção Provincial dos Serviços de Veterinária, dois técnicos veterinários e dois regentes agrícolas; Junta Autónoma da Engenharia de Angola, dois engenheiros civis e dois engenheiros de Electrotecnia e Electromecânica.

MOÇAMBIQUE — Serviços de Agricultura e Florestas, dois estágios para finalistas do Curso de Agronomia; Inspeccção Provincial de Crédito e Seguros, um estágio para finalista do Curso de Economia (duração máxima de 6 meses).

Estágios de Engenharia Civil, um agente técnico de Engenharia Civil, um agente técnico de Engenharia Civil e dois regentes agrícolas; Direcção Provincial dos Serviços de Geologia e Minas, dois agentes técnicos de Engenharia Civil; Direcção Provincial dos Serviços de Habitação, um engenheiro civil e um agente técnico de Engenharia Civil; Direcção Provincial dos Serviços de Obras Públicas e Transportes, dois engenheiros civis e dois agentes técnicos de Engenharia Civil; Direcção Provincial dos Serviços de Veterinária, dois técnicos veterinários e dois regentes agrícolas; Junta Autónoma da Engenharia de Angola, dois engenheiros civis e dois engenheiros de Electrotecnia e Electromecânica.

Os estágios, cuja duração não se encontra indicada, terão a duração estabelecida entre os estabelecimentos de ensino médio e superior, no entanto, não excedendo o período máximo de 3 meses.

Escolhe-se que o prazo para a entrega dos requerimentos de qualquer candidato, terá lugar entre 15 de Julho e 11 de Agosto, exceptuando-se as finalistas do 6.º ano dos Cursos de Engenharia, em que o prazo de entrega dos requerimentos, será prolongado de 1 a 15 de Agosto.

IMPRENSA

«O Algarve» — O jornal «O Algarve» publicará, a partir de hoje, uma série de artigos sobre a situação económica da região algarvia, com o intuito de informar os leitores sobre os problemas e as soluções possíveis.



A ANTIGA «MISS MUNDO» Eva Pueber-Staier juntou à sua longa lista de prémios o da «Rapariga Amiga da Vida Selvagem». O prémio foi-lhe dado porque a bela austríaca gosta muito de animais. Na foto, vêmo-la acompanhada por um simpático jupará

ARROZ
aguiha

«MOÇAMBIQUE»

ARROZ

«TREVO»

Especiarias

«TREVO»

3 produtos procurados
de alto renome

Distribuidores:

A. D. Oliveira
Magalhães

EXPORT — PORTO

Moradias — Seixal

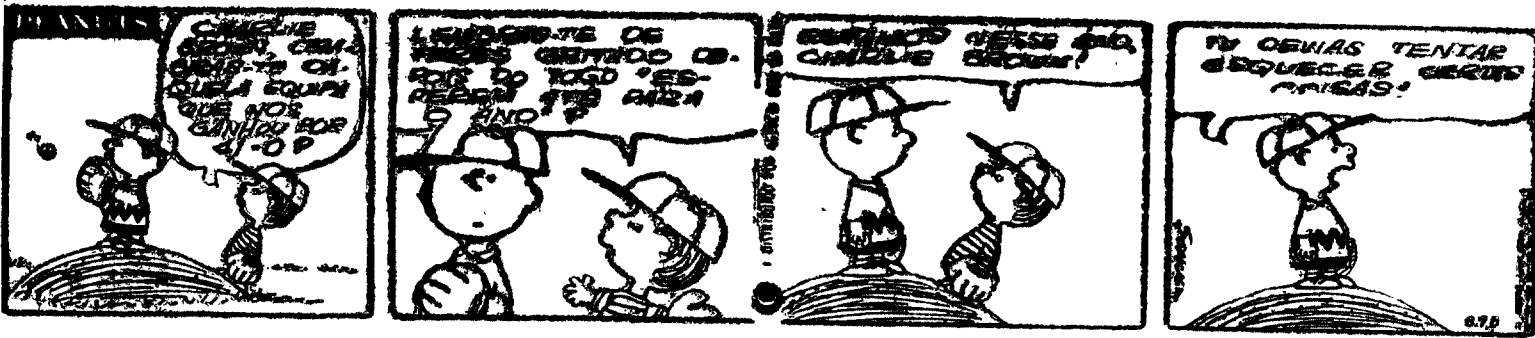
TERRENOS

Os que restam, c/ projecto,
cálculos, registo, escritura.
Alvará do C. M. S. Porto
escolas técnicas e primárias.
Zona comercial, cinema, etc.
Baratos. Uma pechincha.
Telef. 2790998.

contra
a
calvície

Numerosos certificados
reconhecidos por notários
provam a eficácia do ITEM.
Aplicado a tempo
e convenientemente,
antes que as raízes capilares
estejam atrofiadas.

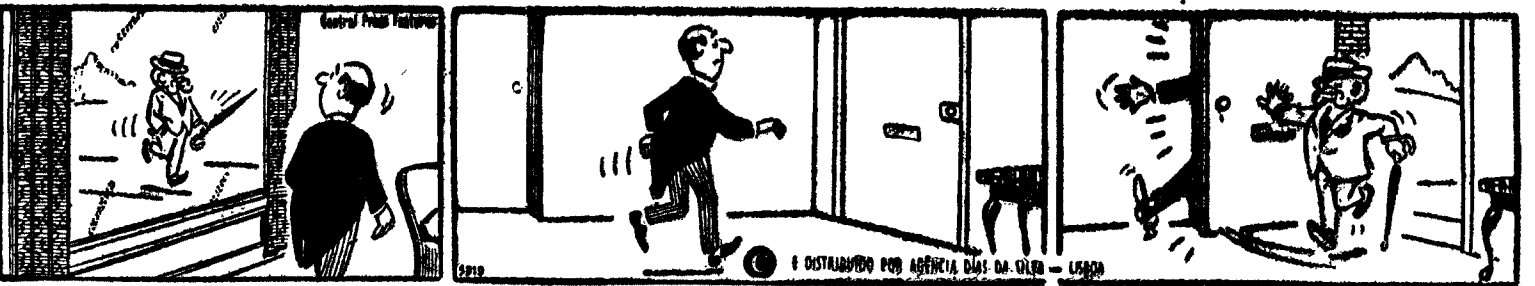
o tratamento
item
é eficaz



OS PEANUTS



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 8 de Abril de 1941 publicava:

«NOVA YORK, 8 — Notícias aqui recebidas dizem que forças yugo-eslavas penetraram no porto de Fiume, na costa italiana do Adriático, junto à fronteira que separa os dois países.

«Outras informações, igualmente recebidas em Nova York, dizem que as tropas yugo-eslavas se apoderaram da cidade de Santari na Albânia.»

CAMISAS POR MEDIDA HIRONDELLE

R. Pedro Nunes, 39 ao Saldanha)

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c, esq. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

CAMISAS DE HOMEM

ÚLTIMOS MODELOS BASTA TELEFONAR PARA 32 48 31 VAI A CASA DE V. EX. UMA EMPREGADA

Bilhetes

de «Fim-de-Semana»

A C. P. informa que, na semana da Páscoa os bilhetes de «Fim de Semana» são válidos para início da viagem de ida, desde as 17-00 horas do dia 7, quarta-feira, até às 12-00 horas de domingo, dia 11, e, para início da viagem de regresso, desde as 12-00 horas do mesmo domingo até às 24 horas de terça-feira, dia 13.

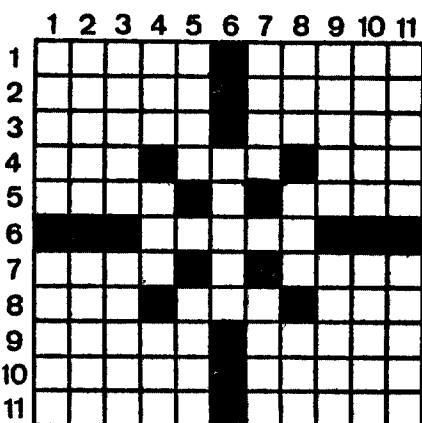
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIOS)

PROBLEMA N.º 5857

HORIZONTAIS: 1 — Mapa. Escavara. 2 — Guarnecer de ameias. Nicar. 3 — Sustar. Continuar. 4 — Nome de mulher. Pronome pessoal. Bondoso. 5 — Invulgar. Degradação moral (fig.). 6 — Disputa. 7 — Africano. Rio de Portugal. 8 — Tempo que decorre entre o nascer e o pôr do sol. Jibóia. Doçura. 9 — Cidade de Espanha. Aparece. 10 — Tomar o ver. Ler de novo. 11 — Pousa no mar (o avião). Guarnecera de asas.

VERTICAIS: 1 — Pesquisar. Venera. 2 — Delicada. Segurem. 3 — Mover os remos. Ódio. 4 — Em tal grau. Cidade da Finlândia. Observar. 5 — Apre. Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. 6 — O mesmo que loureiro (planta). 7 — Produto. Desce. 8 — Reme para trás. Forma apocópica e proclítica de vale. Rente. 9 — Conchui. Sacrificia. 10 — Mamíferos roedores. Introduzir. 11 — Cerca com arames. Formosa em alas.



Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIOS nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5856

HORIZONTAIS: 1 — FORMOSURA. 2 — Paixão. 3 — El. Trela. Ce. 4 — Sacar. Trás. 5 — Cravo. 6 — Em. Ar. Ra. Cl. 7 — Mos. Avó. 8 — Urânia. Ad. 9 — Rã Os Arupa. 10 — Cã. Coares. 11 — Despitara.

VERTICAIS: 1 — Destemperar. 2 — Lá. Moimet. 3 — Op. CC. Suara. 4 — Ratar. Cs. 5 — Miniarão. Bo. 6 — Ore. Si. 7 — Saltaram. Ob. 8 — Urânia. Ad. 9 — Rã Os Arupa. 10 — Cã. Coares. 11 — Despitara.

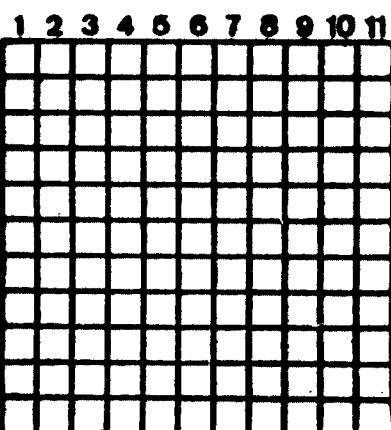
Provérbio: FORMOSURA. POLICO. DURA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9700

HORIZONTAIS: 1 — Rio da Ásia Menor, hoje Quizil Irmaque. Antiga cidade de Monte Albano (Itália). 2 — Verbais. Rio de Itália. 3 — Grande quantidade. Cidade da Jugoslávia. 4 — Estimem. Oculte. 5 — Pessoa muito parecida com outra. Chuvisco (Bras.). 6 — Indício. 7 — Entrega. Mulher da Mauritânia. 8 — Superfícies planas delimitadas. Cantores entre os Gregos. 9 — Carril, calha de ferro. 10 — Intimo. Sustento. Vai para fora. 11 — O mesmo que peneira Glóbulos.

VERTICAIS: 1 — Livro de orações. Cidade do França. 2 — Perfumo. Guarnecer de arames. 3 — Pátria (pl). Curvas. 4 — Segundo. Livro que contém as orações para todos os dias do ano. 5 — Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Camareiras. Deus dos pastores. 6 — Basta. 7 — Freguesia do concelho de Esposende, Escala (fig). Rei de Basá que se opunha à passagem os Israelitas. 8 — Atmosfera. Homens calaceiros (prov). 9 — Molhar com baba. Velha. 10 — Sacrificia. Românico (estilo). 11 — Que é do ar Guarnecido de asas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9699

HORIZONTAIS: 1 — Ede. Avó. Lai. 2 — Lorp. Cair. 3 — Maria. Ander. 4 — Orar. Man. 5 — Sáfia. Camas. 6 — Almas. 7 — Cercar. Isola. 8 — Orar. Selo. 9 — Pais. Sais. 10 — Sim. Mia. 11 — Asada. Araós.

VERTICAIS: 1 — Elmos. Capra. 2 — Doara. 3 — Erat. Reima. 4 — Pátria. 5 — Aa. Mar. 6 — Di. 7 — Oca. Cam. Ma. 8 — Ar. 9 — Lidam. Qla. 10 — Araria. Ula. 11 — Loris. Ossos.

BEDFORD J. 6

REPARADA C/ GARANTIA

QUINTA DO RIO 10 — TELEF. 2519437 SACAVÉM

NORMA
Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas
Av. 5 de Outubro, 122 - LISBOA
DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECIONAMOS PARA

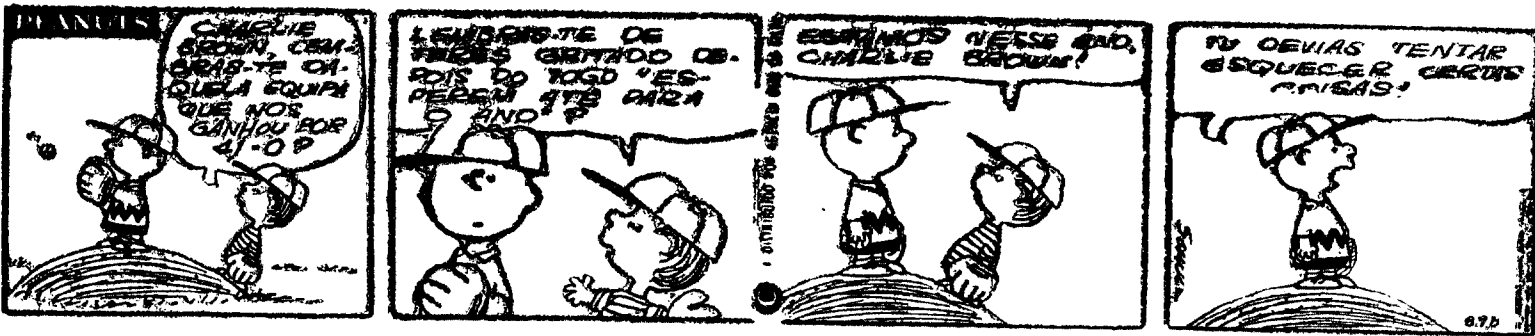
FÁBRICA DE CELULOSE
— CASTELO BRANCO —

2 ENG.ºs QUÍMICOS
— RECÉM-FORMADOS —

CONDIÇÕES OFERECIDAS

- Boas possibilidades de promoção
- Pagamento do 13.º mês, Regalias sociais
- Ordenado competitivo.

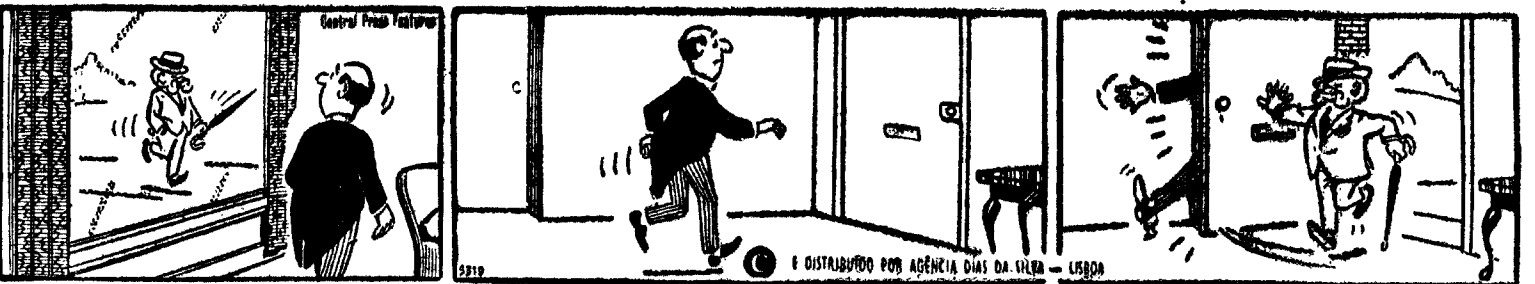
Respostas para a NORMA. Confidencialidade
Índice Ref. 219/Q/PL



OS PEANUTS



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 8 de Abril de 1941 publicava:

«NOVA YORK, 8 — Notícias aqui recebidas dizem que forças yugo-eslavas penetraram no porto de Fiume, na costa italiana do Adriático, junto à fronteira que separa os dois países.

«Outras informações, igualmente recebidas em Nova York, dizem que as tropas yugo-eslavas se apoderaram da cidade de Santari na Albânia.»

CAMISAS POR MEDIDA HIRONDELLE

R. Pedro Nunes, 39 ao Saldanha

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c, esq. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

CAMISAS DE HOMEM

ÚLTIMOS MODELOS BASTA TELEFONAR PARA 32 48 31 VAI A CASA DE V. EX.ª UMA EMPREGADA

Bilhetes

de «Fim-de-Semana»

A partir de amanhã, que, na semana da Páscoa, os bilhetes de «Fim de Semana» são válidos para todo o dia de ida, desde as 17-00 horas do dia 7, quarta-feira, até às 12-00 horas de domingo, dia 11, e, para início da viagem de regresso, desde as 12-00 horas do mesmo domingo até às 24 horas do dia 13.

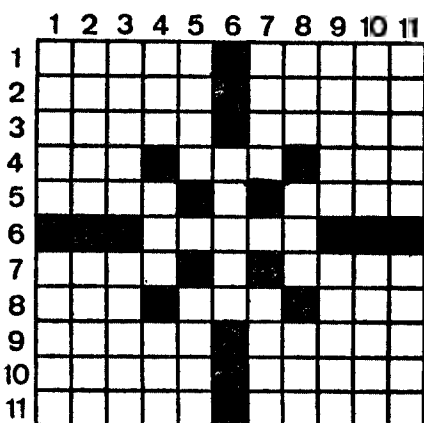
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIOS)

PROBLEMA N.º 5857

HORIZONTAIS: 1 — Mapa. Escavara. 2 — Guarnecer de ameias. N. car. 3 — Susto. Continuo. 4 — Nome de mulher. Pronome pessoal. Bondoso. 5 — Inyugar. Degradação moral (fig.). 6 — Disputa. 7 — Africano. Rio do Portugal. 8 — Tempo que decorre entre o nascer e o pôr do sol. Jibão. Doçura. 9 — Cidade de Espanha. Aparece. 10 — Tomar a ver. Ler de novo. 11 — Páso no mar (o avião). Guarnecera de asas.

VERTICAIS: 1 — Pesquisar. Venera. 2 — Delicada. Segurem. 3 — Mover os remos. adio. 4 — Em ta. grau. Cidade da Finlândia. Observar. 5 — Apre. Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. 6 — O mesmo que loureiro (planta). 7 — Produto. Desce. 8 — Reme para trás. Forma apocópica e proclítica de vale. Rente. 9 — Conclui. Sacrifica. 10 — Mamíferos roedores. Introduzir. 11 — Cerca com arames. Formosa em alas.



Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5856

HORIZONTAIS: 1 — FORMOSURA. 2 — Paí- rara. 3 — El. Trela. Ce. 4 — Sacar. Troas. 5 — Cravais. 6 — Em. Ar. Ra. Cl. 7 — Mos. Avô. Aos. 8 — POUCO. Marat. 9 — Emos. DURA. 10 — Rer. Bio. Per. 11 — Ataca. Brasa.

VERTICAIS: 1 — Destempero. 2 — Lá. Mao- met. 3 — Op. CC. Suara. 4 — Ratará. Cs. 5 — Minarão. Bo. 6 — Ore. Si. 7 — Saltaram. Ob. 8 — Urário. Ad. 9 — Rã Os Arupa. 10 — Cá. Coares. 11 — Despitara.

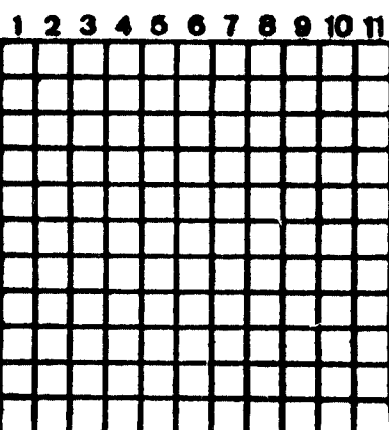
Provérbo: FORMOSURA POUCO DURA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9700

HORIZONTAIS: 1 — Rio da Ásia Menor, hoje Quizil Irmaque. Antiga cidade de Monte Albano (Itália). 2 — Verbois. Fio de latão. 3 — Grande quantidade. Cidade da Jugoslávia. 4 — Estimem. Oculte. 5 — Pessoa muito parecida com outra. Chuvisco (Bras.). 6 — Indício. 7 — Entrega. Mulher da Mauritânia. 8 — Superfícies planas delimitadas. Cantores entre os Gregos. 9 — Carril, calha de ferro. 10 — Intimo. Sustento. Vai para fora. 11 — O mesmo que peneira Glóbulos.

VERTICAIS: 1 — Livro de orações. Cidade do França. 2 — Perfumo. Guarnecida de arames. 3 — Pátria (pl.). Curvas. 4 — Segundo. Livro que contém as orações para todos os dias do ano. 5 — Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Camareiras. Deus dos pastores. 6 — Basta. 7 — Freguesia do concelho de Esposende. Escala (fig). Rei de Basá que se opunha à passagem os Israelitas. 8 — Atmosfera. Homens calaceiros (prov). 9 — Molhar com baba. Velha. 10 — Sacrificio. Românico (estilo). 11 — Que é do ar Guarnecida de asas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9699

HORIZONTAIS: 1 — Edo. Avô. Lai. 2 — Lorpa. Cairá. 3 — Maria. Arder. 4 — Orar. Man. 5 — Sáfia. Camas. 6 — Almas. 7 — Cerca. Isolo. 8 — Orar. Selo. 9 — País. Sois. 10 — Rim. Mim. Ivo. 11 — Asada. Araós.

VERTICAIS: 1 — Elmos. Copra. 2 — Doara. Enais. 3 — Erroi. Reima. 4 — Pirraças. 5 — Aaa. Alar. Vá. 6 — Di. 7 — Oca. Cois. Ma. 8 — Ar. mases. 9 — Lidam. Olala. 10 — Arena. Loivo. 11 — Iaras. Ossos.

BEDFORD J. 6

REPARADA C/ GARANTIA

QUINTA DO RIO 10 — TELEF. 2519437
SACAVÉM

NORMA
Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Emp.
Av. 5 de Outubro, 122 LISBOA
DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECIONAMOS PARA

FÁBRICA DE CELULOSE
— CASTELO BRANCO —

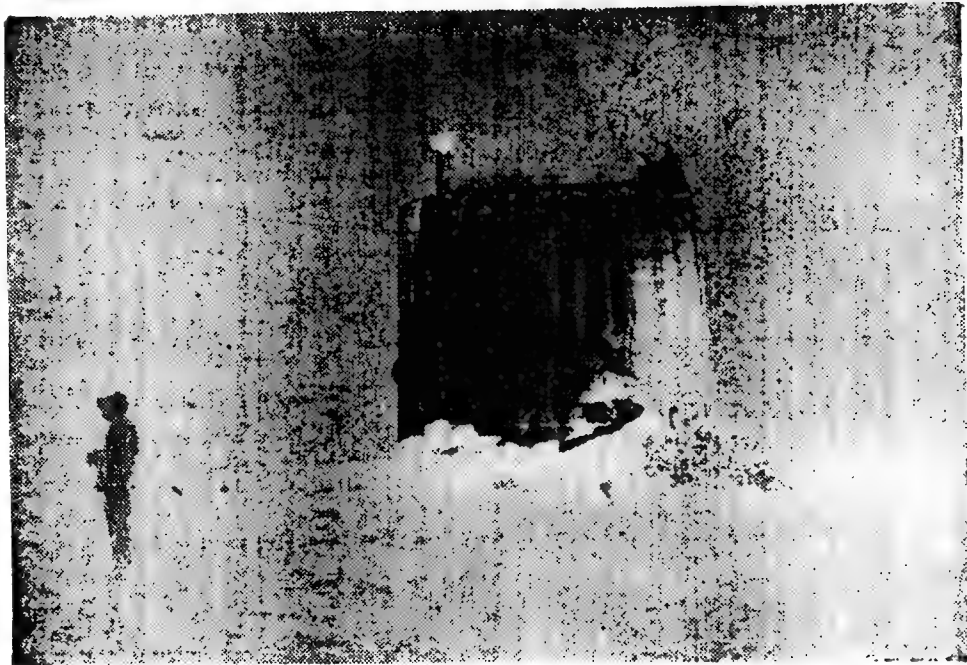
2 ENG.ºs QUÍMICOS
— RECÉM-FORMADOS —

CONDIÇÕES OFERECIDAS

- Boas possibilidades de promoção
- Pagamento do 13.º mês. Regalias sociais
- Ordenado compatível.

Respostas para a NORMA. Confidencialidade
Indicar Ref. 219/Q/DL.

Actualidade internacional



UM SUBMARINO NO POLO — Esta semana, escuro emergindo do gelo é a torre do submarino nuclear inglês «Dreadnaught», que acaba de «furar» o pólo Norte. Durante sete dias o submarino percorreu 2500 quilómetros sob a calote polar, vindo apenas cinco vezes à superfície. Entre as suas missões contava-se a de recolher água do pólo para análise

BEIRUTE: CIDADE SÍMBOLO DA DECADÊNCIA OCIDENTAL

BEIRUTE — Recentemente, enquanto os comandos palestinos debatiam o seu sombrio futuro em Damasco e funcionários governamentais egípcios discutiam o cessar-fogo no Suez, um destacado político libanês convidou cerca de 200 amigos para a festa de aniversário de sua mulher.

O cenário foi a mais moderna discoteca de Beirute, chamada «Blowup», onde predominam os cromados, o coiro negro, os espelhos e o som, sendo a festa descrita nos

seguintes termos pelo principal comentarista de assuntos mundanos de Beirute:

«O champanhe não parava um instante de correr e o caviar lembrava uma pequena montanha em cima de enorme prato de cristal. Os convidados divertiram-se dançando até depois das quatro horas da manhã. As mulheres brilhavam dos pés à cabeça com as suas jóias pendentes das orelhas, pescoços, pulsos, dedos e vestidos».

Indiferente à gravidade dos acontecimentos políticos que a possuem parturbar o Cairo,

Damasco, Amã ou Bagdad, a «doce vida», estilo oriental, está presente e prospera nesta cidade. A alegre vida de Beirute, a despeito das guerras, revoluções e aumento de impostos, parece tornar-se cada dia mais preocupada.

Numa região dia-a-dia mais dominada por austeros regimes revolucionários, Beirute continua a ser o último lugar do Médio Oriente onde se vive uma vida regalada, frívola e de folia, não dando mostras de lamentar a sua falta de determinação.

rupta e velha cidade do Mediterrâneo oriental, com os seus magníficos armazéns e bons restaurantes.

A SUÍÇA DO MÉDIO ORIENTE

Todavia, a benévola tolerância que encoraja a vida sumptuosa de Beirute proporciona, simultaneamente, uma importante e vital válvula de escape política para o mundo árabe.

O Líbano é a Suíça do Médio Oriente: Beirute é um refúgio para os refugiados políticos árabes de todas as cores, os quais, apenas nesta cidade, podem encontrar liberdade de expressão através dos 40 jornais e dezenas de outros meios de propaganda.

E, embora Beirute seja ingenuamente impudente e óca, possui, contudo, duas das melhores universidades existentes no Médio Oriente, onde a causa do nacionalismo árabe foi reavivada, juntamente com uma tradição de respeito pelos valores democráticos.

«O que Genebra foi para Voltaire e Rousseau», diz um antigo residente da cidade,

SEM CONSCIÊNCIA

Trata-se de uma cidade meio ocidental e meio oriental, meio árabe e meio francesa, meio cristã e meio muçulmana, que conseguiu aprender a viver com as dicotomias e consigo própria.

Beirute é uma cidade sem consciência, que deve a sua existência ao comércio — de ouro, armas ou raparigas — onde tudo tem o seu preço e onde desde os tempos dos fenícios, cada um se preocupa com a sua sobrevivência.

«Se você possui um dólar» diz um habitante da cidade,

Por WILLIAM TUOHY

Exclusivo «The Los Angeles Times»/«D.L.»

«você vale um dólar, seja qual for o lugar e o modo como o obtiver».

Em Beirute, um membro do Parlamento pode tornar-se rico cultivando e vendendo enormes quantidades de háxixe, enquanto que jovens estudantes estrangeiros que tentam levar algum para fora do país são metidos na prisão.

Há, quem tenha feito fortuna importando armas através do porto franco, sem querer saber se acabam nas mãos de monárquicos ou revolucionários, palestinos ou israelitas.

Há, também, quem prospere importando belas loiras da Europa, que estejam dispostas — em troca de remuneração adequada — a passar três a seis meses como concubinas de xeiques do deserto enriquecidos pelo ouro negro.

Para muitos «leaders» árabes de ideias modernas, Beirute e o seu estilo de vida são um símbolo de tudo o que é decadente e desprezado na sociedade ocidental, ameaçando os seus valores e institui-

«Beirute é-o para os dissidentes políticos árabes e pensadores livres».

É tal a tradição de santuário político, que o Governo libanês preferiu uma quebra das relações diplomáticas com o Irão a extraditar um refugiado político para Teerão.

Em virtude da sua posição especial como posto de escuta na fronteira do mundo árabe Beirute, serve, também, de ponto focal para as embaixadas do Ocidente e do Leste — os Estados Unidos, a União Soviética e os principais países árabes possuem todos importantes missões — e os diplomatas, agentes dos serviços secretos, correspondentes estrangeiros e homens de negócio contribuem para o ar de intriga que paira na cidade.

A esposa do destacado diplomata, uma bela mulher que aprecia a doce vida, confessou, em particular, que tencionava intitular as suas memórias «Do travesseiro ao empregoo».

MUITOS BARES

As filzeiras dos foliões de Beirute são aumentadas com

(Continua na 18.ª página)



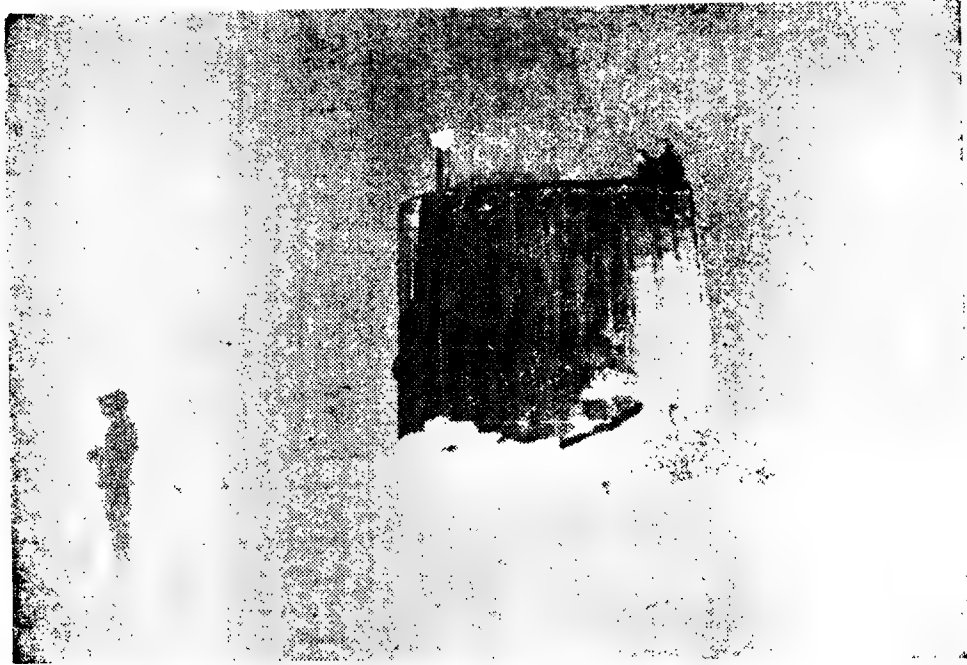
...tarefas agradáveis...

É verdade! Desde que utilizo a Canola 1210 resolvo o dobro dos problemas em metade do tempo! E isso, mesmo sendo trabalho, é agradável. É que a Canola possui a «inteligência» do ser humano e a impecabilidade da máquina: memória, registos, factor constante — um sem número de características que fazem o assombro de quem trabalha e marcam o avanço da empresa. Consulte os agentes CANON para uma demonstração desta e outras CANOLAS.

Canon
Comundo

LISBOA — Rua da Boavista, 100 — Tel. 53.22.11 — P.O. Box 100 — Tel. 246.53
COIMBRA — Rua da Boavista, 100 — Tel. 246.53

Actualidade internacional



UM SUBMARINO NO POLO — Esta silhueta escura emergindo do gelo é a torre do submarino nuclear inglês «Dreadnaught», que acaba de «furar» o pólo Norte. Durante sete dias o submersível percorreu 2500 quilómetros sob a calote polar, vindo apenas cinco vezes à superfície. Entre as suas missões contava-se a de recolher água do pólo para análise

BEIRUTE: CIDADE SÍMBOLO DA DECADÊNCIA OCIDENTAL

BEIRUTE — Recentemente, enquanto os comandos palestinos debatiam o seu sombrio futuro em Damasco e funcionários governamentais egípcios discutiam o cessar-fogo no Suez, um destacado político libanês convidou cerca de 200 amigos para a festa de aniversário de sua mulher.

O cenário foi a mais moderna discoteca de Beirute, chamada «Blowup», onde predominam os cromados, o coiro negro, os espelhos e o som, sendo a festa descrita nos

seguintes termos pelo principal comentarista de assuntos mundanos de Beirute:

«O champanhe não parava um instante de correr e o caviar lembrava uma pequena montanha em cima de enorme prato de cristal. Os convidados divertiram-se dançando até depois das quatro horas da manhã. As mulheres brilhavam dos pés à cabeça com as suas jóias pendentes das orelhas, pescoços, pulsos, dedos e vestidos».

Indiferente à gravidade dos acontecimentos políticos que o cercam, Beirute é a cidade que possuiu perturbar o Cairo,

Damascus, Amã ou Bagdad, a «doce vida», estilo oriental, está presente e próspera nesta cidade. A «doce vida» de Beirute, a despeito das guerras, revoluções e sem mais impostos, parece tornar-se cada dia mais preciosa.

Numa região dita mais dominada por austeros regimes revolucionários, Beirute continua a ser o último lugar do Médio Oriente, onde se vive uma vida regada, frívola e de festa, não dando mostras de lamentar a sua falta de determinação.

rupta e velha cidade do Mediterrâneo oriental, com os seus magníficos armazéns e bons restaurantes.

A SUÍÇA DO MÉDIO ORIENTE

Todavia, a benévola e luxuosa que encoraja a vida sumptuosa de Beirute proporciona, simultaneamente, uma importante e vital válvula de escape política para o mundo árabe.

O Líbano é a Suíça do Médio Oriente; Beirute é um refúgio para os refugiados políticos árabes de todas as cores, os quais, apesar de a cidade, podem encontrar liberdade de expressão, além dos 40 jornais e de outras muitas meios de comunicação.

Embora Beirute seja geralmente impudente e feroz, possui, contudo, duas instituições universitárias existentes no Médio Oriente, onde a causa do nacionalismo árabe foi revivida, juntamente com uma tradição de respeito pelos valores democráticos.

«O que Gensbrugg fez para Voltaire e Rousseau», diz um antigo residente da cidade,

SEM CONSCIÊNCIA

Trata-se de uma cidade ocidental e meio árabe, meio árabe e meio francesa, meio cristã e meio muçulmana, que conseguiu aprender a viver com as ditonímias e consigo própria.

Beirute é uma cidade sem consciência, que vive a sua existência ao comércio — de ouro, armas, ou raparigas — onde tudo se mo no seu preço e onde desde os tempos dos fenícios, cada um se preocupa com a sua sobrevivência.

«Se você possui um dólar diz um habitante da cidade,

Por WILLIAM TUOHY

Exclusivo «The Los Angeles Times»/«D.L.»

«você vale um dólar, seja qual for o lugar onde o dólar o obtiver».

Em Beirute, um membro do Parlamento pode tornar-se rico ocultando e vendendo enormes quantidades de háxi, enquanto que jovens estudantes estrangeiros que tentam levar algum para fora do país são metidos na prisão.

Há, quem tenha feito fortuna importando armas através do porto franco, sem querer saber se acabam nas mãos de monárquicos ou revolucionários, palestinos ou israelitas.

Há, também, quem prospere importando belas loiras da Europa, que estão disponíveis — em troca de remuneração adequada — a passar três a seis meses como concubinas de xeiques do deserto enriquecidos pelo comércio.

Para muitos gloubes árabes de ideias modernas, Beirute é o seu estilo de vida — um símbolo do todo o que é decadente e desprezado na vida ocidental, ameaçando os inflexíveis valores e instituições do Islão.

Poucos dirigentes árabes, contudo, perdem uma oportunidade de visitarem a cor-

rupta e velha cidade do Mediterrâneo oriental, com os seus magníficos armazéns e bons restaurantes.

Embora Beirute seja geralmente impudente e feroz, possui, contudo, duas instituições universitárias existentes no Médio Oriente, onde a causa do nacionalismo árabe foi revivida, juntamente com uma tradição de respeito pelos valores democráticos.

«O que Gensbrugg fez para Voltaire e Rousseau», diz um antigo residente da cidade, «você vale um dólar, seja qual for o lugar onde o dólar o obtiver».

Em Beirute, um membro do Parlamento pode tornar-se rico ocultando e vendendo enormes quantidades de háxi, enquanto que jovens estudantes estrangeiros que tentam levar algum para fora do país são metidos na prisão.

Há, também, quem prospere importando belas loiras da Europa, que estão disponíveis — em troca de remuneração adequada — a passar três a seis meses como concubinas de xeiques do deserto enriquecidos pelo comércio.

MUITOS BARES

As bebidas dos bares de Beirute são apreciadas com (Continua na 18.ª página)



...tarefas agradáveis...

É verdade! Desde que utilizo a Canola 1210 resolvo o dobro dos problemas em metade do tempo! E isso, mesmo sendo trabalho, é agradável. É que a Canola possui a «inteligência» do ser humano e a impecabilidade da máquina: memória, registos, factor constante — um sem número de características que fazem o assombro de quem trabalha e marcam o avanço da empresa. Consulte os agentes CANON para uma demonstração desta e outras CANOLAS.

Canon
Comundo

LISBOA — Comundo Dep. de equip. de esc. — Telef. 53 70 91 * PORTO — Sonipol, SARL — Telef. 2 05 53
COIMBRA — Zume, Lda. — Telef. 2 44 56 * FARO — A Mecnográfica — Telef. 2 22 91

ACUSAÇÃO NA ONU:**ENVIADOS VOLUNTÁRIOS INDIANOS
PARA O PAQUISTÃO ORIENTAL**

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 8 — (R.) — O Paquistão acusou a noite passada a Índia de conspirar para minar a solidariedade nacional e a integridade territorial do Estado paquistaniano.

«O Governo do Paquistão considera deplorável que a Índia, embora manifeste fidelidade à Carta das Nações Unidas, esteja a tentar demolir um dos seus princípios básicos ao ignorar o princípio de não interferência nas questões internas de Estados membros» — declara numa nota verbal, apresentada ao secretário-geral U Thant, o embaixador paquistaniano Aga Shahi.

«A Índia forneceu provas da forma como se portou, a qual abriga desígnios de minar a solidariedade nacional

e integridade territorial do Paquistão» — dizia ainda Shahi.

Os serviços de informação indianos desencadearam uma virulenta campanha de propaganda contra o Governo do Paquistão e em certas ocasiões têm inventado notícias disparatadas acerca da situação no Paquistão Oriental — observa o embaixador.

«Como resultado directo do incitamento e encorajamento por parte de dirigentes indianos, funcionários governamentais em Calcutá estão a encorajar abertamente o envio de voluntários indianos armados para o Paquistão Oriental» — queixa-se a nota.

Shahi declarou que círculos oficiais indianos em Calcutá estavam «mesmo a

falar de um bloqueio naval para interromper as comunicações marítimas entre as duas regiões do Paquistão».

A Índia desdobrava seis divisões do Exército perto das fronteiras do Paquistão Oriental — asseverava o embaixador.

Contudo, a situação no Paquistão Oriental estava a voltar à normalidade — disse Shahi.

«Segundo as últimas notícias, os infiltradores armados, que vieram à paisana da Índia para auxiliar forças antinacionais, encontram-se agora isolados, após serem repelidos pelo povo pacífico e patriótico do Paquistão Oriental. O fluxo de abastecimentos do interior para Dacca está a aumentar, exer-

cendo um efeito salutar nos preços» — acrescentava o embaixador.

Os guerrilheiros palestinos abandonam Amã

AMã, 8 — (ANI) — Os guerrilheiros palestinos abandonam Amã, com as suas armas pesadas, dirigindo-se para os seus campos no Norte da Jordânia, tal como exige o ultimato do rei Hussein cujo prazo expira à meia-noite (22 TMG).

Um informador dos guerrilheiros anunciou que, no prin-

**DESTRUIÇÃO DE NAVIOS
PARA EVITAR POLUIÇÃO**

LONDRES, 8. — (F. P.) — As autoridades britânicas poderão afundar ou destruir navios nacionais ou estrangeiros que se encontrem para além do limite das águas territoriais em risco de envolver a poluição das costas do Reino Unido.

Com efeito a Câmara dos Comuns adoptou, sem votação, um texto nesse sentido, provocado pelo encalhe, a semana passada, do petroleiro libiano «Panther», num banco de areia ao largo da costa do condado de Kent.

O «Panther», que, aliás, não derramou senão uma pequena quantidade de petróleo, encontrava-se fora das águas territoriais britânicas, mas, se se tivesse partido, teria ocasionado a poluição das praias do Sudoeste de Inglaterra.

cípio desta semana, deixaram a cidade quatro colunas de veículos e muitas pessoas assistiram hoje à saída dos palestinos da cidade, com armas antitanque como «bazookas», foguetes, metralhadoras ligeiras e pesadas e morteiros.

CHEGADA DE TLASS

A retirada coincidiu praticamente com a chegada inesperada, a Amã, do general Mustapha Tlass, chefe do estado-maior sírio, que à partida de Damasco declarou que o Governo sírio tem estado em contacto com os guerrilheiros e com as autoridades jordanas e que pretende que a luta acabe no solo árabe, para que todas as armas sejam dirigidas para o «inimigo sionista».

BOICOTAGEM

CAIRO, 8 — (ANI) — A conferência dos países árabes, convocada pelo Egipto para discutir a situação na Jordânia, já não poderá ter qualquer utilidade, devido à declarada intenção do Governo jordano

de a boicotear — anuncia hoje o jornal «Al Ahram».

O jornal acrescenta que a ausência da Jordânia condenaria a conferência ao malogro e acusa o Governo jordano de mentes de armas a esse país para vibrar um golpe mortal nos guerrilheiros palestinos.

ARMAS AMERICANAS

WASHINGTON, 8. — (F. P.) — Numa carta dirigida ao rei Hussein da Jordânia, o secretário da Defesa, Melvin Laird, anuncia que os Estados Unidos tencionam aumentar substancialmente os seus fornecimentos de armas a esse país — revela «New York Times» de hoje.

Laird responde a uma carta do soberano pedindo tanques M-60 A-1 (ultra modernos) e espingardas M-16 A-1, armas ligeiras do tipo mais aperfeiçoado.

O secretário da defesa acrescenta que os EUA estão prontos a encargar o fornecimento de aviões de transportes C-130

Campos de concentração encerrados na Grécia

ATENAS, 8. — (F. P.) — Para festejar o quarto aniversário do golpe de Estado militar de Abril de 1967, o primeiro-ministro grego, George Papadopoulos, acaba de mandar encerrar os campos de concentração reservados aos comunistas e libertar os deputados centristas com residência fixa e vigiada, bem como vários oficiais fiéis ao rei.

Depois dessas libertações, ficam ainda sob vigilância 50 homens de esquerda, considerados como «comunistas perigosos e reincidentes», especialmente Manolis Glezos, que arrancou a bandeira alemã do alto da Acrópole durante a ocupação nazi, e 15 oficiais monárquicos e oito opositores políticos de várias origens.

Encontram-se ainda detidas cerca de 400 pessoas, em consequência da decisão dos tribunais militares ou então aguardando julgamento.

Há quatro anos, quando do golpe de Estado de 21 de Abril de 1967, foram presas umas 10 000 pessoas. Entre os prisioneiros postos em liberdade contavam-se 13 oficiais realistas (entre os quais quatro «generais de brigada»). Estes oficiais, assim como outros 40, foram presos em Junho de 1969 e colocados em regime de residência vigiada. Nunca foram julgados.

O presidente Duvalier teria sido vítima novamente de congestão cerebral

WASHINGTON, 8. — (F. P.) — O presidente François Duvalier teria sido vítima de uma congestão cerebral, pela segunda vez desde o passado mês de Novembro, segundo se tem por certo nos meios americanos geralmente bem informados.

De acordo com essas fontes, um grupo de médicos franceses teria sido enviado para a Haiti, a fim de tratar o presidente vitalício, que tem 63 anos de idade.

Em meados de Março, o Dr. Duvalier tinha sido

Washington, o presidente deixou de aparecer em público depois dessa data.

Entretanto, notícias de Port au Prince dizem que o gabinete do Turismo anunciou que o «presidente vitalício» da República da Haiti, presidirá, na próxima semana, a uma cerimónia militar destinada a celebrar o seu 64.º aniversário.

Se esse aparecimento em público confirmar, será a primeira vez que François Duvalier aparece em público depois de estar, por mais de um ano, afastado da vida pública.

**CRÉDITO PREDIAL
PORTUGUÊS****CONDIÇÕES ESPECIAIS DE JURO****DEPÓSITOS À ORDEM ATÉ 50 CONTOS****3%****DEPÓSITOS A MAIS DE 1 ANO****5,75 %****TODAS AS OPERAÇÕES DE BANCO**

ACUSAÇÃO NA ONU:

ENVIADOS VOLUNTÁRIOS INDIANOS
PARA O PAQUISTÃO ORIENTAL

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 8 — (R.) — O Paquistão acusou a noite passada a Índia de conspirar para minar a solidariedade nacional e a integridade territorial do Estado paquistaniano.

«O Governo do Paquistão considera deplorável que a Índia, embora manifeste fidelidade à Carta das Nações Unidas, esteja a tentar demolir um dos seus princípios básicos ao ignorar o princípio de não interferência nas questões internas de Estados membros» — declara numa nota verbal, apresentada ao secretário-geral U Thant, o embaixador paquistaniano Aga Shahi.

«A Índia forneceu provas da forma como se portou, a qual abriga desígnios de minar a solidariedade nacional

e integridade territorial do Paquistão» — dizia ainda Shahi.

Os serviços de informação indianos desencadearam uma virulenta campanha de propaganda contra o Governo do Paquistão e em certas ocasiões têm inventado notícias disparatadas acerca da situação no Paquistão Oriental — observa o embaixador.

«Como resultado directo do incitamento e encorajamento por parte de dirigentes indianos, funcionários governamentais em Calcutá estão a encorajar abertamente o enviado de voluntários indianos armados para o Paquistão Oriental» — queixa-se a nota.

Shahi declarou que círculos oficiais indianos em Calcutá estavam «mesmo a

falar de um bloqueio naval para interromper as comunicações marítimas entre as duas regiões do Paquistão».

A Índia desdobrou seis divisões do Exército perto das fronteiras do Paquistão Oriental — asseverava o embaixador.

Contudo, a situação no Paquistão Oriental estava a voltar à normalidade — disse Shahi.

«Segundo as últimas notícias, os infiltradores armados, que vieram à paisana da Índia para auxiliar forças antinacionais, encontraram-se agora isolados, após serem repelidos pelo povo pacífico e patriótico do Paquistão Oriental. O fluxo de abastecimentos do interior para Dacca está a aumentar, exer-

cendo um efeito salutar nos preços» — acrescentava o embaixador.

Os guerrilheiros palestinos
abandonam Amã

AMã, 8 — (ANI) — Os guerrilheiros palestinos abandonam Amã, com as suas armas pesadas, dirigindo-se para os seus campos no Norte da Jordânia, tal como exige o ultimato do rei Hussein cujo prazo expira à meia-noite (22 TMG).

Um informador dos guerrilheiros anunciou que, no prin-

DESTRUIÇÃO DE NAVIOS
PARA EVITAR POLUIÇÃO

LONDRES, 8. — (F. P.) — As autoridades britânicas poderão afundar ou destruir navios nacionais ou estrangeiros que se encontrem para além do limite das águas territoriais em risco de envolver a poluição das costas do Reino Unido.

Com efeito a Câmara dos Comuns adoptou, sem votação, um texto nesse sentido, provocado pelo encalhe, a semana passada, do petroleiro libiano «Panther», num banco de areia ao largo da costa do condado de Kent.

O «Panther», que, aliás, não derramou senão uma pequena quantidade de petróleo, encontrava-se fora das águas territoriais britânicas, mas, se se tivesse partido, teria ocasionado a poluição das praias do Sudoeste de Inglaterra.

CRÉDITO PREDIAL
PORTUGUÊS

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE JURO

DEPÓSITOS À ORDEM ATÉ 50 CONTOS

3%

DEPÓSITOS A MAIS DE 1 ANO

5,75%

TODAS AS OPERAÇÕES DE BANCO

Campos de concentração
encerrados na Grécia

ATENAS, 8 — (F. P.) — Para festejar o quarto aniversário do golpe de Estado militar de Abril de 1967, o primeiro-ministro grego, George Papadopoulos, acaba de mandar encerrar os campos de concentração reservados aos comunistas e libertar os deputados centristas com residência fixa e vigiada, bem como vários oficiais fiéis ao rei.

Depois dessas libertações, ficam ainda sob vigilância 50 homens de esquerda, considerados como «comunistas perigosos e reincidentes», especialmente Manolis Glezos, que arrancou a bandeira alemã do alto da Acrópole durante a ocupação nazi, e 15 oficiais monárquicos e oito opositores políticos de várias origens.

Encontram-se ainda detidas cerca de 400 pessoas, em consequência da decisão dos tribunais militares ou então aguardando julgamento. Há quatro anos, quando do golpe de Estado de 21 de Abril de 1967, foram presas umas 10.000 pessoas. Entre os prisioneiros postos em liberdade contavam-se 13 oficiais realistas (entre os quais quatro «generais de brigada»). Estes oficiais, assim como outros 40, foram presos em Junho de 1969 e colocados em regime de residência vi-

viada. Nunca foram julgados.

Encontram-se ainda detidas cerca de 400 pessoas, em consequência da decisão dos tribunais militares ou então aguardando julgamento.

Há quatro anos, quando do golpe de Estado de 21 de Abril de 1967, foram presas umas 10.000 pessoas. Entre os prisioneiros postos em liberdade contavam-se 13 oficiais realistas (entre os quais quatro «generais de brigada»). Estes oficiais, assim como outros 40, foram presos em Junho de 1969 e colocados em regime de residência vi-

O presidente Duvalier
teria sido vítima novamente
de congestão cerebral

WASHINGTON, 8 — (F. P.) — O presidente François Duvalier teria sido vítima de uma congestão cerebral, pela segunda vez desde o passado mês de Novembro, segundo se tem por certo nos meios americanos, geralmente bem informados.

De acordo com essas fontes, um grupo de médicos franceses teria sido enviado para o Haiti, a fim de tratar o presidente vitalício, que tem 63 anos de idade.

Em meados de Março, «Pa-pa Doc» teria sido vítima dessa congestão cerebral. Efectivamente, observa-se em

Washington, o presidente deixou de aparecer em público depois dessa data.

Entretanto, notícias de Port-au-Prince dizem que o gabinete do Turismo anunciou que o presidente vitalício da República do Haiti, François Duvalier, na próxima semana, a uma cerimónia militar destinada a celebrar o seu 64.º aniversário.

Se esse aparecimento em público se confirmar, será a primeira vez que François Duvalier surgirá em público de há um mês a esta parte. O director do Turismo recusou-se a falar sobre a doença do presidente vitalício.

Actualidade internacional

BARCELONA

REDACÇÃO OCUPADA

BARCELONA, 8 — (F. P.) — Cento e cinquenta pessoas empregadas na Grande Enciclopédia Catalã ocupam, desde terça-feira, a redacção desta, no centro de Barcelona, a fim de protestar contra a incerteza em que vivem desde que os dirigentes da empresa pediram ao Ministério do Trabalho a «suspensão provisória» de todos os contratos de trabalho.

A publicação da Grande Enciclopédia Catalã, iniciada em 1969, esbarrou há tempos com dificuldades financeiras e a editora decidiu então desistir da obra e vendê-la a um organismo bancário de Barcelona. Foi este organismo que pediu autorização para suspender provisoriamente os contratos.

Na realidade — afirma o pessoal — os novos dirigentes da empresa querem desistir definitivamente da publicação da obra.



«Blakie» é um cão de aspeto pouco agradável e, efectivamente, já matou uma criança de 19 meses, em Little Waltham, Inglaterra. Contudo, os pais do bebé, Winton Goodchild e Audrey, não se opõem a que o cão durma junto da sua outra filha, Carolina, de 4 anos, pois pensam que «Blakie» julgou apenas brincar com uma boneca. A Polícia advertiu, no entanto, o casal do risco que Carolina corre.

NIXON RECUSA-SE A ALTERAR A POLÍTICA PARA O VIETNAM

WASHINGTON, 8 — (R.) — O presidente Nixon, falando ontem à noite aos americanos pela Televisão, anunciou a retirada de mais 100 mil soldados do Vietnam desde 1 de Maio até 1 de Dezembro, mas, ao mesmo tem-

po, rejeitou uma alteração da sua política que, segundo disse, equivaleria a uma rendição aos comunistas.

A retirada do novo contingente de tropas eleva em cerca de 2000 por mês o número de soldados americanos que actualmente estão a ser retirados do Vietnam à razão de 12 500 por mês. Esta retirada reduzirá as forças americanas no Vietnam a um terço dos seus efectivos máximos que, há dois anos, eram superiores a meio milhão de homens.

Num discurso enérgico e por vezes emocional que os observadores consideraram uma demonstração de coragem política, o presidente recusou-se a ceder às pressões cada vez maiores do movimento a favor da paz, abstando-se também de anunciar quaisquer medidas espectaculares capazes de reforçar o seu prestígio em declínio, a avaliar pelos inquéritos à opinião pública.

Mais uma vez Nixon se recusou a anunciar uma data limite para a retirada total do Vietnam, declarando que essa retirada se estava a fazer de forma a deixar os sul-vietnamitas com força suficiente para se defenderem e permitir uma geração de paz.

Nixon deixou em aberto os seus projectos para 1972, que é o ano das eleições presidenciais, mas os senadores que particularmente foram por ele informados do teor do discurso antes da sua transmissão, vieram da Casa Branca convencidos que o presidente Nixon retirará os Estados Unidos totalmente da guerra antes dos americanos irem às urnas para eleger o novo presidente.

O próprio Nixon pôs o seu futuro político em jogo ao declarar aos americanos: «Se eu falhar vocês deverão pedir-me contas».

Os congressistas democráticos, partidários da retirada, criticaram imediatamente o discurso que disseram ter ficado muito aquém daquilo que se esperava.

A anunciada retirada de tropas americanas ficou aquém do que se esperava, pois as previsões oscilavam entre 16 000 e 20 000 por mês, ao passo que o presidente anunciou apenas a retirada de 14 300 homens.

O plano agora anunciado

prevê que em Dezembro deste ano as forças americanas no Vietnam totalizarão 184 mil homens depois de terem atingido o número máximo de 535 000 em 1969.

Nixon declarou que a participação americana na guerra está a chegar ao fim, pois «encontra-se já à vista o dia em que os sul-vietnamitas poderão encarregar-se da sua defesa».

«O nosso objectivo é o de uma retirada total do Vietnam. Podemos e conseguiremos alcançar esse objectivo através do nosso programa de vietnamização.»

Bombardeados pela Aviação os rebeldes cingaleses

COLOMBO, 8. — (F. P.) — Aparelhos da aviação do Ceilão bombardearam duas posições rebeldes, infligindo pesadas baixas ao inimigo — anunciou hoje a rádio oficial.

Foram enviadas unidades do Exército em reforço para as cidades de Galle, Mata-ra, Hambantota e outras ao longo da costa meridional. Por outro lado, seguiram tropas para a região de Kegalle.

mado posição numa ponte em Alawwa, na mesma região.

Paralelamente, o Governo requisitou os veículos dos diferentes ministérios para os colocar à disposição do Exército. O recolher obrigatório continua em vigor das 15 às 6 horas. Mesmo em Colombo as medidas de segurança são extremamente rigorosas.

DESPORTISTAS

NORTE-AMERICANOS PARTEM AMANHÃ PARA PEQUIM

NAGOYA (JAPÃO), 8 — (A. N. I.) — Dezasseis norte-americanos — dirigentes e jogadores de ténis de mesa — partem amanhã para Pequim a convite da China continental para ali disputarem algumas partidas.

Desde 1949 que não vai a China continental uma equipa desportiva dos Estados Unidos.

O interesse da China é tão grande que se prontificou a pagar as despesas da deslocação, por via aérea de Tóquio a Pequim e volta.

Nos campeonatos mundiais, os norte-americanos demonstraram que são muito mais fracos do que os chineses no ténis de mesa.

PELA RETIRADA IMEDIATA

MADISON, 8 — (F. P.) — Setenta por cento dos habitantes de Madison, capital do Estado do Wisconsin, declararam-se a favor de uma retirada imediata das tropas e do material americano do Vietnam, durante um referendo organizado ontem pelo governador, Patrick Lucey.

Em 1968, cerca de 55 por cento dos habitantes de Madison pronunciaram-se contra essa retirada. Sessenta e um por cento dos eleitores foram ontem às urnas e Lucey manifestou a esperança de que o presidente Nixon tivesse em conta esse resultado quando cado sobre o assunto.

Laos GOLPE DE ESTADO MALOGRADO

VIENTIANE, 8 — (A. N. I.) — A Polícia descobriu e esmagou um golpe de Estado que visava destituir o Governo neutral laociano do príncipe Souvanna Phouma — anunciou hoje fontes militares.

A Polícia prendeu ontem vários oficiais do Exército real laociano.

Foi um dos conspiradores que informou a Polícia.

«Napalm» contra marijuana

RIO DE JANEIRO, 8 — (F. P.) — Os aviões militares brasileiros vão destruir, com a ajuda de bombas de «napalm», as plantações de marijuana no país — anunciava ontem o jornal brasileiro «O Globo».

O jornal acrescentava que essa operação, principiaria logo que as autoridades tenham terminado as investigações para localizar as culturas de marijuana.

O governo brasileiro iniciou recentemente uma vasta campanha de luta contra o tráfico e o uso de estupefacientes, em colaboração com a Polícia e com os serviços de segurança nacional.

Beirute: cidade símbolo da decadência Ocidental

(Continuação da 16.ª página)

visitantes provenientes de todo o mundo árabe: príncipes da Arábia Saudita, xeques e homens do petróleo dos ricos Estados do Golfo, que possuem sumptuosas villas ou estravagantes «suites» em hotéis e sabem receber condignamente.

Em Beirute, o príncipe da Arábia Saudita desembarca-se do seu traje do deserto e converte o elegante feto de Saville Row, ao passo que sua mulher troca o longo véu negro pelas últimas modas parisienses.

Mituram-se com os «play-boys» libaneses, vestidos por Pierre Cardin e Ted Lapidus, nas loucas festas que terminam a altas horas da noite nos clubes nocturnos e nas discotecas de Beirute.

Beirute possui tantos bares como qualquer capital em todo o mundo. Muitos deles têm hospedeiras, cuja missão é distrair os clientes masculinos pelo preço de uma garrafa de «champanhe» de má qualidade.

Muitas das raparigas vêm da Europa, mas algumas das

recém-chegadas estão revoltadas, afirmando que foram atraídas a Beirute com um bilhete de avião de ida e volta e falsas promessas.

O único local de prostituição que resta no Médio Oriente situa-se a uma distância considerável do principal largo da baixa de Beirute, um bairro mal-famado onde se chama a atenção para as casas por meio de alegres reclamos luminosos.

Todavia, como a lei do país não permite que novas raparigas vão trabalhar nos bordéis, a idade das prostitutas, é, em média, bastante acima dos 40.

EXILADOS E ESPIÕES

A zona mais alegre de Beirute, hoje em dia, é a Rua Hamra na cidade alta, onde se situam os grandes armazéns, é ao longo da qual desfilam as raparigas de tez de cor de mel nas suas minidias, maxis, e, actualmente, «hot pants», enquanto os coros de desporto dos «play-boys» desfilam lentamente pela avenida.

Nos cafés, os exilados políticos — palestinos, sírios, iraquianos, jordanos, iemenitas, libios, egípcios, etc. — juntam-se para tagarelar, recordar e fazer projectos.

Não estão em boas relações com os respectivos Governos e usam Beirute como base de informações, refúgio e, possivelmente, regresso ao seu país. Revoluções golpes de estado e movimentos de libertação têm todos eles sido planeados por intelectuais em Beirute.

Ao longo dos anos, Beirute concedeu asilo a reis e rainhas destronados, a presidentes e primeiros-ministros destituídos, bem como aos políticos e revolucionários que tentaram derrubá-los. Mas, quer fossem reacçãoários, quer revolucionários quando se encontravam no poder, muitos deles tiveram o cuidado de depositar algumas economias numa conta de um banco de Beirute, na previsão de um dia sombrio.

Deste modo, Beirute é uma cidade onde se cruzam políticos do mundo árabe a caminho do êxito e... da derrota.

Entre os exilados existem espíões e pseudo-espíões, todos preocupados em obter informações acerca do que se está a passar nos confins do mundo árabe.

Os expatriados publicam os seus pontos de vista nos 40 jornais da cidade, muitos dos quais podem as suas colunas de editoriais à disposição dos interessados, a preços de anúncios, ou são propriedade de um ou outro partido político.

A imprensa de Beirute, para melhor ou para pior, é a maior fonte de notícias e opiniões não censuradas do mundo árabe. Até mesmo o falecido presidente do Egito Gamal Nassér, aconselhou certo dia um diplomata sírio a ler «pelo menos três» jornais de Beirute por dia.

Conforme disse o conhecido escritor-viajante James Morris:

Chegados de Pequim ou de Pittsburgh, encontraremos, em breve, um reagent deste país liberal onde, quer nos entreguemos ao erotismo ou à discussão de conceitos filosóficos, acabaremos por nos sentir como em nossas casas.

MONTEIROS & REYNOLDS, LDA. COMEMOROU UM QUARTO DE SÉCULO DE ACTIVIDADE COMERCIAL

No passado dia 3 Monteiro & Reynolds, Lda. comemorou vinte cinco anos de existência.

Num almoço íntimo que reuniu todo o pessoal que trabalha naquela firma e onde estiveram presentes os Directores Carlos Nunes Gonçalves, Eng.º Carlos Fernando Gonçalves e Rui Pedrosa, foi referida a actividade daquela firma ao longo destes 25 anos.

Salientando-se uma gestão que permite hoje homenagear a fidelidade comercial dos seus clientes, foi referida a notoriedade da empresa citando algumas das suas representadas como a Union Oil Company of California, Ekco Heating & Appliance Division of Pye Ltd. e Ibelsa — Ibérica de Electrodomésticos, S.A.

Foram ainda enaltecidas as qualidades reveladas por todos os seus colaboradores no desempenho das diversas funções, agradecendo-se o bom

espírito de colaboração de que todos têm dado provas ao longo destes anos de contínua e produtiva actividade.

FALECIMENTOS

D. Luísa Nunes Coelho de Almeida

Faleceu a sr.ª D. Luísa Nunes Coelho de Almeida, de 95 anos, natural de Medelim, re-

sidente na Rua Passos Manuel, 84-A, r/e, mãe do nosso antigo camarada na Imprensa, José Joaquim Coelho de Almeida, há pouco falecido, e do sr. Joaquim Coelho de Almeida, residente em Lourenço Marques, e avó do sr.

Carlos Alberto Barata Coelho de Almeida, casado com a sr.ª D. Maria Manuela Trigueiros de Castro Serra Coelho de Almeida. O funeral realiza-se amanhã, às 11 horas, na igreja dos Anjos para o cemitério do Alto de S. João.

FUNERAIS

José Nunes Corisco MONTARGIL, 8. Para o cemitério da vizinha povoação de Foros do Mocho, realizou-se o funeral do sr. José Nunes Corisco, de 81 anos, casado, proprietário.

A inauguração de um busto de Ferreira de Castro nas Caldas das Taipas

Nas Caldas das Taipas, ultimam-se os preparativos da homenagem a Ferreira de Castro, que decorrerá no dia 17. O busto, da autoria do escultor António Duarte, já está fundido e deve chegar ainda esta semana a Guimarães.

Jorge Amado, impossibilitado de comparecer, enviou uma saudação, que será lida na homenagem.

Também vai ser editado um opúsculo com o programa e dois textos de Ferreira de Castro (ainda não incluídos em nenhum livro do escritor), um sobre as Caldas das Taipas e outro sobre o Minho.

No mesmo dia, às 20 horas, no Restaurante Jordão, em Guimarães, haverá um jantar de homenagem a Ferreira de Castro, encontrando-se as listas de inscrição nas livrarias e em outras casas comerciais daquela cidade.

M/ 6 anos VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Domingo, 11 de Abril,
às 16 horas
(Domingo de Páscoa)

UM BRINDE AO PÚBLICO ALGARVIO

7-Touros de Casta Espanhola-7
3 — Cavaleiros — 3

VARELA CDD
AFONSO MALDONADO
CORTES

JOSE MANUEL CORREIA
LOPES (ZE MANEL)

1 — Matador — 1

O maior Toureiro Português
da Actualidade

JOSE JÚLIO

O maior Prémio da Crítica
em 1970

O Toureiro Português que mais
corridas tem contratadas

2 — Grupos de Forcados

Amadores — 2

Amadores da Tertulia T. do
Montijo e Amadores de Cascais,

capitaneados por Domingos
Batista e Vítor Freire

Transportes assegurados pela
Empresa de Camionagem «RUI-
DOVIÁRIA», entre Faro e Vila

Real, antes e depois
Preços Populares

Sol desde 20300
Sombra desde 30900

ATENÇÃO — Visite o Algarve,
quem não conhece o Algarve,
não conhece Portugal.



Facultamos

- crédito a médio ou longo prazo para:
- Investimento
- Produção e venda a prazo de bens de equipamento nacionais
- Exportação

Colaboramos

- com as actividades económicas nacionais na realização de:
- Estudos económicos sobre oportunidades de investimento
- Contactos com empresas nacionais e estrangeiras, para a concretização de iniciativas de interesse mútuo.

Remuneramos

- depósitos de prazo superior a um ano à taxa de 5,75% com:
- Isenção total de impostos
- Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças
- Segurança total.



BANCO DE FOMENTO NACIONAL

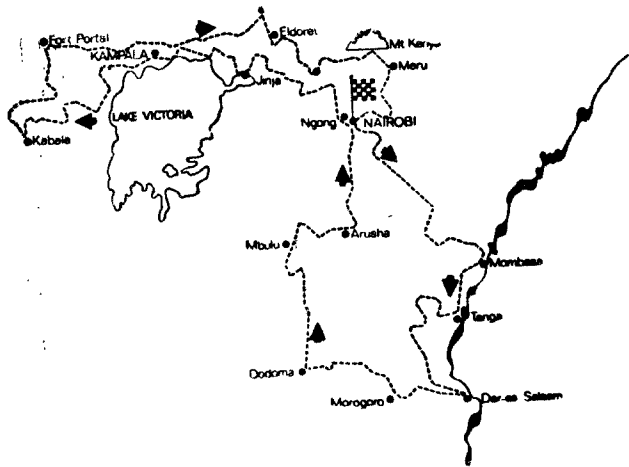
METRÓPOLE Sede: LISBOA. Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA, SANTARÉM, EVORA, VISEU, AVEIRO.
ULTRAMAR Direcções-Gerais: LUANDA, LOURENÇO MARQUES.

IMPULSÃO DO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

AUTOMOBILISMO

COMEÇA HOJE EM NAIROBI O XIX EAST AFRICAN SAFARI UM DOS MAIS DUROS RALLIES DO MUNDO

Principia hoje o XIX East African Safari, uma das provas automobilísticas mais duras do mundo e que até hoje



Através do Quênia e da Tanzânia os concorrentes atravessam duas vezes o Equador

nunca foi ganha por nenhum volante europeu. Talvez por esta razão os pilotos europeus mostram-se cada vez mais interessados na famosa prova queniana.

Entre os mais cotados para vencer este ano contam-se as

Makinen-Henry Liddon, Roger Clark-Gilbert Staepelaere e Robin Hillyar-Jock Aird. Todas estas equipas tripularão os «Ford Escort RS» especialmente preparados para o East African Safari.

Prevê-se que a competição



Este tipo de estrada é típico do Safari do Quênia

atinga este ano uma duração invulgar, não devido ao elevado número de equipas inscritas (130) como ao nível dos participantes. Só a marca japonesa «Datsun» tem 33 viaturas em prova.

O veterano do «Rallye» é Joginder Singh, cidadão britânico de origem indiana, que vive no Quênia e já tomou parte em 12 edições do Safari do Leste Africano.

A competição principia hoje em Nairobi, desenvolvendo-se por um itinerário através do Quênia e da Tanzânia.

DESPORTO

TÊNIS DE MESA

O «MUNDIAL» DE SINGULARES PARA UM SUECO

NAGOYA, 8 — (R.) — O sueco Stellan Bengtsson, de 18 anos, ganhou o título mundial de singulares masculinos em ténis de mesa ao derrotar na final o japonês Shigeo Ito, que era o seu defensor, por 19-21, 21-13 e 21-10.

Bengtsson é o primeiro europeu desde 1953 que ganha o título mundial de singulares masculinos, conseguindo pôr fim ao domínio dos japoneses e chineses, que ganharam sucessivamente 10 campeonatos mundiais.

O jovem sueco, que joga com a esquerda, demonstrou nítida superioridade sobre o campeão japonês.

ESTA NOITE

ANDEBOL. — Taça Nacional de Juvenis, no Pavilhão Gimnodesportivo da Póvoa de Varzim: Beira-Mar-Padreense, às 20 e 45; Boa Hora-Setúbal, às 21 e 35; Beirenenses-Académica, às 22 e 20; e C. D. U. P. Vitória de Guimarães, às 23 e 10.

BILHAR. — Campeonato de Lisboa de 1.ª categoria a uma tabela, na Associação dos Amadores de Lisboa, às 21.

TÊNIS DE MESA. — Campeonato de Lisboa da II Divisão (desempates): Amoreiras-Académica da Amadora, às 21 e 30, no Desportivo Operário; 2.ª categoria: S. L. Aguias Armadorense, às 21 e 30 no Amoreiras.

— Torneio de Preparação de Juniores: Alunos Apolo B-Alunos Apolo A, Ateneu Centro Católico e Academia Verdi, Rio Seco, às 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

Campeonato de Lisboa da

III Divisão: 1.ª categoria, Oeiras-Graca e Alunos Apolo-Cimento Tejo; 2.ª categoria, Fontainhas-Castelo e Cimento Tejo-Alunos Apolo, às 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

MINI-ANDEBOL

Vinte equipas no torneio do Benfica

Pela segunda vez, o Benfica organiza a partir do próximo dia 17 um torneio de mini-andebol, destinado às camadas jovens.

Cerca de 200 atletas que participam nas 20 equipas concorrentes, participarão numa interessante competição cujo objectivo fundacional é proporcionar a propagação da modalidade e a prospecção de novos valores.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso n.º 31 - 10.ª Época

Maria da Fonte, 21x, 121, 211, 1212; Notícias de Chaves, 211, 1xx, 1xx, 2x1x; Notícias de Felgueiras, 21x, 1x1, 2x2, 1x1x; Povo Algarvio, 212, 1x1, 22x, 2x22; A Rabeca, 211, 121, 2x1, 1x12; Rádio Alentejo, 111, 111, 2x1, 1212; Bondiazinho, x11, 2x1, 2x1, 2x12; Brado Africano, 122, 2x1, 212, 1x22; Cidade 71, 1x1, 111, 2112; Domingo Alegre, x11, 1x12, 2x1, 1x12; Jornal Desportivo, 212, 1x1, 211, 1x12; Passatempo, 1x1, 111, 211, 1x11; Roteiro Sonoro, 11x, 121, 1xx, 2111; Terceiro Programa, 211, 1x1, 221, 2x1x; Vamos Jogar no Totobola, 111, 111, 2x1, 1x12; Boletim Desportivo, 212, 121, 222, 1212; Miscelânea Musical, xx2, x11, 1x1, 2111; Montra do Exito, 1x2, 111, 1x1, 1x12; Música e Desporto, 21x, 121, 22x, 1212;

Prograda da Manhã, 11x, 111, 11x, 1x21; Rádio Placard, 111, 111, 11x, 1111; Estudos 64, x11, 111, 2x2, 1111; Placard Desportivo, 111, 111, x11, 1111; Notícias do Douro, xx1, 111, xxx, 1x12; Pro. da Só-Rádio, 111, 1x1, 1x2, 2x1x; A Lição do Menino Quim, 211, 121, 2x1, 1xxx; Manchete Desportiva, 211, 121, 221, x212; Penalti, 211, 12x, 22x, 2x12; Colina Sagrada, 2xx, 1x2, 2x2, x111; Comércio de Leixões, 212, 1x2, 22x, 2x22; De Tudo Um Pouco, 211, 111, 211, 1x12; Jornal Notícias, x11, x21, 2xx, 2x1x; Mosaiço, 111, 121, 211, 2x12; Primeiro de Janeiro, 11x, 121, 1x1, x212; Rádio Sports, 1x1, 121, xxx, xxx; Repórter do Dia, 211, x21, 2x1, xx12; Repórter do Dia (Angola), 211, 121, 212, 1x12; Novidades, 211, x21, 21x, 1x12; Boletim Desportivo, 111, 11x, 1x12, 1111; Cavalegada do Ritmo, 212, 121, 1x1, 2x1x; Centro Desportivo, 112, 1x1, 2x1, 112; O Comércio do Porto, 211, 1x1, 2xx, 1112; Correio do Vouga, 212, 111, 221, 2x1x; As 10 Espera Por Nós, x11, 111, x11, 1111; Diário de Coimbra, 211, 121, 2x2, 2x1x; Diário do Minho, 211, 111, x11, 1111; Diário do Sul, 1x1, 121, 1x1, 1xxx; Ecos de Cacia, 211, 121, 211, 1212; Ecos do Desporto, 211, 111, 2x1, 2x11; Dos Fracos Não Reza a História, 111, 111, 111, 1111; Imagens Piedenses, 1x12.

212, 1x1, 2x1, 2x2x; Jornal de Sintra, 112, 1x1, 221, 2122; Litoral, 212, 1x1, 2x1, 1x1x; Momento do Totobola, 11x, 2x1, 211, 1x12; Mundo Desportivo, 211, x21, 2x1, 1x12; O Norte Desportivo, x11, 1x1, 2x1, 2x1x; Notícias de Évora, x11, 1x1, 2x1, 121x; A Ordem, 112, 121, 2x2, 2122; Passatempo JJ, x1x, 121, 2x1, 1x12; Peca Que Não Maça, 211, 1x1, 2x1, 1x12; Póvoa de Lanhoso, 112, 11x, 211, 1x12; Prog. Diário do Porto, x11, x21, x11, 1x12; Prog. Sem Nome, 111, 121, 2xx, 1112; Rádio Clube do Norte, x11, 1x1, 2x1, 2x11; Rádio Oceano, 211, 111, 2xx, 2x1x; Auto Rádio, x11, 111, 2x2, 1111; Campeão Português, 211, 111, 1x1, 1111; Renovação, 211, 11x, 22x, 1x12; República, 21x, 121, 21x, 1212; Resenha Desportiva, 2x1, 1x1, 221, 2x12; Revista de Som, x12, 111, 211, 2x1x; O Sorriso da Hora do Almoço, 2x1, 11x, 211, 121x; O Telegrafo, 211, 121, 111, 1x12; O Templário, 211, 111, 111, 1xxx; O Apostolado, 2x1, 111, 2x1, 2x12; Diário, x1x, 121, 2x1, 1212; A Nossa Chave, 111, 121, 211, 2x12; Notícias do Totobola, 211, 121, 22x, 1x12; Canal 18, 121, 1x1, 2x1, 1112; Estádio, 21x, 1x1, 212, 1x1x; Ronda da Noite, x11, 121, x11, 1212; Terra Alta, 111, 12x, 111, 21x1; Voz do Casa Pia, x11, 1x1, 2x1, 1x12; A Voz Desportiva, 121, 112, 2x1, 1x12; A Voz do Domingo, 211, 121, x11, 2x12; Voz de Lamego, 211, 121, 212, 2x12; A Voz dos Rídiculos, 211, 121, 222, 1x12.

RESUMO BOLAS (a)

	1	X	2	1	X	2
1. Mirandela-Fafe	37	22	32	4	2	6
2. Lamego-Chaves	94	12	5	10	1	1
3. A. Viseu-Oliveirense	71	21	19	8	2	2
4. Sacavenense-Caldas	93	14	4	10	1	1
5. Vilafranquense-Estoril	42	28	41	5	3	4
6. Juventude-Amora	97	8	6	10	1	1
7. Málaga-At. Madrid	15	25	71	1	3	6
8. Gijón-Bilbau	45	46	20	5	5	2
9. Granada-Celta	72	25	14	8	3	1
10. Bolonha-Cagliari	57	37	17	6	4	2
11. Lanerosi-Juventus	36	47	28	4	5	3
12. Milan-Napoles	92	13	6	10	1	1
13. Varese-Inter	20	29	62	2	3	7

E a chave lógica será: 211 111 2X1 1X12

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

amanhã

a oportunidade e SUA

ganhe os
16 MILHÕES
da

LOTARIA
DA PASCOA

BENFICA, 3-OFFENBACK, 0

NUM JOGO EM FAMÍLIA GANHOU O DONO DA CASA...

Foi um jogo, em família, quase íntimo, sem a emoção das grandes noites. Ganhou o dono da casa, como não podia deixar de ser, pois a diferença entre hóspedes e anfitriões era considerável.

O Benfica não precisou de apresentar a sua melhor equipa, conforme aliás, já havia sido anunciado. E o Offenbach, apesar disso, não se mostrou com ensanches para discutir, a sério, com os crescentistas da Luz.

Cedo se percebeu que os alemães não representavam qualquer perigo. Eles tinham uma ideia de ligação

e domínio de bola, mas o futebol dos portugueses possuía outra, contendo, situar-se em alvos mais altos.

Principalmente no que respecta à capacidade realizadora. Certo que eles também remataram e Fonseca defendeu muito e bem. No entanto, os pontapés dos germanicos davam, principalmente para os defensores, e não para ser batido.

Já as avançadas benfiquistas continham um poder de perfuração que proporcionava autênticas oportunidades de marcar. Como a desenvolvida e convertida, aos 20 mi-

nutos, por Torres e Aguiar, com toque de cabeça daquele e chute potente antecedido de «dribles» curtos, do segundo.

O tom próprio dos encontros particulares acentuou-se com o decorrer dos minutos. O Benfica fazia o seu jogo sem pressas mas com entendimento visível e os tentáculos chios de boa vontade, replicavam como podiam.

Terminava a primeira parte quando os visitantes obtiveram outro tento. Aguiar retribuiu a oferta do seu companheiro Torres e o «gigante» da Luz achou maneira de fazer passar a bola por entre as pernas de Bertram.

As facilidades do primeiro tempo diminuíram um tanto na segunda metade. O Offenbach tornou dos vestidores com maior desenvoltura e a partida passou a ser menos desnivelada.

Neste período, os estrangeiros meteram alguns cru-



Torres, bem à sua maneira, obtém golo

zamentos e passes em espaços vazios e acionaram-se da grande área do adversário com mais hipóteses de marcar. O pontapé às redes continuou, porém, a ser o seu calcanhar de Aquiles e, nas alturas em que chutavam acerbamente, Fonseca respondia com decisão e segurança.

Um cruzamento de Toni, aos 71 m., atravessou a cortina defensiva do Kicken e Torres, abrindo o compasso, apareceu frente às redes para nela introduzir o esférico com um toque aplicado como deve ser.

Persistentes e disciplinados (ou não se tratasse de

alemães os «encarnados» da Alemanha (os de cá vestiram-se de branco) procuraram obstinadamente não fiocar em «branco». Eson Kraemer, o nº 11, que pareceu a «estrola» da turma, tem iniciativas dignas de reles mas sem continuidade por parte dos colegas. Ainda por cima, os dianteiros «adversários» caíram na ratoeira do «faro de jogo» armado pelos defesas dos «nossos» e tudo ficava como dantes.

Como o Offenbach havia feito refrescar a equipa o mesmo resolveram os crescentistas de cá: entraram Vitor Martins, Nenê e Diamentino, que se limitaram

a assinar o ponto. E pronto...

Resta assinalar que Américo Barrada arbitrou bem.

As equipas: BENFICA: Fonseca, Barros, Messias, Marques e Jacinto (V. Martins, aos 68 m.); Matine e Paulo Calado, Azuns (Nenê, aos 72 m.), Torres e Paulo Diamentino, aos 72 m.)

OFFENBACH: Bertram, Weiback, Spindel, Weida e H. Kremers (Serafim, aos 75 m.); Rudi Scholz, aos 75 m.) e Gerd Bachfeld, Waelinger (Serafim, aos 75 m.), Tobi e Eson Kraemer.

FRANCISCO CAMILO

Em Chateauroux, contra o Berrichonne

ACADÉMICA: vitória (3-1) e exibição

Ao princípio foi o frio e a chuva e um guarda-redes (do La Berrichonne) a impedirem que a máquina Coimbra funcionasse.

Mas não durou muito. Breve as estufantes acertaram o passo e as jogadas começaram a aparecer fluidas, proporcio-

BAMBO: dois jogos

O desagradado que teve, domingo último, com Ernesto (Belenenses) custou ao Rufista Bambo dois jogos de suspensão.

Mas a lista dos jogadores castigados distribuída pela F. P. F. não fica por aqui. Extensa, ela implica jogadores da 11.ª Divisão — e ainda juniores e juvenis. Em relação a estes pode dizer-se que estão a ter mau começo...

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

Mirandela-Fafe	X
Lamego-Chaves	1
A. Viseu-Oliveirense	1
Sacavenense-Caldas	1
Vilafrankense-Estoril	1
Juventude-Amora	1
Matag. Atl. Madrid	2
Giloi-Bilau	X
Granada-Celta	1
Bolonha-Cagliari	1
Lanerossi-Juventus	X
Milan-Nápoles	1
Varese-Inter	2

nando fortes motivos de agrado aos três mil espectadores que arrostaram com o mau tempo — certo que grande percentagem de portugueses. Breve se assistiu a um caudal atacante português (embora repousado) a que os franceses opuseram muita ingenuidade... e um guarda-redes — Odejnik de seu nome — excepcional, ou em dia excepcional. Mas o que é certo (estas coisas que o futebol tem...) é que no intervalo e com os locais que venciam por 1-0, zolo marcado (ou consentido?) no último minuto. Mas não se acreditava. E, na realidade, a segunda parte viu as coisas serem repostas nos devidos lugares: a Académica acelerou, os franceses oscilaram, ainda mais e com três golos (falhando, embora, outros três ou mais — muito por isto e por aquilo, muito por causa de Odejnik) a questão ficou arrumada. E arrumada pelo melhor: isto é, através de exibição catagórica. Marçaram os golos «académicos»: Alinho, aos 6 minutos, na sequência de um centro; Serafim, à meia hora (um «golão» com um remate à entrada da área sem deixar a bola cair) e Gervásio, aos 41 minutos, depois de uma tabelinha, com José Manuel.

Assinale-se, no plano individual, além do já falado Odejnik que, porventura não esquecerá tão cedo este jogo, as exibições de Rui Rodrigues, Vitor e Mário Campos, Serafim, Artur e Vala, um novo (mais um dos tais em que a Académica é pródiga) que pode vir a dar que falar.

Hóquei em Patins

LISBOA EM MONTREUX

Partindo hoje para a Suíça, a seleção de Lisboa de hóquei em patins joga, amanhã, contra a França, no encontro inaugural do Torneio de Montreux.

Jogadores e seleccionados: Coelho, Ramalheira, Reis, Garrancho, Leitão, Luís Barros, Jorge Vicente, Abreu, Puskas e António José.

Calendário dos jogos:

Amanhã à tarde — Portugal-França (14 e 20), Espanha-Itália e Suíça-Holanda. À noite: Argentina-Portugal (20 e 20), Holanda-Espanha e Itália-Suíça.

Sábado à noite — Holanda-

Itália, Argentina-França e Espanha-Suíça.

Domingo à tarde — Argentina-Holanda e França-Suíça. À noite: Espanha-Argentina e Portugal-Suíça.

Segunda-feira à tarde — Eslovénia e Holanda-Portugal. À noite: França-Itália, Suíça-Argentina e Portugal-Espanha.

Os desafios à tarde começam às 14 e 20 e à noite às 20 e 30 (horas de Lisboa).

A Emissora Nacional transmitirá o relato directo, geral de todos os jogos da equipa portuguesa.

Jackie Stewart gosta da família o Ford Escort também



A partir de Esc. 60.142\$40*

Jackie Stewart é um campeão. O Ford Escort também. Jackie Stewart gosta da família. O Ford Escort também.

Há 2 maneiras de definir o Escort: o carro familiar mais desportivo ou o carro desportivo mais familiar. De uma ou de outra maneira, é o carro mais

económico da sua classe. Económico na compra. Económico na manutenção. Esteja ele cheio de família ou cheio de genica.

Uma, duas portas. Ou uma, duas, três, quatro portas! Ou Station! Nas versões 1100 ou 1300 GT. Ou ainda um dos

modelos super-desportivos: Escort Twin Cam, Escort 1600 RS ou Escort México.

Têm todos a garra Escort. São todos Ford Escort.

*Inclui equipamento extra, e taxa FFE. Não inclui despesas de transporte, transferência, chapas de matrícula e outras afins.

À sua disposição nos Concessionários FORD

Ford à frente



Apoiado pelo Serviço e Peças Ford

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA A VISO APEADEIRO DA BAIXA DA BANHEIRA

Concurso publico para arrematação da empreitada de Construção do Apeadeiro de Caminho de Ferro da Baixa da Banheira — 1.ª fase: Plataformas, abrigos e vedações.

Faz-se publico que ate ás 17.30 horas do dia 6 de Maio próximo a Câmara Municipal da Moita recebe propostas para a execução da empreitada em epigrafe. No dia imediato ás 14.30 horas perante a Câmara Municipal reunida proceder-se-á ao acto publico do concurso.

A base de licitação é de 651 663\$20 (seiscientos e cinquenta e um mil seiscientos e sessenta e três escudos e vinte centavos).

O depósito provisório da importância de 16 291\$60 deverá ser feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia passada pelo próprio concorrente e á ordem da Câmara Municipal da Moita.

O programa de concurso cado de encargos e projecto estão patentes todos os dias uteis durante as horas de expediente, na Secretaria desta Câmara Municipal.

Moita, 6 de Abril de 1971
O Presidente da Câmara,
VICTOR BRITO DE SOUSA

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base: Dez. 65=100)

	24/71	7/4 71	Desvio %
GERAL	152,1	151,9	—
MEIROPOLITANAS	148,6	147,5	—
Bancarias	304,9	304,1	—
Electricas	92,8	92,8	—
Industriais	114,2	114,0	—
Diversas	139,5	139,4	—
ULTRAMARINAS	182,8	181,7	—
Angolanas	189,7	188,5	—
Mocambicanas	103,5	103,5	—

MOBILIAS

Normais e de estilo

■ COLCHÕES *Molaflex*

NOVO SISTEMA DE PAGAMENTO

VISITE
e CONSULTE

ESTABELECIMENTOS
Cancela

ALGÉS - Av. Combatentes da Grande Guerra, 85-B
ALMADA - R. Bernardo Francisco do Costa, 22
MONTIJO - R. José Joaquim Marques, 106
LISBOA - Calçada do Combro, 21-23

LINHA DE CASCAIS

HORARIO DO DIA 9 DE ABRIL

Durante o dia de amanhã, 9 de Abril, Sexta-Feira Santa, funcionará na linha de Cascais o horário de domingos e feriados.

CONVITE

O GRÉMIO REGIONAL DA INDUSTRIA DE VESTUÁRIO DO SUL, representante da Indústria de Vestuário, convida todas as alfaiatarias não abrangidas pela Portaria de Regulamentação do Trabalho para os Empregados no Comércio, publicada no Boletim do I. N. T. P., N.º 12, de 29 de Março de 1971 que, solidariamente com o comércio, encerrem as suas casas na 6.ª Feira Santa. — A DIRECÇÃO.

SINDICATO NACIONAL DOS CONTÍNUOS, PORTEIROS E PROFISSÕES SIMILARES DO DISTRITO DE LISBOA

AVISO

Em conformidade com o n.º 3 do Art.º 21.º dos Estatutos, convoco os Associados deste Sindicato a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, na Sede do Sindicato Nacional dos Telefonistas, na Rua S. Pedro de Alcântara, 63-2.º, em Lisboa, ás 16 horas do dia 17 de Abril de 1971, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

Apreciação e Aprovação do Relatório e Contas do Ano de 1970.

No caso de não haver número legal de sócios para a Assembleia funcionar em primeira convocação, os trabalhos terão início uma hora depois com qualquer numero de sócios nos termos do Art.º 29.º dos Estatutos.

Lisboa, 29 de Março de 1971.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) Alexandrino Dias

EXCURSÕES DA C. P.

MADRID, ANDALUZIA E FEIRA DE SEVILHA

A C. P. realiza, em colaboração com a Agência de Viagens e a Empresa Geral de Transportes e por ocasião da Feira de Sevilha as seguintes excursões.

MADRID E FEIRA DE SEVILHA

(data de partida: 16 e 19 de Abril)

Viagem nos comboios «Lusitania Express» e «TER» até Madrid e autocarro no restante percurso. Dois dias em Madrid e três dias em

Sevilha, incluindo alojamento e refeições nos hotéis e comboio «TER», assistência e transferências em Madrid, etc.

Preço por pessoa: (Partida em 16/4) 2680\$00 (Partida em 19/4) 2800\$00

MADRID, ANDALUZIA E FEIRA DE SEVILHA

(data de partida: 19 de Abril)

Viagem nos comboios com autocarro até Madrid e circuito de autocarro para Granada, Córdoba, Sevilha, etc. Dois dias em Madrid e cinco dias em Andaluzia, com visita à Feira de Sevilha, alojamento

e refeições nos hotéis e comboio «TER», assistência e transferências em Madrid, etc.

Preço por pessoa: 3250\$00
Informações telefónicas: Telef. 86 75 29

Distribuição de programas descriptivos, informações e inscrições.

Estações de Lisboa (Rossio) - Lisboa (Santa Apolónia) - Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa. E G. T. Rua do Arsenal, 124, e demais Agências de Viagens.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 5 — (A. N. I.) — O Comando-Chefe das Forças Armadas em Angola informa:

«1. No mês de Março o numero das acções levadas a efeito pelo terrorismo teve uma quebra de 27% em relação ao mês anterior.

«2. Para refazer os seus quadros que sistematicamente têm vindo a ser destruídos pela actividade operacional das nossas tropas o terrorismo promoveu novas infiltrações de grupos armados a partir dos países limitrofes. Detectadas foram repêlidas e as nossas tropas especialmente numa delas junto à fronteira norte provocaram grande numero de baixas e capturaram elevada quantidade de armamento, de que se destacam dez armas automáticas trinta milas trinta e cinco granadas e quatro mil munições.

«3. As acções dos terroristas repartiram-se pelas seguintes modalidades: implantação de engenhos explosivos 33.1 por cento; reacções ao avanço das nossas tropas 30.3 por cento; acções de intimidação às populações 28.3 por cento; flagelações contra as nossas tropas 6.3 por cento; outras acções 2 por cento.

«4. Analisando a sua actividade verifica-se que:

a) As acções de intimidação das populações, pela primeira vez desde há muito tempo deixaram de ocupar o primeiro lugar. Mesmo assim foram raptadas 156 pessoas e mortos dezasseis civis alguns depois de sujeitos a atrocidades.

b) Continuou a aumentar a percentagem de engenhos explosivos implantados que em mais de cinquenta por cento dos casos foram detectados e levantados. Os acções levaram a morte de quatro de civis.

c) Aumentou a percentagem de reacções ao nosso avanço mas diminuíram as flagelações o que conjugado com os resultados por nós obtidos continua a demonstrar estarem os terroristas sem espírito agressivo e a actuarem quase só quando contactados.

«5. Como actividade puramente defensiva da sua parte há a mencionar uma emboscada perto de Mas-aufeita com fins de propaganda internacional, conforme as notícias posteriores vieram a confirmar, por um grupo de mais de cinquenta elementos que para o efeito vieram de uma das suas bases na República Democrática do Congo e ainda o ataque ao Aquartelamento de Lumbala.

— No primeiro caso finda a acção em que sofremos quatro baixas, o grupo voltou a acotarse no Congo.

— Na segunda acção os terroristas foram postos em debandada com elevado numero de mortos e feridos.

«6. Porfiando nos seus esforços de pacificação as actividades das forças militares e militarizadas além das

missões de vigilância das fronteiras que levaram ás detecções atrás indicadas foram orientadas para missões de assalto e neutralização dos focos terroristas.

«7. Em consequência desta actividade ofensiva de que se salientam no norte as operações «Inop», «Ilapa», «19», «Primeiro encontro» e «Leopardo» e a leste as operações «Pato 5», «Crosta», «Alisa 2», «Lupa» e «Andrade» obtiveram os seguintes resultados:

a) Ocasionalmente duzentos e quatro mortos e vinte e nove feridos confirmados.

b) Capturaram-se armas, munições e documentos em quantidade apreciável.

c) Libertaram-se trezentos e noventa e sete pessoas que os terroristas, pela força, submetiam ao seu jugo.

d) Com a destruição de alguns focos e a desorganização imposta a outros, proporcionaram-se condições para que mais 433 pessoas se apresentassem para iniciarem uma vida de paz.

«8. É já do conhecimento publico a identificação de nove militares mortos em combate durante o mês de Março.



TRANSUL-EMPRESA DE TRANSPORTES, Lda.

Serviços Comerciais e de Tráfego

LARANJEIRO

CARREIRAS PARA A PRAÇA DE ESPANHA HORÁRIOS

Inicia-se no próximo dia 10 de Abril de 1971 a exploração das seguintes carreiras:

N.º 39 — ALMADA — PRAÇA DE ESPANHA

	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a
ALMADA	0.15	8.15	9.15	15.15	15.15	14.15	15.15	16.15	17.00	18.00	19.00							
COVA DA PIEDADE	0.25	8.25	9.25	15.25	15.25	14.25	15.25	16.25	17.10	18.10	19.10							
PRAÇA DE ESPANHA	0.45	8.45	9.45	15.45	15.45	14.45	15.45	16.45	17.30	18.30	19.30							
PRAÇA DE ESPANHA	0.45	8.45	9.45	15.45	15.45	14.45	15.45	16.45	17.30	18.30	19.30							
COVA DA PIEDADE	1.05	9.05	10.05	16.05	16.05	15.05	16.05	17.05	17.50	18.50	19.50							
ALMADA	1.15	9.15	10.15	16.15	16.15	15.15	16.15	17.15	18.00	19.00	20.00							

a) — Excepto aos domingos e feriados nacionais equiparados
b) — As 2.ª feiras e dias seguintes a feriados nacionais equiparados

N.º 40 — COSTA DE CAPARICA — PRAÇA DE ESPANHA

	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a
COSTA DE CAPARICA	8.15	10.30	12.50	14.50	16.00	18.00	19.00	20.00	21.00	22.00								
PRAÇA DE ESPANHA	8.45	11.00	13.00	15.00	16.30	18.30	19.30	20.30	21.30	22.30								
PRAÇA DE ESPANHA	8.45	11.00	13.00	15.00	16.30	18.30	19.30	20.30	21.30	22.30								
COSTA DE CAPARICA	9.15	11.30	13.30	15.30	17.00	19.00	20.00	21.00	22.00	23.00								

a) — Efectuam-se de 1 de Julho a 15 de Setembro

N.º 41 — SEIXAL — PRAÇA DE ESPANHA

	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a	h	a
SEIXAL	18.15																	
PRAÇA DE ESPANHA	18.45																	
PRAÇA DE ESPANHA	18.45																	
SEIXAL																		

Gráfica Almadense, Lda. — 1000 ex. — 2-4-71

CAMINHOS DE FERRO LEILÃO

Em 19 do mês de Abril e dias seguintes, ás 10 horas, na estação de Lisboa (Jardim), proceder-se-á a venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido recolhidos.

Avisa-se os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que correspondem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço de Promoção do Tráfego — Escritório de Recuperação (Rua Vitor Cordon, n.º 45, Lisboa) — nos dias uteis, até ao dia 16 daquele mês, das 10 ás 17 horas, excepto aos sábados.

Nas estações estão afixados avisos em que se apontam as remessas acima referidas, as quais podem ser retiradas das polias pessoas interessadas.

CHAMUSCA



MANUEL GOMES

FALECEU

Eurico Manuel da Silva Gomes, sua mulher Maria Garcia Varela de Oliveira Gomes e filha, Ilisabete da Silva Gomes Pestana, seu marido Inácio Augusto Preetes Pestana e filhas, Laura Gomes Valério e demais familia, participam o falecimento de seu pai, sogro, avô, irmão e parente cujo funeral se realiza amanhã, dia 9, ás 12 h. da sua residência para o cemitério local.

CARTAZ DOS CINEMAS



IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134/5
As 15 e 21.45
3.ª SEMANA
Segundo Boris Pasternak
Um filme de David Lean
«DOCTOR JIVAGO»
com Omar Sharif - Geraldine
Chaplin - Julie Christie
70 mm - Metrocolor
ATENÇÃO: O filme começa a
ser exibido às 15.15 e às 21.30

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
5.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de
Jean Luc Godard
«O ACOSSADO»
(A Bout de Souffle)
com Jean Paul Belmond
e Jean Seberg

ROYAL

(M. 12 anos) Tel. 865037
As 21 horas
GIGANTES NO INFERNO

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
2.ª SEMANA
As 15.15, 18.30 e 21.45
50% de acção + 50% de emoção
John Wayne em
RIO LOBO
Um filme de Howard Hawks
Technicolor

ESTÚDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
Um dos processos mais dra-
máticos da História pela pri-
meira vez no cinema!
GALILEU
com Cyril Cusack
EASTMANCOLOR

LIDO

(M. 12 anos) Tel. 937593
As 21 horas
O filme especialmente esco-
lhido para a quadra da Páscoa
BEN-HUR
O mais espectacular filme de
sempre no «écran»-gigante —
70 mm

POLITEAMA

Tel. 426305
HOJE, AS 21.30 (Para todos)
ESTREIA GRANDIOSA
O BRINDE DA PASCOA
DO POLITEAMA
O INVENCIVEL
ROBIN DOS BOSQUES
com Charles Quiney e Pascale
Basile
Eastmancolor

Hoje, às 18.30 — Sessão Clás-
sica com o atrevido filme
«OS LOUCOS DO AMOR»
(Adultos)

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
O melhor filme americano
do ano!
Na linha de «Easy Riders»
Jack Nicholson e Karen Black
DESTINOS OPOSTOS
(Five Easy Pieces)

ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 717480
2.ª SEMANA
As 15.45 e 21.45
50% de acção + 50% de emoção
John Wayne em
RIO LOBO
Technicolor
Um filme de Howard Hawks

RESTAURANTE

(M. 12 anos) Tel. 610375
As 21.30 h.
BARRABÁS
com Anthony Quinn

AVIS

(Adultos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Divertida comédia sentimental
com Gianni Morandi
QUEM SE METE
COM RAPAZES...
Eastmancolor

LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 79593
As 21 horas
JOANA D'ARC
LUCI «SEM» RIBALTA

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
6.ª SEMANA
de um invulgar êxito
O PATIFE
com Jean-Louis Trintignant
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES

AMANHÃ 6.ª FEIRA SANTA
As 15.15 e 21.30
2 ÚNICOS ESPECTÁCULOS
O filme sublime de George
Stevens
A MAIOR HISTÓRIA
DE TODOS OS TEMPOS
com Max Von Sydow, Charl-
ton Heston, Sidney Poitier e
John Wayne
Panavision/Technicolor
M/12 — Cópia nova

BERNA

(M. 12 anos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45 h.
3.ª SEMANA DE ÊXITO!
Pete, O'Loole, Ava Gardner
e Richard Harris
na espectacular superprodução
de Lino de Lauretis, realizada
por mestre John Huston
A BIBLIA
A Av. Marquês de Tomar

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30 h.
Não há má disposição que res-
ista às computadelas deste
filme
O COMPUTADOR
DE SAPATOS DE TÊNIS
Technicolor

As 18.15 — Matinée Infantil
com a maior obra-prima do
desenho animado de Walt
Disney
BAMBI
Technicolor — (M. 6 anos)

Sábado e Domingo, às 11 horas
da manhã — «Matinée» Infantil
com **BAMBI**

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 264821
As 17 e 21.30 h.
AQUELA JOVEM
DE BRANCO
com Cristina Galbo, Roberto
Camardiel e Adriano Domín-
gues

TIVOLI

Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde (p. red.)
(M. 6 anos)
e 9.30 da noite (M. 12 anos)
na tela gigante da Super
Panavision
A CANÇÃO
DA NORUEGA
com Torilv Maurstad
e Florence Henderson

VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 21.45
6.ª SEMANA TRIUNFAL!
com o excitante e discutido
filme colorido de
André Cayatte
OS CAMINHOS
DE KATMANDOU

As 18.30 (M. 6 anos)
A RAPARIGA DOS ALPES
Um belo filme em technicolor
(Junto à Av. de Roma)

CONDES

(Adultos) Tel. 322523-326710
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
2.ª SEMANA
DOMICILIO CONJUGAL
com Jean Pierre Léaud
e Claude Jade

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
JUVANKA E AS OUTRAS
COMEÇOU EM NAPOLES

* outros espectáculos *

• LISBOA

TEATROS
MONUMENTAL — As 21 e 45 h.
«A Cozinha» (17 anos).
TRINDADE — As 2 e 45: «O
Duelo» (17 anos).
VARIÉDADES — As 2 e 45: «O
Contrato» (17 anos).
A B C — As 20 e 45 e às 23 h.
«Frangos na grelha» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 2 e 40:
«A Cozinha» (17 anos).
CAPITÓLIO — As 2 e 45: «A
querida mamã» (17 anos).
MARIA MATOS — As 2 e 45:
«As Irmãs» (17 anos).
VILLARÉ — As 2 e 45: «De-
pois da queda» (17 anos).
CINEMAS
OLIMPIA — As 9: «Os Homens
de Bonanza» (12 anos).
JARDIM — As 21: «De braço dado»
(12 anos).

PARIS — As 21: «O Rei dos Reis»
(12 anos).
CINEARTE — As 21: «A Iro dos
Deuses» (12 anos).
ARCO IRIS — As 21: «Os cava-
leiros da Távola Redonda» (12
anos).
MOSCAVIDE — As 21: «Amor de
Perdição» (12 anos).
IDEAL — As 21: «Mal d'África»
(17 anos).
• Linho de Cascais
PAREDE — ROYAL — CINE — As
21: «Matem Johnny Ringo» e
«A Colina da Saudade» (17
anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e
às 21 e 30: «Aquele jovem
de branco» PALÁCIO — As
21 e 30: «O último comboio de
Katanga» (17 anos).
• Linho de Sintra
VENDA NOVA — CINE-PORTU-

GO — As 21: «O Bom
Pastor» (12 anos).
DAMAIA — D. JOÃO V — As 21
e 30: «Marcelino pão e mel»
(6 anos).
AMADORA — RECREIO-DESPOR-
TIVOS — As 21 e 30: «Um
compêndio em apuros» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE —
As 21 e 30: «Deus perdoo... eu
não!» e «O grande idolo» (17
anos).
• Outra Bando
ALMADA — INCRÍVEL — As 21
e 30: «Tim Tim e o tempo do
sol» (6 anos).
COSTA DA CAPARICA — CO-
PACABANA — As 21: «Vera
Cruz» e «Assalto à cidade» (17
anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E
RECREIO — As 21 e 30: «Nada
de rosas para 005-117» (17
anos).

farmácias de serviço

• LISBOA

AJUDA — Mendes Go-
mes, Calçada da Ajuda,
222 (tel. 638256) * Ta-
pada, Calçada da Tapada
83-A (tel. 634721).
ALCANTARA — Ester
Nogueira, R. de Alcântara
5-A (tel. 637563).
ALFAMA — Cruz de Mal-
ta, Largo do Chafariz de
Dentro, 36 (tel. 866 26).
ALMIRANTE REIS — Lusa
Avenida A. Miranda Reis,
99-A (tel. 41269).
ALTO DE S. JOÃO —
Dalton, Av. Mouzinho de
Albuquerque, 7 (telefone
84357).
ALVALADE — Nova
Iorque, Av. Estados Unidos
da América, 40-B (tel.
760658) * Libia, Av. da
Igreja, 4-B (tel. 717681).
* Celta, Rua Moura Girão,
3-B (tel. 70621) * Mar-
bel, Avenida de Roma,
31-A (tel. 776235).
AMOREIRAS — Amorei-
ras, Praça das Águas Li-
bres, 8-D (tel. 68 5 5).
ANJOS — Magalhães,
Av. Almirante Reis, 4-D
(tel. 49479).
ARCO DO CEGO — Pro-
vidência, Rua D. Filipe de
Vilhena, 9-C (tel. 770324).
AREIRO — Lusitânia,
Avenida de Roma, 8-A
(tel. 725443) * Chinde,
Rua Agostinho Lourenço,
6-B (tel. 70331).
**AVENIDA DA LIBER-
DADE** — Moraes Sarmento,
Rua de Santa Marta, 5
ao Funchal, tel. 464901.

AVENIDAS NOVAS

Lungeni, Avenida da Re-
publica, 55 (tel. 772 32).
* Oliveira Viegas — Rua
Viriato, 29-A (tel. 48966
e 553601) * Sá da Ban-
deira, Rua Marquês Sá da
Bandeira, 42 (tel. 54672).
BAIRRO ACTORES —
Lusa, Av. Almirante Reis
99-A (tel. 41269).
BAIRRO ALTO — An-
drade, Rua do Alecrim,
125 (tel. 823446-370685).
**BAIRRO DA ENCARNAC-
ÇÃO** — Zira, Praça das
Casas Novas, lote 66 (tel.
31072).
BAIRRO DA LIBERDADE —
Zenel, Rua A. 82 (tel.
651840).
BAIXA — Simões Pires,
Rua da Prata, 15 (tele-
fone 362350).
BELÉM — Botânica, Rua
do Junqueira, 38 (telefo-
ne 638 32).
BENFICA — Macedo, Es-
trada do Poço do Chão
69-C (tel. 703697) * Ben-
filiz, Estrada de Benfica
444 (tel. 782606).
CAMPOLIDE — Nova, R.
de Campolide, 297-C (tel.
687415) * Ronh, Rua Ro-
drigo da Fonseca, 53 (te-
lefone 683438).
CAMPO DE OURIQUE —
Fidlar, Rua D. Maria Pia,
514 (tel. 687949) * Lina-
de, Rua Ferreira Borges,
30 (tel. 660955).
CAMPO DE SANTANA —
Peninsular, Campo dos
Mártires, do Pátio, 17
te 553308.

CASTELO

Santa Lu-
zia, Rua da Saudade 2-A
(tel. 869831).
CHIADO — Andrade,
Rua do Alecrim, 25 (te-
lefone 233446).
CONDE GARRA — Mar-
cos do Nascimento, Calça-
da Marquês de Abrantes,
36-A (tel. 664238).
ENTRECAMPOS — Nova
Iorque, Av. Estados Uni-
dos da América, 40-B
(tel. 760658).
ESTRELA — Fonseca,
Largo de D. Estefânia 4
(tel. 54808) * Romano
Baptista, Rua Passos Ma-
nuel, 6-0 (tel. 50593).
GRACA — Almeida Dias,
Largo da Graça, 38-A (tel.
862909) * Higienica, Rua
Heliodora, Sagrado 20-A
(tel. 844361).
ESTRADA DA DAMAIA —
Progresso, Estrada A-
da-Mara 64-C (telefone
702226).
ESTRELA — Linaide, R.
Ferreira Borges 30 (tele-
fone 660955).
GRILLO — Madre de
Deus, Rua da Margem,
5-B (tel. 382470).
JUNQUEIRA — Botâni-
ca, Rua da Junqueira 38
(tel. 638132).
LAPA — Alb, Rua de
Santana, 56 (tel. 663562).
* Moderna, R. Garcia do
Orta 24 (tel. 66317).
LUMIAR — Petulene, R.
do Lumiar, 24 (telefone
663562).
* Doura, Aveni-
da das Linhas de Torres,
93-A (tel. 79131).

dre de Deus, Rua da Mar-

gem, 5-B (tel. 382470).
OLIVAIS — Simão, Rua
Cidade de Coimbra 6-A
(junto à piscina) (telefo-
ne 3 058).
PEDROÇOS — Higienica,
Rua de Pedrouços 52 (te-
lefone 610280).
PENHA DE FRANÇA —
Higienica, Rua Heliodora
Sagrado 20-C (tel. 844361).
* Zemo, R. General Jus-
timiano Paes, 21 (tel. Cal-
çada dos Barbadinhas te-
lefone 832580).
SANTA MARTA — Ma-
rius Sarmento, Rua de
Santa Marta, 5 (ao Tvo-
ri) (tel. 464901).
PICHELEIRA — Mar-
luz — Cascais da Picheleira,
40 B (tel. 720703-728395).
**S. SEBASTIÃO DA PE-
DREIRA** — Oliveira Vi-
egas, Rua do Viriato, 29-A
(tel. 48966-553601).
SETE RIOS — Canto,
Estrada das Laranjeiras
202-R (tel. 780841).
SOCORRO — Ferrão, R.
da Mouraria, 2 (telefo-
ne 860464).

Trindade Brás

R. Costa
Pinto, 86 (tel. 2432024).
OEIRAS — Godinho, Rua
Candido dos Reis, 98 (tel.
2430090).
PAREDE — Aizir, Bairro
das Carixas de Providência,
Bloco A (tel. 2472948).
ESTORIL — Marques dos
Santos — R. Ferreira, J-A,
15 (tel. 260116).
CASCAIS — Marginal —
Av. Marginal (tel. 280078
e 280079).
* A. Costa — R. Freitas
Reis 24-C (tel. 2802 4).
* S. Pedro (tel. 263052).
• Linho de Sintra
AMADORA — Dias —
Av. Marquês de Pombal,
Lote 9 (tel. 934589) *
Campos — R. Elias Gar-
cia, 85 (tel. 930072).
* Cláudio — R. António Sar-
dinha, 23-D (tel. 938551).
DAMAIA — Confinança
— Est. Militar, Lote D (tel.
971023).
QUELUZ — Gil — Av.
Miguel Bombarda, 78 (te-
lefone 95017) * Simões
Lopes — Av. Elias Gar-
cia, 5 (tel. 950231).
CACÉM — Garela — Av.
dos Missionários, 2 (tel.
2942181).
MEM MARTINS — Qui-
lma — Est. Mem Martins,
285 (tel. 2910021).
* S. Valentim (tel. 980456).
SINTRA — Misericórdia

Trindade Brás

R. Costa
Pinto, 86 (tel. 2432024).
OEIRAS — Godinho, Rua
Candido dos Reis, 98 (tel.
2430090).
PAREDE — Aizir, Bairro
das Carixas de Providência,
Bloco A (tel. 2472948).
ESTORIL — Marques dos
Santos — R. Ferreira, J-A,
15 (tel. 260116).
CASCAIS — Marginal —
Av. Marginal (tel. 280078
e 280079).
* A. Costa — R. Freitas
Reis 24-C (tel. 2802 4).
* S. Pedro (tel. 263052).
• Linho de Sintra
AMADORA — Dias —
Av. Marquês de Pombal,
Lote 9 (tel. 934589) *
Campos — R. Elias Gar-
cia, 85 (tel. 930072).
* Cláudio — R. António Sar-
dinha, 23-D (tel. 938551).
DAMAIA — Confinança
— Est. Militar, Lote D (tel.
971023).
QUELUZ — Gil — Av.
Miguel Bombarda, 78 (te-
lefone 95017) * Simões
Lopes — Av. Elias Gar-
cia, 5 (tel. 950231).
CACÉM — Garela — Av.
dos Missionários, 2 (tel.
2942181).
MEM MARTINS — Qui-
lma — Est. Mem Martins,
285 (tel. 2910021).
* S. Valentim (tel. 980456).
SINTRA — Misericórdia

L. Dr. Gregório de Al-

molda, 2 (tel. 980391).
COLARES — Catões —
Abreia (tel. 299088).
• Outra bando
ALCOCHETE — Gamito
— L. António dos Santos
Jorge, 5 (tel. 234001).
ALHOS VEDROS — Por-
tugal — Av. da Beira Per-
são, 8 (tel. 224250).
ALMADA — Nuno Al-
vares — Av. D. Nuno Al-
vares, Perreira, 39 (tele-
fone 270504).
BAIXA DA BANHEIRA —
Nova Fátima — Estrada
Nacional, 22 -B (telefone
22414).
BARREIRO — Soares —
Av. da Republica, 1 (tel.
273035).
COVA DA PIEDADE —
Atlântico — Quilma do
Pombal (tel. 274365).
MOITA — União Mo-
itense — Av. Dr. Teófilo
Braga (tel. 239025).
MONTIJO — Montepio
— Av. Almirante Rola, 93
(tel. 230038).
SESIMBRA — Lages, R.
Candido dos Reis, 87 (tel.
229028).
SETUBAL — Lisboa —
R. Dr. Paulo Borbo (tele-
fone 22248) * São João
— Av. Portela (tel. 22709).
SEIXAL — Godinho —
L. da Igreja 5 (telefone
2218580).

• PORTO

Antero de Quental, Rua
Antero de Quental, 520
(tel. 45448) * Azevedo
Rua do Merão, 503 (tele-
fone 52344) * Constitui-
ção Rua da Constituição
93 (telefone 49083).
* Correia de Araújo, Rua de
Santa Catarina, 259 (tel.
25644) * Cruz, Rua Costa
Cabral, 082 (tel. 4004).
* Guarani, Rua Pedro
H. Sparto, 367 (tel. 62250).
* Herculano, Rua Alexan-
dre Herculano, 384 (tele-
fone 27943) * Lige Ass.
Soc. Mútuos, Rua do Bon-
farrim, 86 (tel. 2711).
* Magalhães, Rua de Ser-
ra, 566 (tel. 63561).
* Nova do Monsanto, Rua
de Monsanto, 48 (tele-
fone 490889) * Ribeiro
Júnior, Sucr., Rua da Fer-
reira, 99-A (tel. 23849).
* Sampaio, Rua de Cedou-
te, 636 (tel. 21782).
* Sanil, Rua do Paraíso, 24
(tel. 25935) * Vitória,
P. da Liberdade, 34-37
(tel. 24333) * Gondarém,
Rua de Gondarém, 360
(fz).

• COIMBRA

Cruz Viegas — Rua do
Brasil (tel. 22961) * De-
nato — Rua Ferreira Bor-
ges (tel. 22603) * Rainha
Santa — Rua da Figueira
da Foz (tel. 24737).

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

Seguiu para a América o pai do piloto português que desapareceu num voo

Partiu, ontem, para Melbourne (Florida), o pai do aluno de pilotagem Jorge Roque de Pinho, de 28 anos, que desapareceu no avião monomotor que se despenhou

N. 1., do dia 16, o avião «AT-6» mergulhou no oceano cerca de 16 quilómetros ao sul da costa, mas até à data não foram encontrados os destroços e é desenhada a causa do desastre.

Jorge Roque Pinho é natural de Lisboa, onde nasceu a 7 de Setembro de 1942, e reside na Av.ª Pedro Álvares Cabral, 28, 5.º-Dt.º Filho do sr. Jorge de Andrade Roque de Pinho e da sr.ª D. Maria Teresa Raposo de Sousa d'Alte Espargosa Roque de Pinho e irmão do sr. José Luis Raposo Roque de Pinho. O sr. Jorge Roque de

Pinho foi aluno do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, não tendo, porém concluído o curso. Esteve em missão de soberania na Guiné, de 1964 a 1966. Desempenhou as funções de secretário do ministério da Saúde e Assistência, dr. Lopo Caneça de Abreu, de 1968 a 1970.

Desde Outubro passado que Jorge Roque de Pinho se encontrava nos Estados Unidos a especializar-se na escola Flight Safety Inc., em Nemo-Beach, na Flórida, para ingressar profissionalmente na aviação portuguesa.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava em geral muito nublado e a ventania era fraca, com aguaceiros em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 12º; Faro, 12º; Funchal, 15º; Lisboa, 13º; Portalegre, 7º; Porto, 12º.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL AS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera, 14º; na água do mar, 13º/4.

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado do quadrante Norte; aguaceiros; possibilidade de trovoadas dispersas.

Amanhã
Nascer às 7 e 13
Ocaso às 20 e 6



Dia 10 Dia 18 Dia 25 Dia 2

MARÉS:

PREIA-MAR: Hoje — 2 e 33 (3,7 m); Dia 8 — 3 e 07 (3,7 m); 14 e 57 (3,6); Dia 8 — 3 e 07 (3,8 m); 15 e 30 (3,7 m); Dia 9 — 3 e 41 (3,8 m); 15 e 59 (3,8 m);

BAIXA-MAR: Hoje — 8 e 13 (1,3 m); 20 e 20 (1,4 m); Dia 8 — 8 e 34 (1,2 m); 20 e 44 (1,2 m); Dia 9 — 9 (1,1 m); 21 e 13 (1,1 m).

LINHA DE CASCAIS

Muito embora o dia de amanhã Sexta-Feira Santa, não seja feriado oficial, a Sociedade Estoril fará cumprir, na Linha de Cascais, o horário dos domingos e feriados.

O MUNICÍPIO DECIDIU REVER A SUA POLÍTICA TEATRAL

Novidade: a época da em cena apenas enquanto Companhia de Teatro Popular dirigida por Augusto, de Figueiredo: as peças estarão

Para abertura da temporada foi escolhido um original de Joaquim Paço d'Arcos, «O cunhal».

Outra novidade desta temporada (cujo início será a 15 de Abril) diz respeito aos bilhetes, que deixam de ser gratuitos para passar a custar de 10\$00 a 20\$00. O Município de Lisboa, promotor destes espetáculos, é de opinião que «o período experimental e de divulgação já foi preenchido».

A prática de um preço para os bilhetes tem ainda o objectivo de evitar que sejam levantados, como acontecia, por quem acaba por não utilizá-los.

DOMINGO DE PÁSCOA ÀS 16 HORAS



16 anos INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA

PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL COMO MATADOR DE TOIROS. DEPOIS DOS ÉXITOS NAS AMÉRICAS

JÚLIO GOMES

MORENITO DE CÁCERES

ESTREIA EM LISBOA DO FENÓMENO DE ESPANHA E DO TRIUNFADOR DE BADAJOZ

CAVALEIROS

JOSÉ MALDONADO CORTES

JOSÉ LUÍS SOMMER DE ANDRADE

FORCADOS AMADORES DO MONTIJO (Premio da Imprensa de 1970), chefiados por António Sécio

8 TOIROS:
4 dos Herds do dr Norberto Pedrosa (para cavalo)
e 4 do Porto Alto (para a lide ajeada)

ESTÃO ABERTAS AS MARCAÇÕES PARA A TEMPORADA

DESCARRILOU UM VAGÃO NO TÚNEL DE S. BENTO

• Atrasos nas ligações com o Minho

PORTO, 8 — Esta manhã, pouco antes das 11 horas, descarrilou, ainda dentro do túnel de São Bento, quando andava em manobras, um vagão, o que prejudicou durante algum tempo todo o tráfego.

go daquela e para aquela estação.

O vagão descarrilou na intersetção de duas vias, e daí as maiores dificuldades criadas. Entretanto, às 11 horas, devia sair dali para Braga um comboio de passageiros, e assim, a C. P. fez seguir todos eles em autocarros para a estação de Campanhã, ao mesmo tempo que da estação mandava seguir para Braga o comboio chegado antes daquela cidade, com destino a Porto-São Bento.

Os trabalhos de desimpedimento das vias começaram imediatamente por brigadas próprias.

Restaurante

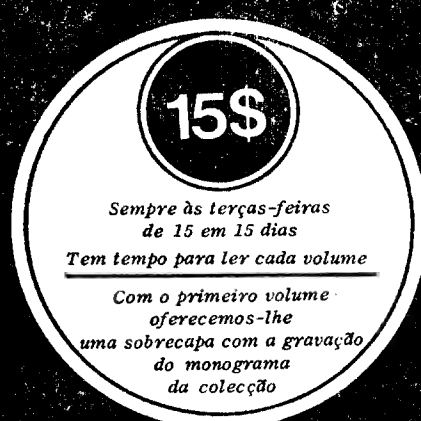
LISBOA À NOITE

Encerra amanhã, dada a solenidade do dia

Excepcionalmente, dia 11, por ser Domingo de Páscoa, abrirá ao público.

RUA DAS GAVEAS, 69 — TELEFONE 368557

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA apresenta em
livros de bolso
as obras-primas da literatura nacional e universal em TEXTOS INTEGRAIS



à venda

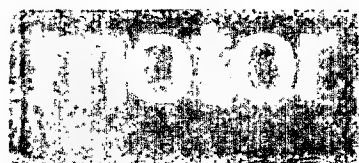
esteiros

de SOEIRO PEREIRA GOMES

o músico cego

de VLADIMIRO KOROLENKO

SAIU HOJE



NESTA EDIÇÃO:

- TOYOTA 1200 COROLLA — ENSAIO (PHILIPPE TOUSSAINT)
- RALLYE AS ANTAS (AUGUSTO VILELA)
- RALLYE NOTURNO DO SPORTING (MARIA DO CÉU)
- O MOTOR V12 DE SÉRIE (BANDEIRA DE LIMA)
- OS 1000 KM DE BRANDS HATCH
- KARTING (HERLANDER GARCIA)
- PORTUGUESES EM JARAMA
- FÓRMULA DOIS — CÉVERT NO PODIUM
- MOTONAUTICA
- NOTICIÁRIO E AS HABITUAIS SECÇÕES

24 PÁGINAS

PREÇO 2\$50

SUPLEMENTO LITERÁRIO

657 ■ 8 DE ABRIL ■ 1971

A PESQUISA DO RIGOR NA POESIA MODERNA/I

Por E. M. de Melo e Castro

A IDEIA DE RIGOR é, em si própria, uma ideia fascinante. Esse fascínio parece ser, actualmente, um denominador comum da actividade do homem em diversos sectores. Diremos que já, por exemplo, Alvaro de Campos sentia esse mesmo fascínio pela ideia do rigor quando dizia «o binómio de Newton é tão belo como a Venus de Milo».

Assim o rigor está ligado a ideias de quantificação, medida e cálculo, que terão em si próprias um valor estético. O Pitagorismo está pois latente na própria noção de rigor não só quanto à natureza quantificável (numérica) de todas as coisas do Universo (ciência) mas também quanto à estrutura dos objectos de comunicação produzidas pelo homem (arte) e tende a estender-se até aos fenómenos da natureza psicológica e emotiva na vida de relação do homem.

Numa perspectiva pragmática o rigor é necessário principalmente quando pretendemos alcançar algo mais com a nossa acção do que uma mera agitação superficial fracamente eficaz. Logo que desejarmos uma mais completa perspectiva ou um salto mais arriscado é o rigor da acção e do seu

rece-me realmente perigosa em relação à actividade poética, se ela se tornar em particularismo ou em especialização, demasiada em relação ao que se pretende criar: A POESIA. É por isso que, para a actividade poética o rigor é mais uma pesquisa do que uma descoberta, é mais um limite para que se tende do que um fim que se atinge, é mais um processo em aberto do que uma categoria lógica, moral ou simplesmente pragmática. É uma tendência, um devir, que certamente terá as suas razões na própria orgânica do poema e no próprio objecto da poesia. Isto é, se o rigor não estiver realmente integrado dentro da tecitura e dentro da necessidade interior e estrutural do poema, esse rigor passa a ser apenas um academismo.

O rigor na criação poética tem portanto características de assintota e o limite para o qual tende, sem nunca o atingir, ou é um parâmetro estrutural do poema ou não tem razão de ser.

Se procurarmos na Poesia manifestações desta pesquisa do rigor logo deparamos com um primeiro facto: na Poesia o rigor aparece ligado a uma noção de economia do vocábulo no texto, e de tensão textual em relação à sua capacidade semântica. Isto será melhor sentido e entendido se começarmos por considerar os HAIKU japoneses.

Recentemente fez-se uma edição portuguesa de alguns HAIKU, cujas traduções me parecem muito felizes (Paulo de Moraes). Trata-se de fórmulas extremamente condensadas, capazes de despertar imagens visuais ou conceptivas imediatas, apenas em 17 sílabas, com uma organização tradicional 5/7/5.

! HAIKU

já! já! já!
num repente as aves
das águas se levantam

(Izen)

ao luar
a dança da raposa
entre os narcisos

(Buson)

Esta nitidez da imagem visual é, de facto, um caminho certo para a consideração daquilo a que se poderá chamar o rigor propriamente poético, diferente do rigor pragmático primeiramente referido, e já em si diferente do rigor matemático de que se falará adiante. Portanto trata-se de uma sobrecarga semântica obtida através de uma contenção ou de uma grande economia morfológica das palavras. Evidentemente que nós poderemos dar exemplos mais recentes, mesmo dentro da poesia portuguesa. Certas quadras populares, nas 28 sílabas da redondilha menor, são flagrantemente exemplos de formulação conceptual sintética. Mas julgamos necessário citar um poema de Adolfo Casais Monteiro, que me parece muito importante sob este ponto de vista. Trata-se de um poema publicado

Cont. na pág. 6



Adolfo Casais Monteiro:
um rigor propriamente poético

planeamento que se nos impõe como indispensável para, por um lado, podermos coordenar e compreender o material informativo de que dispomos, e por outro, imaginar, planejar e executar a acção. Mas o fascínio que a ideia de rigor exerce sobre determinados espíritos é também, certamente, limitativo, principalmente, se ela tentar reduzir a ideiação da acção a uma unívoca formalização de meios.

Assim esta ideia elementar de rigor pa-



APOLOGIA DO ARTISTA

Por Nikias Skapinakis

UMA DAS QUESTÕES habitualmente levantadas em relação à sobrevivência do artista tradicional (Picasso ou Vieira da Silva pertencem a esse tipo, em última análise, individualista) consiste em pôr-lhe em causa o sentido ou, por outras palavras, duvidar que o pintor ou o escultor que se afirmam isoladamente tenham nas sociedades modernas outra justificação que se não reduza a uma especulação financeira, absurda e convencional, sobre as suas obras.

É um facto que, contemporaneamente, vimos surgir um novo tipo de artista e novas técnicas de criação adequadas a uma função marcadamente interveniente. Com a Arte Industrial (1) a Arte Cinética (2), os recursos da Cibernética (3), a «Minimal Art», surgiram expressões artísticas capazes de integração ou utilização colectivas e resultantes de complexa coordenação; e assistimos a espectáculos pelos quais são responsáveis não o artista que assina a sua obra mas equipas ou grupos de trabalho criador (4).

Todavia, não deduzirei dessa nova situação a inoperância social, a ineficácia do artista tradicional; pelo contrário julgo que a sua intervenção no nosso tempo é mais importante e mais necessária do que em qualquer outra ocasião.

Não julgo sequer que a sua validade dependa necessariamente de uma relação harmoniosa e ocasional com o grupo empenhado numa tarefa ou espectáculo artísticos, por exemplo, à escala urbana, nem da possibilidade de uma vasta reprodução de obras ou cópias originais.

Tudo isso pode verificar-se ultimamente mas creio que a importância ou justificação do artista tradicional é outra; decerto, o seu reconhecimento nas sociedades modernas não é incondicional nem se passa sem atritos; e, sobretudo, ele não pode manter-se actuante desde que a sua obra permaneça indiferente às conquistas do presente onde quer que se verifiquem ou ao apelo do futuro onde quer que se manifeste. Num mundo que se tornou apertado os «naifs» deixaram, talvez, de ser possíveis e toda a arte socialmente circunscrita tende a tornar-se académica.

Em relação poré à situação de isolamento que pôde verificar-se no século passado, e se prolongou no nosso próprio tempo, o pintor ou o escultor tradicionais dispõem, em geral, nas cidades modernas, de um lugar activo assegurado através de uma rede divulgadora que conta com a acção de museus, galerias, crítica e literatura especializadas, etc., toda uma organização, em suma, capaz de abranger e de formar um número jamais igualado de espectadores interessados.

dos. Um simples quadro, uma escultura, ou um trabalho de certo modo isolado e individual, são susceptíveis de ser vistos por muitos milhares de pessoas — o que constitui um fenómeno puramente actual de participação, de ascensão à cultura ou de alargamento dos círculos restritos de amadores dos salões oitocentistas.

Correlativamente, toda a actividade artística individual tornou-se não só objecto de prazer, como tal procurado, mas, com frequência significativa, em mercadoria mais ou menos integrada nos circuitos de consumo, mais ou menos sujeita às leis habituais de oferta e de procura e, nos casos mais extremos, revestindo-se até do atributo de vantajoso investimento.

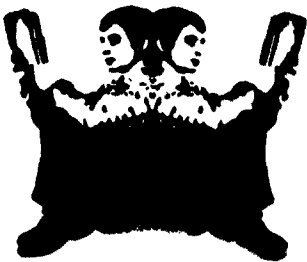
A posição do artista tradicional na medida em que o profissionalismo o integra socialmente não pode ser, contudo, a de evitar, receosa ou ingenuamente, o consumo dos seus produtos artísticos (analogamente, os grupos criadores não podem evitar dirigir-se a

Cont. na pág. 3

Poesia & Não

PEDRO TAMEN
«DANIEL NA COVA DOS
LEÕES»
COL. CÍRCULO DE POESIA
MORAES EDITORES
LISBOA, 1970

UMA LEITURA menos
cuidada da poesia de Pedro
Tamen (não só portanto
deste seu último livro mas
de todos os anteriores) terá
decerto o risco de nos pôr



em evidência como que
uma fácil elaboração esti-
mética. Resultará esta pri-
meira impressão do cons-
tante recurso à rima cru-
zada e consoante, da exces-
siva adjectivação, de uma

certa restrição ou contenção
metafórica, da coexistência
ou súbita variação de zonas
semânticas distintas, talvez
até do carácter aparente-
mente discursivo que esta
poesia às vezes não deixa
de patentear.

Vejamos exemplos:

Tenso perfume
imenso lume.
Agonia gorada,
estrada
de uma só berma.
Frio líquido alheio,
próximo e distante;
oculto e exposto, cheio
de um centro inexistente
[mas constante,
búzio onde tu cohes
e agudamente sobes.

ou,

— Ou será só não mais
[do que um motivo
para andar mais depressa
[pelo meio
de estar presente e morto,
[ausente e vivo,
e vir, depois de esperas
[e paleio,

beber água deveras nesse
[esquivo,
porém terno e tremendo,
[agudo sei?

Por estes dois exemplos
será fácil verificar a exces-
siva mas intencional e au-
tónoma utilização do adje-
ctivo (sobretudo nos versos
finais de cada um dos ter-
cetos do segundo exemplo),
a coexistência de zonas te-
máticas distintas que aqui
quase sempre se manifes-
tam através da antítese
(presente e morto, ausente
e vivo; próximo e distante;
oculto e exposto), a varia-
ção ou súbita derivação
dessas mesmas zonas (Ten-
so perfume / imenso lume /
Agonia gorada, / estrada),
uma certa escassez meta-
fórica, o recurso à rima re-
gular, cruzada e consoante,
claramente verificável, por
exemplo, no segundo poe-
ma acima transcrito.

Todas estas característi-
cas que, como dissemos, a
uma leitura menos cuidada
poderão apresentar-se como
sinais de facilidade resul-
tam, pelo contrário, de um
profundo e afeto manejo
da escrita, de um trabalho
de elaboração estilística vi-
sando como que a destrui-
ção da coerência lógica do
discurso tradicional. Neste
sentido, a poesia de Pedro
Tamen aproxima-se da de
um outro poeta da sua ge-
ração (Ruy Belo) onde a
subversão dos esquemas
discursivos utilizados pelos
poetas da década 40 é
igualmente levada a efeito
através da justaposição de
zonas semânticas bem dife-
renciadas — como aliás



Pedro Tamen

Gastão Cruz o mostrou com
bastante clareza num texto
sobre *Homem de Pala-
ra (s)* (1).

O texto assim produzido
(pleno de silêncios, de au-
sências, de uma indefini-
vel penumbra) revela-se nos
construído não sobre um
sentido único que interior-
mente o atravessasse e ele
procurasse a todo o custo
dar voz e manifestar, mas
sobre um conflito de senti-
dos, um permanente con-
fronto entre as várias zonas
de exposição em que se fun-
damenta e organiza. É esse
conflito que a leitura tende
a fazer falar, que ela insis-
tentemente questiona per-
seguido como que uma sua
questão fundamental: como
é que se fez, e de que modo
se fez, e de que modo se fez
a organização de um poe-
ma que tampouco pos-
sua a transmissão daquilo
que ele na verdade nos
transmite. O que a leitura
questiona, portanto, é o
modo de elaboração da
escrita, o modo de trans-

formador de uma matéria
(a língua, o material da
produção) num objecto
acabado (a obra, o produto
trabalhado). É este traba-
lho transformador (o mo-
do de produção) que per-
manece oculto sob a face
opaca e indiferente da mer-
cadoria, do objecto de tro-
ca (de sentidos) em que o
livro nos aparece. Mas é
ele sem dúvida que lhe
concede o seu valor.

Trata-se pois de pôr em
evidência, como o disse
Barthes (2), o processo pró-
priamente humano, segundo
o qual os homens dão sen-
tido às coisas.

Regressemos agora à poe-
sia de Pedro Tamen para
verificarmos com a organi-
zação do discurso se funda-
menta precisamente nesse
conflito entre núcleos temá-
ticos aparentemente distin-
tos, confrontando-se através
do silêncio, das elisões que
entre eles se estabelecem.

Um túmulo concreto
que se passou de nós,
um salvador secreto,
mudo, mas todo voz

a inocente espia
nos muros convocados
donde sofrida via
que estávamos deitados.

Tu, isto é, o lenço,
quente, isto é, a lava,
E o ar que porque tenso
de nós compartilhava.

poema que, aliás, deste mo-
do se inicia:

Eu, isto é, o braço,
a noite, isto é a, casa

Dentro de uma estrutura
de algum modo regular (fa-
lamos já da regularidade da
rima, por exemplo), o texto
contém em si mesmo a re-
flexão sobre o seu modo de
elaborar-se, pretende mesmo
mostrar-nos, com alguma
clareza, que se trata de um
objecto construído, trabalha-
do, não nos escondendo, por-
tanto, o artificio ou a ilusão
de que é feito. Mas talvez
que o poema seguinte, de
um modo mais evidente, nos
mostre em definitivo as sú-
bitas variações temáticas
que, tão ao geito surrealis-
ta, coexistem na textura do
poema que nelas fundamen-
ta toda a sua interna orga-
nização:

Que morte amar-te
que morte e espaço
antes súbitos de fogo
antes de fogo curamos
não de mel de abelhas
de abelhas de floresta
do vasto verde
como as mãos de entrar
como as mãos de amar
onde a sombra cresce
da qual as crianças
me dizem que fico

Mas não é apenas nestes
aspectos que estes textos
manifestam a lição surrea-
lista. Também numa certa
violência verbal, numa iro-
nia corruptora, numa desen-
volvura que parecendo pró-
xima da facilidade é, no en-
tanto, resultado de uma cui-
dade elaboração, numa evi-
dente atitude crítica, tal co-
mo nos poderá ser legível,
por exemplo, neste poema:

Vá, gambuzino,
deixe lá de coçar-se,
basta de contentar-se,
seu libertino.
gambuzino cretino.

Coma tudo,
que o que não mata en-
[goria,
[de conta que é agorda,
[chegando de agorda.

Qual por favor!
A sua obrigação é não
[deixar nada
na alternativa de um ano
[de chapada.

Seja como for,
fedor, estupor.

Vá, insecto,
coma a sopa amarela.
Não entorne a gamela.
Lamba o dejecto,
insecto objecto.

Fechado o livro sobre es-
tes breves apontamentos de
uma primeira leitura, ele se
encerra sobre a sua própria
incompletude. Que a crítica
não procure nunca preen-
cher ou transformar essa
ausência ou esse silêncio
que é condição essencial de
todo o texto. Que ela pro-
cure apenas encará-lo nessa
sua face incompleta e fun-
damentar af os pressupostos
da sua leitura. Apesar de
inacabada, apesar de suscep-
tível de múltiplas leituras,
a 'obra' não está aberta na

expectativa de que a análise
crítica venha preencher esse
seu silêncio. Isso seria fun-
damentarmo-nos numa ide-
ologia da profundidade que,
como diz Pierre Macherey,
nos levaria a dizer do texto
o que, na realidade, ele não
consente que se diga.

Mas porque hoje se dis-
cute com algum alvoroço a
velha problemática da obra
aberta, aqui deixamos trans-
crito este elucidativo trecho
do livro de Macherey: «Não
devemos, sob pretexto de
identificar na obra o seu
inacabamento teórico, cair
numa ideologia de 'obra
aberta': a obra, constituída
do ela própria, pelo artificio
da sua interna organização, o
princípio da sua variação in-
definida. Não teria neste caso

Cont. na pág. 7



O DEAMBULADOR

Por Alexandre O'Neill



QUE SIM, QUE AS JANELAS
PARECIAM OLHOS DE CEGO. QUE
NÃO, QUE LEMBRAVAM PUL-
MÕES. DAÍ AO FOLHETIM FAL-
TAVA DE OLHOS NOUTROS EN-
«TIVE UMA PRIMA QUE...». MAS
O POETA DEAMBULADOR JÁ ES-
ESTAVA DE OLHOS NOUTROS EN-
QUADRAMENTOS. PENSOU: «QUE
GENTINHA!». E, TOMADAS AS
DISTÂNCIAS, PREPAROU O SEU
PRÓXIMO CLIC, MUITO CONS-
CIENTE DA VOLUNTÁRIA BANA-
LIDADE DAS SUAS TOMADAS DE
ISTAS...

Um dos mais notáveis livros de poesia
publicados em 1970:

A CANÇÃO QUE O VENTO ME TROUXE

por NOEL DE ARRIAGA

...«Bem, falarmos do livro que, por certo
merece o calor, a cordealidade, o entusiasmo
que dispensamos às obras de alto nível.
Um belo e moderno volume apresentado
ao público brasileiro, uma voz dessa poesia
que tanto amamos através dos maiores
poetas portugueses»...

Edmundo Lys

«O Jornal» — Rio de Janeiro

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO
CARREGADORES AÇOREANOS

N/M «SEAHAWK»

Sai de Lisboa no dia 15 de Abril

para

N. YORK
BOSTON (Se convier)
FILADÉLFIA
BALTIMORE
NORFOLK (Se convier)

Aceitem-se cargos.

Contacte com os nossos serviços na:

Avenida D. Carlos I, 42-4.
Tel. 690151 — LISBOA-2

Poesia & Não

PEDRO TAMEN
«DANIEL NA COVA DOS
LEÕES»
COL. CÍRCULO DE POESIA
MORAES EDITORES
LISBOA, 1970

UMA LEITURA menos cuidada da poesia de Pedro Tamen (não só portanto deste seu último livro mas de todos os anteriores) terá decerto o risco de nos pôr



em evidência como que uma fácil elaboração estilística. Resultará esta primeira impressão do constante recurso à rima cruzada e consonante, da excessiva adjectivação, de uma

certa restrição ou contenção metafórica, da coexistência ou súbita variação de zonas semânticas distintas, talvez até do carácter aparentemente discursivo que esta poesia às vezes não deixa de patentear.

Vejam os exemplos:

Tenho perfume
imenso lume.
Agonia gorada,
estrada
erra
de uma só berna.
Frio líquido alheio,
próximo e distante;
oculto e exposto, cheio
de um centro inexistente
[mas constante,
búzio onde tu cohes
e agudamente sohas.

ou,

— Ou será só não mais
[do que um molico
para andar mais depressa
[pelo meio
de estar presente e morto,
[ausente e vivo,
e vir, depois de esperas
[e pânico,

beber água devoras nesse
[fresquice,
porém terno e tremendo,
[agudo sei?

Por estes dois exemplos será fácil verificar a excessiva mas intencional e autónoma utilização do adjectivo (sobretudo nos versos finais de cada um dos tercetos do segundo exemplo), a coexistência de zonas temáticas distintas que aqui quase sempre se manifestam através da antítese (presente e morto, ausente e vivo; próximo e distante; oculto e exposto), a variação ou súbita derivação dessas mesmas zonas (Tenho perfume / imenso lume. / Agonia gorada, / estrada), uma certa e-casceza metafórica, o recurso à rima regular, cruzada e consonante, claramente verificável, por exemplo, no segundo poema acima transcrito.

Todas estas características, que, como dissemos, a uma leitura menos cuidada poderão apresentar-se como sinais de facilidade resultam, pelo contrário, de um profundo e afiado manejo da escrita, de um trabalho de elaboração estilística visando como que a destruição da coerência lógica do discurso tradicional. Neste sentido, a poesia de Pedro Tamen aproxima-se da de um outro poeta da sua geração (Ray Bolo) onde a subversão dos esquemas de versificação utilizados pelos poetas da década de 40 é igualmente levada a efeito através da justaposição de zonas semânticas bem diferenciadas — como aliás



Pedro Tamen

Gastão Cruz o mostra com bastante clareza num texto sobre *Homem de Palácio* (8) (1).

O texto assim produzido (pleno de silêncios, de ausência, de uma indefinível penumbra) revela-se nos construído não sobre um sentido único que interiormente o atravessasse e ele procurasse a todo o custo dar voz e manifestar, mas sobre um conflito de sentidos, um permanente confronto entre as várias zonas de exposição em que se fundamenta e organiza. É esse conflito que a leitura tende a fazer falar, que ela insistentemente questiona perseguindo como que uma sua questão fundamental: como é de que é feito o livro, de que modo e porque, formas se organizam nele os elementos que tornaram possível a transmissão daquilo que ele na verdade nos transmite. O que a leitura questiona, portanto, é o trabalho de elaboração da escrita, o processo trans-

formador de uma matéria (a língua, o material da produção) num objecto acabado (a obra, o produto trabalhado). É este trabalho transformador (o modo de produção) que permanece oculto sob a face opaca e indiferente da mercadoria, do objecto de troca (de sentidos) em que o livro nos aparece. Mas é ele sem dúvida que lhe concede o seu valor.

Trata-se pois de pôr em evidência, como o disse Barthes (2), o processo propriamente humano, segundo o qual os homens dão sentido às coisas.

Regressemos agora à poesia de Pedro Tamen para verificarmos com a organização do discurso se fundamenta precisamente nesse conflito entre núcleos temáticos aparentemente distintos, confrontando-se através do silêncio, das elições que entre eles se estabelecem.

Um túmulo concreto
que se passou de nós,
um salvador secreto,
mudo, mas todo vivo

a inocente espia
nos muros convocados
donde sofrida via
que estávamos deitados.

Tu, isto é, o lenço,
quente, isto é, a lava,
E o ar que porque tenso
de nós compartilhara.

poema que, aliás, deste modo se inicia:

Eu, isto é, o braço,
a noite, isto é a, coisa

Dentro de uma estrutura de algum modo regular (falamos já da regularidade da rima, por exemplo), o texto contém em si mesmo a reflexão sobre o seu modo de elaborar-se, pretende mesmo mostrar-nos, com alguma clareza, que se trata de um objecto construído, trabalhado, não meramente encontrado, portanto, o artifício ou a ilusão de que é feito. Mas talvez que o poema seguinte, de um modo mais evidente, nos mostre em definitivo as súbitas variações temáticas que, tão ao gosto surrealista, coexistem na estrutura do poema que nelas fundamenta toda a sua intenção e organização:

Que morte amara
que morte a espada
antes sútilas de fogo
antes de fogo. Enraives
não de mel de melões
de abetos. O florista
do vasto verde
como as mãos de entrar
como as mãos de amar
onde a sombra cresce
da qual as crianças
na dizem que fico

Mas não é apenas nestes aspectos que estes textos manifestam a lição surrealista. Também numa certa violência verbal, numa ironia corruptora, numa desventura que parecendo próxima da facilidade é, no entanto, resultado de uma cuidada elaboração, numa evidente atitude crítica, tal como nos poderá ser legível, por exemplo, neste poema:

Vá, gambuzino,
deixe lá de coçar-se,
basta de contentar-se,
seu libertino.
gambuzino cretino.

Coma tudo,
que o que não mata en-
[gorde,
faça de conta que é agorda,
bicho peludo,
cabegudo de entrudo.

Qual por favor!
A sua obrigação é não
[deixar nada
na alternativa de um ano
[de chapada.

Seja como for,
fedor, estupor.

Vá, insecto,
coma a sopa amarela.
Não culmine a gamela.
Lamba o dejecto,
insecto abjecto.

Fechado o livro sobre estes breves apontamentos de uma primeira leitura, ele se encerra sobre a sua própria incompletude. Que a crítica não procure nunca preencher ou transformar essa ausência ou esse silêncio que é condição essencial de todo o texto. Que ela procure apenas encará-lo nessa sua face incompleta e fundamentalmente os pressupostos da sua leitura. Apesar de inacabada, apesar de susceptível de múltiplas leituras, a 'obra' não está aberta na

expectativa de que a análise crítica venha preencher esse seu silêncio. Isso seria fundamentalmente numa ideologia da profundidade que, como diz Pierre Macherey, nos levava a dizer do texto o que, na realidade, ele não consente que se diga.

Mas porque hoje se discute com algum alvoroço a velha problemática da obra aberta, aqui deixamos transcrito este elucidativo trecho do livro de Macherey: «Não devemos, sob pretexto de identificar na obra o seu inacabamento teórico, cair numa ideologia de 'obra aberta': a obra, constituída da própria, pelo artifício da sua interna organização, o princípio da sua variação indeterminada. Não teria neste caso

Cont. na pág. 7



O DEAMBULADOR

Por Alexandre O'Neill



CONSULTÓRIO MEDICO
RADIOLOGIA

QUE SIM, QUE AS JANELAS PARECIAM OLHOS DE CEGO. QUE NÃO, QUE LEMBRAVAM PULMÕES. DAÍ AO FOLHETIM FALTAVA DE OLHOS NOUTROS EN-«TIVE UMA PRIMA QUE...». MAS O POETA DEAMBULADOR JÁ ESTAVA DE OLHOS NOUTROS EN-QUADRAMENTOS. PENSOU: «QUE GENTINHA!». E, TOMADAS AS DISTÂNCIAS, PREPAROU O SEU PRÓXIMO CLIC, MUITO CONSCIENTE DA VOLUNTÁRIA BANALIDADE DAS SUAS TOMADAS DE VISTAS...

Um dos mais notáveis livros de poesia publicados em 1970:

A CANÇÃO QUE O VENTO ME TROUXE

por NOEL DE ARRIAGA

...«Bem, falarmos do livro que, por certo merece o calor, a cor-dealidade, o entusiasmo que dispensamos às obras de alto nível. Um belo e moderno volume apresentado ao público brasileiro, uma voz dessa poesia que tanto amamos através dos maiores poetas portugueses»...

Edmundo Lys

«O Jornal» — Rio de Janeiro

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO
CARREGADORES AÇOREANOS

N/M «SEAHAWK»

Sai de Lisboa no dia 15 de Abril

para

N. YORK
BOSTON (Se convier)
FILADÉLFIA
BALTIMORE
NORFOLK (Se convier)

Aceitam-se cargas.

Contacte com os nossos serviços na

Avenida D. Carlos I, 42-4.º

Tel. 690151 — LISBOA-2

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

INEVITÁVELMENTE, OS QUADROS DA «BRASILEIRA»

...seriam objecto deste folhetim.

Foi noticiado que os compradores dos velhos quadros da Brasileira do Chiado encarregaram a A. I. C. A. portuguesa de indicar os artistas que haviam de realizar os onze novos quadros. A compra dos antigos (ou do pouco que deles restava) foi feita nessas condições de substituição — assim cumpridas com a colaboração da crítica de arte nacional. Mais exactamente, e em representação da secção portuguesa da Association Internationale de Critiques d'Art por uma comissão de quatro críticos eleita numa reunião da secção. Mais exactamente ainda: por Fernando Pernes, Francisco Bronze, Rui Mário Gonçalves e o autor destes folhetins.

Onze quadros a substituir, ou seja onze pintores a escolher, já que em 1970 havia muito mais artistas em exercício que em 1923, quando só sete se podiam encontrar.

Que pintores? Primeiro, que o sejam mais ou menos dentro de técnicas tradicionais, dadas as características do local. Relevos ou matérias perecíveis (como colagens), de difícil limpeza ou conservação, não poderiam ser admitidos — e logo isso levou à eliminação de um certo número de artistas que nessas técnicas se exprimem. É, por exemplo, o caso duma Helena Almeida ou duma Maria Velez ou dum Artur Rosa, que não foram, por tais razões, trazidos à votação dos críticos apontados.

Em segundo lugar, preferiram-se pintores lisboetas que aqui trabalham e não em outro sítio. A Brasileira do Chiado faz parte duma cultura lisboeta e justo parece que para a decorar não venham pintores do Porto. Um vice-versa seria, evidentemente defendido por nós, se tal for ou vier a ser o caso.



«Brasileira do Chiado»: onze quadros a substituir

Também a oportunidade deste trabalho não seria dada a artistas emigrados, que se foram (e bem fizeram, com certeza, mas isso é outra história...) à procura de outros mercados. Café de Lisboa, para os lisboetas de obra e de fidelidade deve ficar reservado, por razões de métodos e, até, de moralidade. Logo se eliminaram da lista grande número de artistas — todo um valioso conjunto português; e todo o grupo dos que se instalaram mais ou menos em Paris — como o Bertholo, a Lurdes Castro, o Pomar, o Escada, ou o Costa Pinheiro, de Munique, ou o António Sena, de Londres.

A eliminação foi metódica e reduziu o campo operatório no qual os críticos haviam e houveram de mover-se.

Outra redução foi por razões de idade — optando-se pelos jovens com provas já dadas, ao nível da «terceira geração» e já duma «quarta», em dosagem que mais ou menos correspondesse à situação cronológica dos primeiros pintores da «Brasileira», quando o Viana tinha 45 anos e o Bernardo Marques 25. Entre as duas idades foram escolhidos os artistas de agora — sem passar muito acima, nem vir muito abaixo, e apenas procurando um ou dois pontos de ligação, que logo ressaltam.

Com este voluntário e meditado condicionamento, pensaram os críticos em seleccionar 22 nomes, o dobro dos necessários, e em sortear depois as encomendas. Mas não encontraram tantos nomes — e concordaram em 15, depois de demorada análise da situação. Para lá destes 15 as dificuldades de escolha eram muito grandes e quase sempre os nomes sugeridos acabaram por receber quatro ou pelo menos três bolas pretas.

Dos 15 que ficaram — 7 tiveram unanimidade; 4 um voto duvidoso; 1 dois votos duvidosos; 2 um voto duvidoso e outro negativo; 1 dois votos duvidosos e um negativo. Não era possível ir mais longe (ou mais abaixo) — e os quatro críticos apontados concordaram, para além de divergências de opinião, em **considerarem os 15 artistas em plano equivalente**, de modo a poder ser sorteada a sua posição. Assim, entre os onze que ficaram definitivamente escolhidos e os quatro que ficaram de fora, estabeleceu-se apenas uma diferenciação de «acaso de rifas». E tendo desistido dois do primeiro grupo, entraram naturalmente os n.ºs 12 e 13 do segundo núcleo, sem qualquer melindre.

Foram então escolhidos os seguintes artistas: Carlos Calvet, Noronha da Costa e Manuel Baptista (que foram sucessivos prémios «Soquil» em 1968, 69 e 70) E. Nerye A. Palolo, (que no «Soquil» tiveram menções honrosas) e João Hogan, Joaquim Rodrigo, Paula Rego, Nikias Skapinakis, Sá Nogueira e Fernando Azevedo — nos 11 primeiros lugares da sorte; e mais Menês, João Vieira, Vespêira e A. Charrua, nos lugares 12.º, 13.º, 14.º e 15.º. Tendo desistido a Paula Rego e o Sá Nogueira, a Menês e o J. Vieira tomaram os seus lugares, e depois entrou o Vespêira por desistência posterior da Menês.

...onze quadros novos vai então ter «A Brasileira» e creio terem sido bem escolhidos os seus autores. Além dos que a sorte (Charrua), ou impossibilidades pessoais (Paula Rego, Sá Nogueira e Menês) arredaram — e sem falar dos pintores alheios ou alheados de Lisboa, (que não contaram) — não creio que, nos limites de geração ou gerações e nos limites técnicos que nos impusemos, havia outros pintores que «ficassem melhor» naquele local. Ou «tão bem», sequer, se considerarmos outro qualquer conjunto de onze pintores.

(Quanto a quem os escolheu...)

E assim, à míngua de outro, «A Brasileira do Chiado» continuará a ser o museu de arte moderna de Lisboa. Já o foi nos anos 20, contra o museu oficial; mais uma vez o é, contra o mesmo inexistente museu. Onde, como por acaso, só dois dos quinze pintores seleccionados estão representados.

Mas, mais do que museu (e é até discutível que hoje possa haver museus como há dez anos se supunha...), «A Brasileira», em 1971 como em 1925, faz o ponto do que circunstanciadamente em Lisboa se pinta. O que é historicamente importante.

...E de um certo e escandaloso quadro de entre os onze vos falarei, com divertidamente, em outro folhetim.

Apologia do artista

Cont. da pág. 1

públicos vastos, consumidores em larga escala) mas utilizar esse consumo em vez de condicionamento da motivação criadora, como condição de uma autêntica e total liberdade expressiva susceptível de encontrar projecção em públicos não discriminatórios que comecem surgindo um pouco em toda a parte.

Se, pelo contrário, o consumo do objecto artístico acaba por implicar uma cedência perante o gosto discriminador dominante, contrário ou restritivo das necessidades expressivas do artista, o que decerto acontece em muitos casos de academização mental e formal, a explicação reside menos nas pressões desse gosto dominante do que numa relativa secundaridade da criadora, posta à prova pelas solicitações decorrentes da aceitação, isto é, do consumo.

A academização ou a corrupção estética e ética atribuíveis às exigências do consumo não são significativas logo que recordemos que, contemporaneamente, muitos artistas tiveram mão no seu destino, mau grado as dificuldades, tornando-se capazes de impor o seu próprio gosto — o consumo das suas obras limitou-se «a posteriori» a sublinhar esse facto.

Contudo, parecerá con-

traditório e injustificado que o artista tradicional continue agindo «a latere» do grupo de trabalho criador precisamente num mundo onde vemos despontar uma dinâmica colectiva capaz de assumir uma nova dignidade humana e uma mais justa relação entre os indivíduos.

Em grande parte tal diferenciação, às vezes conflituosa, resultará do facto de não se exigir desse artista tradicional aquilo que pode fazer não o entendendo como um tipo de homem relativamente determinado e que, através do tempo, parece caracterizar-se pelo que, à falta de melhor terminologia, definirei como aristocrático individualista. Não atribuo a essa saliente faceta aristocrática em relação à psicologia do grupo um sentido autista mas um sentido revelador (1).

O Mundo à parte, ou o mistério, que o artista pode através da obra individual revelar, não é mera auto-satisfação, embora, talvez, comece aí; quando o artista se satisfaz, afrontando o fundo de si mesmo, começa a possibilidade da criação de algo que pode comunicar com as pulsões mais profundas da comunidade — quanto mais individual mais verdadeiro.

Certamente, o grupo dispõe da sua psicologia e da sua dinâmica próprias, dis-

põe, obviamente, de um treino de trabalho e de um intercâmbio de sugestões criadoras — mas disporá de paixão? E verificar-se-á inerente angústia que é o preço que o artista isolado paga por enfrentar o nada?

Julgo que o grupo responde adequadamente não só a certo tipo de carências criadoras, que se compensam na expressão colectiva, como ao receio de solidão da maior parte dos indivíduos.

A solidão no artista não é porém, paradoxalmente, senão o seu processo específico de aproximação do comunitário, a sua paixão não se trata necessariamente de exacerbação romântica mas daquela espécie de íntima e absoluta convicção que preside à criação individual e, de certo modo, actua como um mecanismo de defesa auto-convencendo-o da validade insubstituível do seu trabalho; contudo, esse mecanismo começando por isolá-lo na respectiva «torre de marfim» desencadeia um processo de concentração que propicia ou restitui o acesso a uma comunicação intemporal e transcende as circunstâncias sociológicas imediatas. Assim, no domínio da música, as mais difíceis experiências criadoras, no espaço e no tempo mais diversos, acabam por encontrar-se e, às vezes,

por coincidir desconhecendo-se.

O artista tradicional pode, então, assumir através da sua capacidade de paixão um papel dinamizador e renovador da problemática do grupo; a investigação pictórica pura será mesmo essencial para o desenvolvimento de uma arte grupal e de aplicação (2) muito embora estas não dispõem do mesmo tipo de reflexão e, sobretudo, não requeiram o mesmo tipo de pessoas. Porque, se o grupo é capaz de dominar um certo número de técnicas de comunicação, e de comunicação artística, será capaz de criar uma metodologia de auto-renovação?

De resto, é interessante reparar que enquanto o artista aristocrático e individualista defronta constantemente o risco de alienação, o grupo corre o da massificação do gosto...

Assim, a ineficácia imediata de uma obra isolada e individual compensa-se logo que contribui para inverter essa massificação propondo uma visão original do mundo — agónica, lírica, apolónica, contestatária — isto é, uma reflexão sobre o que acontece (nos acontecimentos).

Trata-se então de uma eficácia social mais profunda porque a desmassificação do gosto sempre acarreta um estilo de vida ou uma

visão das coisas perigosamente provocatória das normas do comportamento standardizado.

E se o artista resta nas sociedades modernas cada vez mais o paradigma da intervenção original e apaixonada, liberto da noção de responsabilidade do grupo, da sua necessária disciplina dos limites do seu gosto, poder-se-á eliminá-lo sem correr o risco de impedir o contágio aliciente e vivificador da paixão?

NIKIAS SKAPINAKIS

(1) — Exposições de Arte Industrial (mobiliário, têxteis, utensílios domésticos, etc.). Design Centre — Londres.

(2) — Art Cinétique à Paris. Musée d'Art Moderne, Paris, 1967.

(3) — Cibernetie Serendipity-Institute of Contemporary Arts, Londres, 1968.

(4) — V. um interessante artigo de A. Sena da Silva — in «Suplemento Literário» do «Diário de Lisboa» de 29 de Julho de 1970.

(5) — Um notável conjunto de obras reveladoras e apaixonadas — «Expressionismo Europeu», Haus der Kunst, Munique, 1970.

(6) — Recordemos, a propósito, a experiência de Bauhaus — «Le Bauhaus», Musée d'Art Moderne, Paris, 1969.

Um grande acontecimento na literatura do mundo da medicina

Sono Selvagem

ROMANCE DE

MILLEN BRAND

que nos revela o clima perturbante da psiquiatria DA CRÍTICA AMERICANA:

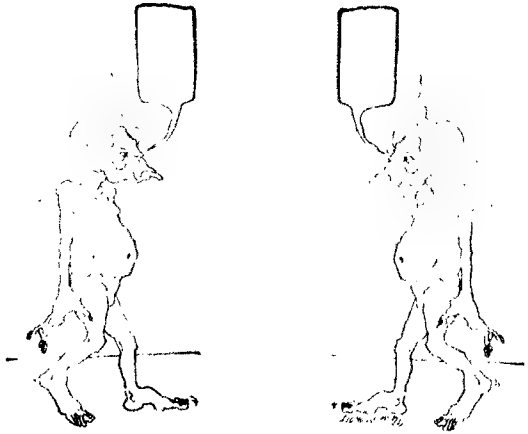
«Uma obra-prima de arte literária»

«Um documento médico e humano excepcional»



EDITORIAL
MINERVA

VEJA NAS LIVRARIAS



DA NOSSA CRÍTICA DE ESPECTÁCULO E DE

A ECONOMIA ENTRE OS CRÍTICOS

Por Manuel João Gomes

OU DOS MÉTODOS QUE A CRÍTICA USA PARA CONSEGUIR OS SEUS INTENTOS. DIVIDIREMOS ESTE ESTUDO EM VÁRIAS PARTES E SEJA A PRIMEIRA DELAS UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA E DE TEOR GRAMÁTICO-RETÓRICO,

1.º — DE UMA CERTA INFLAÇÃO

podendo desde já afirmar-se de alguns críticos que os seus textos se destinam a ser primeiro literatura *sine additu* e não têm o mínimo sinal para serem literatura-em-teatro.

A este primeiro ponto se pode acrescentar outro: é que, efectivamente, o cuidado tido para isso nem sempre é o suficiente. E as críticas não são, no geral, o que ao menos se esforçam por ser — jóias literárias.

Numa crítica de *O SÉCULO*, a 3 colunas, se pode ler esta primeira frase (que me fez lembrar as minhas redacções do 1.º ano — 12 valores, mas cuja assinatura, ao fundo, me dizem ser de um escritor de 1.º fila, professor e doutor):

«É esta a sua suprema tentativa de consciencialização da vida — toda a consciência de um homem, as suas opções políticas, a coragem de dizer «não» e o sim que ele «não atinge»; os seus amores e as suas culpas e as raízes dessas culpas, a família, o berço de mitos, ninho de remorsos, as suas duas sucessivas mulheres, tão diversas mas identificadas nas mesmas acusações, a visita ao campo de concentração» (25-2-71)

É uma frase que não tem erros de ortografia. (Por acaso sei de um crítico a quem um colega, designado na direcção, emendava os erros ortográficos todos os dias. Não é o caso). Entretanto só um herói é capaz de ler até ao fim, sem parar no meio para se situar; ficando o herói abanado quando nem isso consegue. Efectivamente esta descrição virgulada (aliás bem) é digna de um escritor dádá (dos maus): os alhos e os bogalhos metem-se uns nos outros, à mistura com a desvairada erudição e tudo reunido despista o mais pinçado. Não mais que o seguinte:

«Também a projecção de slides que reproduzem aspectos da grande depressão de 29 nos Estados Unidos, o erak da bolsa, os desempregados, as marchas da fome, etc., concorrem de modo funcional para a criação de um clima que explica um ser habitado pela angústia, perplexo ante o destino, propenso a uma visão reformista de um mundo em que imporia sobretudo vencer o medo e olhar de frente todas as motivações de um acto, ou seja, em que todos se sujam, porque viver é isso, caminhar na lama amassada com as culpas dos irmãos bons sacrificados e dos irmãos maus aqui já punidos ali triunfantes e repressivos, e de toda essa miséria extrair as difíceis penhas do amor possível» (10-1)

Ler isto é mais outra tarefa ciclopica — como diria o outro. Partido em três bocados é quase legível e capaz de não nos desorientar. Por mim, andei mais de um mês à procura do sentido disto sem o ter encontrado assim muito bem.

Há aqui nada mais nada menos que 14 des, 16 vírgulas, 4 orações relativas (ver acentuação) havendo depois da última delas tanto como 9 adjectivos, os quais somados ao resto dão a bela soma de 22 adjectivos.

Em bom neste campo é também

esta prosa de um outro doutor tirada do DIÁRIO POPULAR (25-2-71)

«Numa poderosa linguagem pictorial, de originalíssima imagética, fortemente sugestiva e evocadora e, a um tempo, lírica e tensional, Santarém faz evoluir no palco dois seres solitários»

Ver também *República* de 28-2-71 em 72 linhas, 54 adjectivos. Não cito, entretanto, mais nada, porque me estou a guardar para lhes mostrar mais esta frasezinha-frasesona:

*«Clara Lannes, se nos atermos aos factos, é a mulher quase silenciosa, de aspecto frágil, aparentemente dócil, consentânea, imersa em longas sonolências no seu jardim, que um dia, sem que ninguém perceba como nem porquê, mata à facada, na cave da sua moradia, da forma mais brutal, a prima surda-muda que lhe servia de criada, e, depois, corta o «aláver aos bocados e lança-o (com excepção da cabeça que será enterrada em lugar sacral) sobre os comboios que passam debaixo do viaduto de Vioernes, na calma da provincia «ramesa»» (Urbano Tavares Rodrigues, *SEARA NOVA* N.º 1499).*

Balancete económico: 16 complementos circunstanciais (sublinhados) 13 adjectivos 4 orações relativas 7 des e ainda 1 parêntesis.

Legível até à 5.ª casa. E quem se quiser dar ao desporto de ler a crónica inteira poderá fazer a mesma estatística da frase anterior, da posterior e por aí fora. Sabem onde se vende a SEARA NOVA?

E chega para concluirmos. O quê? Da erudição incontornável dos fazedores da crítica? De um certo *literarismo-só-literário* usado para estudar questões da arte teatral? E do resto: alguma falta de imaginação, alguma falta de vocabulário especializado, alguma pressa na escrituração do texto. E o pior: uma fuga a uma linguagem científica, uma impotência de violência estruturalmente crítica de que poderemos depois falar.

2.º — ONDE SE FALA DS FUTEBOL

Sob alguns aspectos é a crítica de futebol a que entre nós é mais completa.

Ao fim e ao cabo, cada um dos

portugueses é um bom crítico de futebol ao menos como, no fundo, ele é definido pelo senso comum e sistematizada num livro aliás imbecil de Jacques Brenner (*LES CRITIQUES DRAMATIQUES*) ou seja: a visão discutida e escalpelizada de um acontecimento.

Se não avançamos mais num conceito de crítica é porque se nos põe na frente uma pergunta terrível: «É ao menos tão cuidada e eficaz a crítica de teatro-cinema como a crítica de futebol?»

Aqui se responde negativamente.

Os melhores críticos — modo de falar — os melhores críticos de teatro encartados não costumam ser entre nós tão conscientes, rigorosos e metódicos como o mais analfabeto dos espectadores de futebol. A crítica à maneira como Eusébio levantou o pé esquerdo para chutar enche páginas e provoca artigos enquanto no teatro não são percebidos nem criticados nenhum dos gestos essenciais do actor, do encenador, do cenógrafo.

A nenhum crítico de futebol passaria pela cabeça dizer de Lurdes Norberto que «tem a graça loira e carnosa» e «uma irreprimível vontade de destruição». O crítico de futebol tem mais que dizer.

«Abusaram os azuis do pontapé por alto para um hipotético lançador (Ernesto? Arlindo?) que jamais ganhava um destes lances».

Aqui o crítico até prevê muitas coisas:

«Persistiam os estudantes na sua

O desenho do texto anterior representava o filho de um crítico a entretê-lo com um texto dos pais. Este agora é o avô de um crítico, impaciente, à espera de um teatro que não seja macaco. (Desenho de Diogo Vieira)



dobadoira. Lateralizações até ao centro do terreno e, a partir daí, sistematicamente abertura para Serafim Carrilho o panico sobre a rede de Mourinho.

Continuou Ernesto a dar nas vistas sob vários aspectos: o unico jogador com peugos brancos (de enchimento) postos por fora das meias azuis deixava-se ingenuamente cair na ratoeira do fora de jogo, metia a bota quando deveria deixar a bola passar, carregava os adversários quando o seu lance já terminara e assim por diante» (Naves de Sousa — D. L. — 23 de Novembro de 1971).

O vocabulário do futebol, DOBADOIRA, LATERALIZAÇÃO, FORA DE JOGO, LANCE, ABERTURA, ENCHIMENTO, além de BOLA e CENTRO DO TERRENO tem correspondente no teatro uma pobreza a toda a prova. No texto que segue, além de CENOGRAFIA e FIGURINOS, ?????? (Note-se a abundância de nomes próprios num lado e noutro. Ou as mistificações)

(...) Artur Ramos dirigiu-a (a peça) com uma competência que a torna limpa, transparente, próxima. A cenografia e a direcção plástica de Abel Manta enquadram perfeitamente a acção. É impressionante a paisagem da lua, gelada, espectral, vazia, a servir de fundo ao cadáver de Marilyn. Bons figurinos de Artur Casais» (...) (A Capital - 25-2-71)

Quanto a adjectivos, estão no futebol a perder por 10-5. O que é de considerar. Se aqui viram alguma coisa que diga respeito a teatro, creio bem ter sido engano. Vejam de novo; e se os adjectivos *limpo, transparente, próximo, impressionante, gelada, espectral, vazia, bons* definem alguma coisa de um espectáculo, eu conto a cabeça...

Vejam também se encontram assim bocadinhos preciosos em Brecht ou Artaud. É um bom exercício este de comparar os mestres.

3.º — ONDE SE VOLTA A FALAR DAS LIGAÇÕES PERIGOSAS

O material linguístico apontado é entretanto posto ao serviço de textos, como se disse, de interesse literário (não-teatral) ou nem tanto.

A estrutura dos textos é, no geral, clara ou confusamente organizada assim:

a) referências ao autor da peça ou resumo do enredo
b) referências à forma como os actores interpretam a peça do autor (sem preocupação de ver se é ou não realmente interpretada e sem preocupação de ligar ao trabalho do actor em si).

c) referências às técnicas sonoplastias, luminotécnicas, etc., além dos cenógrafos e arrumadores da sala.

É nesta forma que o bolo vai ao forno, ao sair-se da estufa da peça. Este é o esquema de todo o crítico, aqui e agora; o qual facilita muito as coisas; permite divagações retóricas-eruditas; tem tempo para a publicidade e a louvaminha; tudo é possível desde referências aos amigos até palha da que se mete nos pontos quando não se estudou a matéria.

Esta forma-de-ir-ao-forno não é usada por crítico nenhum no mundo e é própria cá dos nossos territórios. É o que se chama um modo idiota de ver teatro. Em parte nenhuma do mundo se olha o teatro pelo esquema *texto - interpretação - técnicos*, porque em qualquer parte do mundo se olha

«A RELIGIÃO ENTRE OS CRÍTICOS»

Li com um sentimento primeiramente de piedade e depois de nojo, os desconchavos publicados no suplemento literário do «Diário de Lisboa» pelo atrasado mental *centro de salvos* que se assina Manuel João Gomes. Há mais de quinze anos que, com todas as minhas limitações, faço crítica teatral. Quando aconselho ao público um espectáculo, isso significa que desejo ajudar, minimamente que seja, a promoção do teatro entre nós — daquele que, com ou sem razão, acho autêntico. Nunca tive nem tenho compromissos com qualquer empresa ou encenador nem até hoje poupei a críticas severas sequer os meus melhores amigos

(que o diga o Rogério Paulo). Apenas acontece que tenho sempre evitado, por formação e sensibilidade, dirigir seja a quem for insultos soezes. Não considero a atrabiliário e espumante Sr. Gomes digno de uma resposta polémica. Nem por sombras iria auxiliar a sua bem evidente e bem repugnante estratégia da glória pelo processo do *decano*. Não sei se tem três metros de altura ou se é um pigmeu. Nem isso me aflige. Dir-me-á, espero, de viva voz as suas razões quando tiver ocasião de lhe pôr a vista em cima.

Urbano Tavares Rodrigues

COMO LÊ-LA (2)

CRÍTICOS

o teatro como um todo chamado espectáculo ou função teatral.

Além do mais, é notória aqui a ligação a um certo aristotelismo que faz giz a crítica através do método de explorar separadamente matérias e formas, universais e singulares.

A crítica coitadinha tem uma certa razão quando se sabe que o espectáculo é também tratado assim ao nível da encenação:

[efectivamente o encenador preguiça o mais que pode; deixa o cenógrafo fabricar o espaço em que depois os actores deambulam, gerando marcações que o encenador aproveita para chamar encenação]

Essa certa razão porém que aqui se dá á crítica coitadinha não impede que se lhe diga o resto: compadecer-se com o sistema de giz teatro, gizando crítica pelo mesmo sistema, é a pior das formas de fazer crítica, a pior forma de provocar a tal KRYSE, fim ultimo da crítica.

Tem aqui cabimento lembrar a distribuição dos prémios da Casa da Imprensa feita pelos Dons Quixotes dentro de um critério descaradamente provinciano: prémios a actores, actrizes, revelações (!), cenógrafos, encenações e AO MELHOR CONJUNTO.

Não só não se dão ao teatro, aos teatralógicos, aos criadores, etc.; como



até se dão a textos falsamente teatrais; a encenações que não têm o mínimo requisito para se dizerem encenações; a actrizes e actores a quem falta o mínimo de preparação, criação, compreensão, de dinâmica, de movimentação e de inteligência dentro do teatro. Tudo isso: LAR, LUZIAMARTINS, JOSÉ DE CASTRO, HELENA FÉLIX, MARGARIDA MAUPERRIN.

Um conceito de teatro dá um esquema de realizar teatro; daí nasce um sistema de estruturar crítica; o qual foi dito atrás. O qual, resumindo, por estar espregado ao sistema-teatralizador-em-vigor, é mau. O qual por ser sempre o mesmo se vai tornando inconsistente e ineficaz. O qual não tem nada que o introduza no mais simples e desafectado conceito de crítica ou sequer de teatro.



4. — DOS RENDIMENTOS E INVESTIMENTOS CULTURAIS

O amigo (?) Sastre acaba de descobrir na Espanha que os críticos nem sequer uma obra de investigação lêem por mês, quanto mais uma por semana. Quanto a mim, venho de descobrir, nesse campo, coisas do arco-da-velha. Verdades da penica.

E é o seguinte: eles aqui fartam-se de ler disso todos os dias que Nosso Senhor manda ao mundo. E dizem-no. Não há texto em que eles se não revelem ledores — eternos Quixotes — de desvaídas romancas! Qual delas a mais queimável, não Truffaut?

É assim que numa crónica de mais ou menos 3 colunas é possível citar o curiosíssimo Jouvett, o aleatoríssimo e l'expressíssimo Robert Kanter e o rtpíssimo Luis Francisco Rebello. (V. Seara Nova — n.º 1499). Só falta citar Jean Jacques Gautier.

É assim que uma coluna do Diário de Notícias é suficiente para se falar de uma série de datas — que eu seja cego se vêm a propósito: 1945 — resposta aos factos de 1920; 1920 — os factos; 1922 — uma crise; 1957 — 1 ano de prisão pró Miller. (D. N. — 25-2-71).

E ainda há tempo para falar de Ibsen e seu realismo social em que dizem que Miller se filia. Não, minha senhora, — não dizem: é ele que diz, ele Miller. Ele é que se quer filho de Ibsen.

Nalguns críticos de cinema é particularmente flagrante esta festança do sabença: há sempre uma citação desconhecida à espera do crítico; há sempre um nome conhecido ou desconhecido para ser citado. Ele é Godard, ele é Lelouch, ele é Bardamu, ele é Huston, ele é Zavattini. E o exemplo mais bem apanhado seja o de Lauro António, no D. L. a atribuir a Marx aquele aforismo: «Nada do que é humano me é estranho». Pobre Marx! Quantas coisas mais ele estará ainda para dizer quer em português quer em latim? Não será ele o autor deste aforismo: «Homo sum et nihil humani mihi alienum est»?

Para não me habituar ao mesmo vício, hoje (transcrevo de cor) não cito mais nada. Fique porém a. p. r. m. escrito: há que esperar cada vez mais erudição dos escrevedores espectaculares portugueses, vulgo de críticos; tal como na Espanha eles estão a ler uma obra de investigação por ano. Pelo menos.

Nesta sociedade que eles chamam de consumo, com alguma coisa hão-de encher as colunas que o jornal espera ansiosamente todas as manhãs e todas as tardes, umas horas depois das estreias. E se não souberem ou puderem encher as colunas com mais nada (teatro, arte, crítica, etc.) fundamentais, conceitos de cultura a pôr ou não em questão, eles encherão as colunas com palavras ou pequenas frases sem sentido ou simplesmente boas ou razoáveis ditas.

Cont. na pág. 1

Prontuário das Letras

«O livro português não é caro»

Fernando Guedes, director-gerente da Editorial Verbo e actual presidente do Grémio Nacional dos Editores e Livreros, foi entrevistado na passada segunda-feira por Metzner Leone para a «Época». A sua especial posição e também a importância dos temas abordados — edição, mercado livreiro, índices de leitura, funções específicas do G. N. E. L. — conferiram a tais declarações um peso que por si só se impõe. Eis alguns trechos das respostas de Guedes às perguntas de Leone:

— «o crescimento editorial português não é menor do que o verificado em outros países»;

— «hoje em dia (...) creio que o público português já não lerá muito menos do que os ingleses, franceses ou espanhóis»;

— «os editores da Metrópole continuam a ter no Ultramar um mercado livreiro potencialmente muito interessante; parece-me, porém, que as redes comerciais existentes naquelas duas províncias ultramarinas» (cremos que Guedes pretendia referir-se a Angola e Moçambique) «não são ainda suficientes para servir o consumo que elas poderiam representar; trata-se de conseguir aí uma mecânica de distribuição que está ainda por fazer»;

— «os brasileiros (...) estão também a penetrar no Ultramar, em certos casos mais eficientemente do que nós próprios».

A pergunta «porque é tão caro o livro português?» respondeu Guedes da seguinte forma:

«O livro português não é caro. Ora veja: como é que se faz um livro? Com papel, composição, impressão, trabalho de acabamento e direitos de autor, não é verdade? Estes encargos não são em Portugal mais baratos do que no estrangeiro: o papel custa aqui a mesma coisa do que lá fora; se a mão-de-obra é mais barata entre nós, não é assim tão mais barata como pensam as pessoas que vivem fora do meio editorial. Daqui, não poder o livro português ser vendido mais barato do que é. Devemos ainda ter presente o número de exemplares de cada tiragem, sabido como é que o custo do livro fica tanto mais elevado quanto menos é a tiragem. O que acontece ao cidadão português que compra um livro, não resulta de ser caro o nosso livro, mas de um conjunto de circunstâncias que nada têm a ver com o custo da nossa produção editorial: é que 20 francos para um francês não representam exactamente o mesmo do que 120\$ para um português; tal como uma libra não representa, para um inglês, aquilo que para o português representam 70 escudos. A carestia do nosso livro é, pois, um fenómeno meramente aparente, e decorre da crueza do nosso nível de vida em relação ao de outros povos. Aí é que se torna necessário actuar positivamente. E quando isso se conseguir, logo o livro parecerá mais barato, mesmo sem ter descido de preço».



«Os livros não são caros»

Na última «Seara Nova» (n.º 1506, Abril de 1971), escrevendo sobre «A superstição do livro de bolso», Arnaldo Pereira fala de algumas questões fundamentais e, entre elas, do preço. Vale a pena acompanhar o articulista neste passo:

«Preço — Este é outro equívoco. Independentemente de o preço do livro não ser o único (nem talvez o mais importante) factor a ter em conta com vista às preocupações de leitura do nosso País, os livros RTP não podem considerar-se a preço acessível. Pelo contrário: até são caros! Porque se uma colecção como a da Minerva (com tiragens de 4 ou 5 mil exemplares, se vende a 12\$50, se a da Portugália custa 15\$00, para não falar em várias que andam à volta dos 20\$00, como compreender (e justificar) que os Livros RTP (aliás com mau aspecto gráfico e com defeitos técnicos imperdoáveis, principalmente nos primeiros volumes), com tiragens tão fabulosas — segundo rezam as crónicas da propaganda — tenham o preço de custo de 15\$00? Tenho à minha frente alguns volumes do «Livro RTV» (Espanha) de aspecto gráfico excelente (os livros RTP são uma imitação — má — desta colecção — facto que nunca foi posto em relevo...), entre eles «Cien Obras Maestras de la Pintura», uma magnífica obra com reprodução de lições de arte. Poética de Jonathan Swift, obra de 200 páginas em corpo 6, que corresponderia a mais de 300 num volume dos da RTP. Ora bem: sabem qual é o preço, em Portugal de cada um destes exemplares? Apenas

2\$50! Se não acreditam vão ali á Rua Antero de Quental e perguntem ao Torrens, seu distribuidor.»

«Aumento do custo do livro»

No n.º 495 (13-3-1971) do semanário «Notícias da Amadora» lia-se uma troca de correspondência entre o presidente da direcção do Grémio Nacional dos Editores e Livreros, Fernando Guedes, e dois representantes das Publicações Europa-América, Tito Lyon de Castro e Alfredo Ferreira Ribeiro, por procuração do sócio-gerente Francisco Lyon de Castro. Da carta destes últimos extraímos a seguinte (e perturbadora) passagem:

«No que respeita ao problema das «taxas», aceitamos como válida toda a pressão que o Grémio tem feito junto dos C. T. T. no sentido de se obterem, para o livro, taxas mais baixas. No entanto, em virtude do aumento que já se verificou, e dado que o êxito das repetidas diligências que o GNEL tem feito não tem sido total, permitimo-nos acrescentar as seguintes perguntas:

1.º — Pensa o GNEL, por intermédio dos meios de informação, anúncios, etc., tornar públicas e comentar as respostas dos C. T. T., no sentido de esclarecer os agremiados e o público?

2.º — Pensa o GNEL informar os compradores de livros (do continente e do ultramar), livreiros ou particulares, que o aumento das taxas de registo redundará, mais tarde ou mais cedo, num aumento do custo do livro, em detrimento do público, dos autores, dos livreiros e dos editores?»



COMO LÊ-LA (2)

CRÍTICOS

o teatro como um todo chamado espectáculo ou função teatral.

Além do mais, é notória aqui a ligação a um certo aristotelismo que faz giz a crítica através do método de explorar separadamente matérias e formas, universais e singulares.

A crítica coitadinha tem uma certa razão quando se sabe que o espectáculo é também tratado assim ao nível da encenação:

[Infectivamente o encenador pragueja o mais que pode; deixa o cenógrafo fabricar o espaço em que depois os actores deambulam, gerando marcações que o encenador aproveita para chamar encenação]

Essa certa razão porém que aqui se dá à crítica coitadinha não impede que se lhe diga o resto: compadecer-se com o sistema de giz teatro, gizando crítica pelo mesmo sistema, é a pior das formas de fazer crítica, a pior forma de provocar a tal KRYSE, fim último da crítica.

Tem aqui cabimento lembrar a distribuição dos prémios da Casa da Imprensa feita pelos Dons Quixotes dentro de um critério descaradamente provinciano: prémios a actores, actrizes, revelações (!), cenógrafos, encenações e AO MELHOR CONJUNTO.

Não só não se dão ao teatro, aos teatrologos, aos criadores, etc.: como



4. — DOS RENDIMENTOS E INVESTIMENTOS CULTURAIS

O amigo (?) Sastre acaba de descobrir na Espanha que os críticos nem sequer uma obra de investigação lêem por mês, quanto mais uma por semana. Quanto a mim, venho de descobrir, nesse campo, coisas do arca-da-velha. Verdades da penica.

E é o seguinte: eles aqui fariam-se de ler disso todos os dias que Nosso Senhor manda ao mundo. E dizem-no. Não há texto em que eles se não revelem leitores — eternos Quixotes — de desvaídas romanças! Qual delas a mais queimável, não Truffaut?

É assim que numa crónica de mais ou menos 3 colunas é possível citar o curiosíssimo Jouvett, o aleatoríssimo e l'expressíssimo Robert Kanfers e o rtpíssimo Luís Francisco Rebello. (V. Seara Nova n.º 1499). Só falta citar Jean Jacques Gautier.

É assim que uma coluna do Diário de Notícias é suficiente para se falar de uma série de datas — que eu seja cego se vêm a propósito: 1945 — resposta aos factos de 1920; 1920 — os factos; 1922 — uma crise; 1957 — 1 ano de prisão pró Miller. (D. N. — 25-2-71).

E ainda há tempo para falar de Ibsen e seu realismo social em que dizem que Miller se filia. Não, minha senhora, — não dizem: é ele que diz, ele Miller. Ele é que se quer filho de Ibsen.

Nalguns críticos de cinema é particularmente flagrante esta festança de sabença: há sempre uma citação desconhecida à espera do crítico; há sempre um nome conhecido ou desconhecido para ser citado. Ele é Godard, ele é Lelouch, ele é Bardamu, ele é Huston, ele é Zavattini. E o exemplo mais bem apanhado seja o de Lauro António, no D. L. a atribuir a Marx aquele aforismo: «Nada do que é humano me é estranho». Pobre Marx! Quantas coisas mais ele estará ainda para dizer quer em português quer em latim? Não será ele o autor deste aforismo: «Homo sum et nihil humani mihi alienum est»?

Para não me habituar ao mesmo vício, hoje (transcrevo de cor) não cito mais nada. Fique porém a. p. r. m. escrito: há que esperar cada vez mais erudição dos escrevedores espectaculares portugueses, vulgo de críticos; tal como na Espanha eles estão a ler uma obra de investigação por ano. Pelo menos.

Nesta sociedade que eles chamam de consumo, com alguma coisa hão-de encher as colunas que o jornal espera ansiosamente todas as manhãs e todas as tardes, umas horas depois das estreias. E se não souberem ou puderem encher as colunas com mais nada (teatro, arte, crítica, questões fundamentais, conceitos de cultura a pôr ou não em questão) eles encherão as colunas com grandes ou pequenas citações, com muitos ou bastantes adjectivos, com boas ou razoáveis tira-

Cont. na pág. 7

Prontuário das Letras

«O livro português não é caro»

Fernando Guedes, director-gerente da Editorial Verbo e actual presidente do Grémio Nacional dos Editores e Livreros, foi entrevistado na passada segunda-feira por Metzner Leone para o *«Época»*. A sua especial posição e também a importância dos temas abordados — edição, mercado livreiro, índices de leitura, funções específicas do G. N. E. L. — conferiram a tais declarações um peso que por si só se impõe. Eis alguns trechos das respostas de Guedes às perguntas de Leone.

— «O crescimento editorial português não é menor do que o verificado em outros países»;

— «hoje em dia (...) creio que o público português já não lerá muito menos do que os ingleses, franceses ou espanhóis»;

— «os editores da Metrópole continuam a ter no Ultramar um mercado livreiro potencialmente muito interessante; parece-me, porém, que as redes comerciais existentes naquelas duas províncias ultramarinas» (cremos que Guedes pretendia referir-se a Angola e Moçambique) «não são ainda suficientes para servir o consumo que elas poderiam representar; trata-se de conseguir aí uma mecânica de distribuição que está ainda por fazer»;

— «os brasileiros (...) estão também a penetrar no Ultramar, em certos casos mais eficientemente do que nós próprios».

A pergunta «porque é tão caro o livro português?» respondeu Guedes da seguinte forma:

«O livro português não é caro. Ora veja: como é que se faz um livro? Com papel, composição, impressão, trabalho de acabamento e direitos de autor, não é verdade? Estes encargos não são em Portugal mais baratos do que no estrangeiro: o papel custa aqui a mesma coisa do que lá fora; se a mão-de-obra é mais barata entre nós, não é assim tão mais barata como pensam as pessoas que vivem fora do meio editorial. Daqui, não poder o livro português ser vendido mais barato do que é. Devemos ainda ter presente o número de exemplares de cada tiragem, sabido como é que o custo do livro fica tanto mais elevado quanto menos é a tiragem. O que acontece ao cidadão português que compra um livro, não resulta de ser caro o nosso livro, mas de um conjunto de circunstâncias que nada têm a ver com o custo da nossa produção editorial: é que 20 francos para um francês não representam exactamente o mesmo do que 120\$ para um português; tal como uma libra não representa, para um inglês, aquilo que para o português representam 70 escudos. A carestia do nosso livro é, pois, um fenómeno meramente aparente, e decorre da craveira do nosso nível de vida em relação ao de outros povos. Aí é que se torna necessário actuar positivamente. E quando isso se conseguir, logo o livro parecerá mais barato, mesmo sem ter descido de preço».



«Os livros não são caros»

Na última «Seara Nova» (n.º 1506, Abril de 1971), escrevendo sobre «A superstição do livro de bolso», Arnaldo Pereira fala de algumas questões fundamentais e, entre elas, do preço. Vale a pena acompanhar o articulista neste passo:

«Preço — Este é outro equívoco. Independentemente de o preço do livro não ser o único (nem talvez o mais importante) factor a ter em conta com vista às preocupações de leitura do nosso País, os livros RTP não podem considerar-se a preço acessível. Pelo contrário: até são caros! Porque se uma colecção como a da Minerva (com tiragens de 4 ou 5 mil exemplares, se vende a 12\$50, se a da Portugália custa 15\$00, para não falar em várias que andam à volta dos 20\$00, como compreender (e justificar) que os Livros RTP (aliás com mau aspecto gráfico e com defeitos técnicos imperdoáveis, principalmente nos primeiros volumes), com tiragens tão fabulosas — segundo rezam as crónicas da propaganda — tenham o preço de custo de 15\$00? Tenho à minha frente alguns volumes do «Livro RTV» (Espanha) de aspecto gráfico excelente (os livros RTP são uma imitação — má — desta colecção — facto que nunca foi posto em relevo...), entre eles «Cien Obras Maestras de la Pintura», uma magnífica obra com reproduções bellíssimas e em ótimo papel; «Antologia Poética de António Machado»; e «Viajes de Gulliver», de Jonathan Swift (cerca de 200 páginas em corpo 6, que corresponderia a mais de 300 num volume dos da RTP). Ora bem: sabem qual é o preço, em Portugal de cada um destes exemplares? Apenas

15\$0! Se não acreditam vão ali, à Rua Antero de Quental e perguntem ao Torrens, seu distribuidor.»

«Aumento do custo do livro»

No n.º 495 (13-3-1971) do semanário «Notícias da Amadora» lia-se uma troca de correspondência entre o presidente da direcção do Grémio Nacional dos Editores e Livreros, Fernando Guedes, e dois representantes das Publicações Europa-América, Tito Lyon de Castro e Alfredo Ferreira Ribeiro, por procuração do sócio-gerente Francisco Lyon de Castro. Da carta destes últimos extraimos a seguinte (e perturbadora) passagem:

«No que respeita ao problema das «taxas», aceitamos como válida toda a pressão que o Grémio tem feito junto dos C. T. T. no sentido de se obterem, para o livro, taxas mais baixas. No entanto, em virtude do aumento que já se verificou, e dado que o êxito das repetidas diligências que o GNEL tem feito não tem sido total, permitimo-nos acrescentar as seguintes perguntas:

1.º — Pensa o GNEL, por intermédio dos meios de informação, anúncios, etc., tornar públicas e comentar as respostas dos C. T. T., no sentido de esclarecer os agremiados e o público?

2.º — Pensa o GNEL informar os compradores de livros (do continente e do ultramar), livreiros ou particulares, que o aumento das taxas de registo redundará, mais tarde ou mais cedo, num aumento do custo do livro, em detrimento do público, dos autores dos livreiros e dos editores?»



até se dão a textos falsamente teatrais; a encenações que não têm o mínimo requisito para se dizerem encenações; a actrizes e actores a quem falta o mínimo de preparação, criação, compreensão, de dinâmica, de movimentação e de inteligência dentro do teatro. Tudo isso: LAR, LUZIAMARTINS, JOSÉ DE CASTRO, HELENA FÉLIX, MARGARIDA MAUPERRIN.

Um conceito de teatro dá um esquema de realizar teatro; daí nasce um sistema de estruturar crítica; o qual foi dito atrás. O qual, resumindo, por estar pespogado ao sistema-teatralizador-em-vigor, é mau. O qual por ser sempre o mesmo se vai tornando inconsistente e ineficaz. O qual não tem nada que o introduza no mais simples e desafectado conceito de crítica ou sequer de teatro.

A pesquisa do rigor na poesia moderna

Cont. da pág. 1

no livro «Voo Sem Pássaro Dentro» de 1954 cujo título é «artigo definido plural»:

ARTIGO DEFINIDO PLURAL

os presságios são
as lotarias em branco do futuro
os geniais poemas por escrever dos génios
incompreendidos
os filhos errados dos pais estereis
os
as
nada

(Adolfo Casais Monteiro)

São extremamente importantes estes: «os -as-nada», na medida em que uma grande economia, que se reflecte na eliminação dos substantivos, vai substantivar estes artigos e vai deixar em aberto toda a tensão e carga do poema que converge para uma inexistência vocabular. Ora esta inexistência vocabular corresponde a uma ausência semântica e existencial que é assim criada de uma forma textualmente aguda.

Existe pois uma correspondência directa entre o significante e o significado (entre os substantivos que lá não estão e «as lotarias em branco do futuro», «os geniais poemas por escrever», «os filhos errados

dos pais estereis»). Também um rigor imagístico deste tipo se pode detectar por exemplo no poema «Sílabas» de António Ramos Rosa no livro «Viagem através de uma Nebulosa»:

SÍLABAS

Sílabas.
O álcool de Dezembro é frio e rouco.
O cigarro amargo. É um cigarro clínico.
Sílabas.
Com sílabas se fazem versos.

O tempo da mesa é liso.
Uma colher é uma forma complexa
familiar e deliciosa.
Um copo é nítido
como um criado sem servilismo.
Uma mulher condensa-se
no olhar do poeta.
Um corpo. Duas sílabas.
O dinheiro à justa. A gola da gabardina
para tapar a nuca
e os ouvidos.
Sílabas.

(António Ramos Rosa)

Este poema tem uma estrutura de justa-
posição. Nele o clima é criado por justa-
posição de elementos, que em si próprios
já têm valor imagético autónomo como por
exemplo «um cigarro amargo», «um cigar-
ro clínico», «com sílabas se fazem versos»,
«o tempo da mesa é liso», etc., unidades
que se vão juntando, que se vão acumulando
para criar um poema, originando um
clima extremamente preciso, mas ao mes-
mo em que existe uma extraordinária am-
biguidade. Tal como em «um corpo — 2
sílabas — a gola da gabardina — o dinhei-
ro à justa para tapar a nuca e os ouvidos
— sílabas». Aqui o rigor da linguagem em
relação à complexidade do sentimento ou
da situação que se pretende criar atinge
um alto grau de eficácia sugestiva.

(Continua)

Esta série de dois artigos foi escrita a
partir da apresentação do livro PRETEX-
TO TEXTUAL de DOMINGOS EGLÉSIAS,
por mim feita na Livraria Quadrante.

PARA A SUA CLASSE...
A EXCELENCIA DA
OLIVA
PRODUTOS DE ALTA CATEGORIA
TÉCNICA FABRICADOS EM PORTUGAL

MÁQUINAS DE COSTURA
TELEVISORES
FOGÕES A GÁS
MÁQUINAS DE ESCREVER
(PORTÁTEIS)

CONFIE NO TRABALHO PORTUGUÊS
PREFIRA
OLIVA



Agente Oficial:

MARQUES & MOURA, LDA.

Praça Dr. Nuno Pinheiro Torres, 11-A
Telef. 706658 — LISBOA (Benfica)

PEÇA
BONJOUR
A MELHOR
DE LICOR

36
MENSALIDADES

SUAVES
E SEM FIADOR

MAQ. LAVAR
ROUPA E LOIÇA
FRIGORIFICOS
FOGÕES
ESQUENTADORES
ASPIRADORES
TELEVISORES
GRAVADORES
GIRA-DISCOS
e outros

M. L. FERREIRA
R. Dona Estefânia,
48-A (Junto ao largo)
LISBOA

O ensino artístico

Cont. da pág. 8

seminários ou séries expe-
rienciais definidas «ad hoc»,
de que a situação actual da
criação artística necessita
ou exige». Em termos ge-
rais, tal proposta pode ac-
tar-se como correcta, mas
ela comete o mesmo pecado
do Projecto de Reforma: é
tão vaga que tanto pode
coincidir com as verdadei-
ras necessidades da socie-
dade portuguesa como o
contrário. As estruturas e
os processos de trabalho a
definir têm de decorrer de
um estudo bem fundamen-
tado sobre as necessidades
existentes e os objectivos a
atingir. Só uma grande su-
ficiência nos pode conduzir
à convicção de que essas
necessidades e objectivos já
foram devidamente ponde-
rados, as situações defini-
das, os efeitos desta ou da-
quela opção imaginados a
longo prazo. As «oficinas
livres», por exemplo, com
o seu aliciente ensino «ad
hoc», constituem mais uma
satisfação circunstancial
para certos apetites do con-
sumo do que uma proposta
capaz de abarcar realmente
todos os aspectos actuais e
futuros do problema que
procura cobrir. Em para-
lelo, seria caso para per-
guntar se o ensino da mú-
sica poderá ser encarado
em igual perspectiva, mes-

mo admitindo que os liceus
artísticos estariam em con-
dições de resolver toda uma
educação de base que dis-
pensasse posteriores progra-
mações da especialidade e
dos estudos complementares.
Antes de qualquer esquema,
mesmo sumário e aparen-
temente bem imaginado, so-
bre a constituição de uma
futura Escola (ou Institu-
to) de Artes, há que rever
certos conceitos (não ape-
nas o de (Belas-Artes e
ponderar, com o apoio de
técnicas adequadas, quais
as reais solicitações da so-
ciedade portuguesa a esse
nível, bem como as carên-
cias em estimativa para o
futuro. Os erros pagam-se
caros e não basta então
perguntar se vivemos de
facto numa Nação onde
desde sempre «um astro
maligno persegue as Belas-
Artes» (ou artes de outro
modo). Reconheçamos que
é preciso «ter quem estude
e embenda a arte nacional,
a um nível internacional, e
sobre ela, enfim, escreva,
dando definição científica
a uma bibliografia quase
sempre inqualificável». Mas
reconheçamos também que
é preciso ter quem produza
essa arte. E a astrologia
não é para aqui chamada.

ROCHA DE SOUSA

(1) STUDIO, Março, 1967:

LIBERTE-SE DO AR
VICIADO E CHEIROS
DESAGRADÁVEIS



COM
VENTILADORES

Vent-Axia

VENTILAÇÃO INDUSTRIAL — AQUECIMENTO
AR CONDICIONADO

A VENDA EM
TODO O PAÍS

Agentes Gerais para Portugal
e Províncias Ultramarinas
SOC. TÉCNICA DE FOMENTA, Lda.
PORTO-LISBOA

Revendedor autorizado:

ELECTRICA DE S. JOSÉ
Rua de S. José, 88 — LISBOA



**Instrumento do
progresso**
A Feira de Hannover
oferece-lhe algo que teria
de procurar durante largo
tempo.
Uma visão geral —
e não apenas um conheci-
mento limitado de cada
um dos ramos!

Uma informação
completa:
os ramos afins são também
importantes.
As exposições
são feitas em instalações
modernas e confortáveis.
No espaço mais adequado
No período de tempo mais
curto.

É uma recepção cordial. Nôrdade: Abertura
de feira
de feira
de feira
Um grande número de
serviços facilitam-lhe a
viagem, visita, estadia e
compras.
Um excelente
transporte aéreo e ferroviário
facilita a sua viagem.
Um excelente
transporte aéreo e ferroviário
facilita a sua viagem.

**FEIRA DE
HANNOVER '71**

Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã,
Deutsch-Portugiesische Industrie- und Handelskammer,

Avenida Elias Garcia, 1 — Lisboa I
772581/772158

A pesquisa do rigor na poesia moderna

Cont. da pág. 1

no livro «Voo Sem Pássaro Dentro» de 1954 cujo título é «artigo definido plural»:

ARTIGO DEFINIDO PLURAL

os presságios são
as lotarias em branco do futuro
os geniais poemas por escrever dos génios
incompreendidos
os filhos errados dos pais estérteis
os
as
nada

(Adolfo Casais Monteiro)

São extremamente importantes estes: «os -as-nada», na medida em que uma grande economia, que se reflecte na eliminação dos substantivos, vai substantivar estes artigos e vai deixar em aberto toda a tensão e carga do poema que converge para uma inexistência vocabular. Ora esta inexistência vocabular corresponde a uma ausência semântica e existencial que é assim criada de uma forma textualmente aguda.

Existe pois uma correspondência directa entre o significante e o significado (entre os substantivos que lá não estão e «as lotarias em branco do futuro», «os geniais poemas por escrever», «os filhos errados

dos pais estérteis»). Também um rigor imagístico deste tipo se pode detectar por exemplo no poema «Sílabas» de António Ramos Rosa no livro «Viagem através de uma Nebulosa»:

SÍLABAS

Sílabas.
O álcool de Dezembro é frio e rouco.
O cigarro amargo. É um cigarro clínico.
Sílabas.
Com sílabas se fazem versos.
O tempo da mesa é liso.
Uma colher é uma forma complexa
familiar e deliciosa.
Um copo é nítido
como um criado sem servilismo.
Uma mulher condensa-se
no olhar do poeta.
Um corpo. Duas sílabas.
O dinheiro é justo. A gola da gabardina
para tapar a nuca
e os ouvidos.
Sílabas.

(António Ramos Rosa)

Este poema tem uma estrutura de justaposição. Nele o clima é criado por justaposição de elementos, que em si próprios já têm valor imagético autónomo como por exemplo «um cigarro amargo», «um cigarro clínico», «com sílabas se fazem versos», «o tempo da mesa é liso», etc., unidades que se vão juntando, que se vão acumulando para criar um poema, originando um clima extremamente preciso, mas ao mesmo em que existe uma extraordinária ambiguidade. Tal como em «um corpo — 2 sílabas — a gola da gabardina — o dinheiro á justa para tapar a nuca e os ouvidos — sílabas». Aqui o rigor da linguagem em relação á complexidade do sentimento ou da situação que se pretende criar atinge um alto grau de eficácia sugestiva.

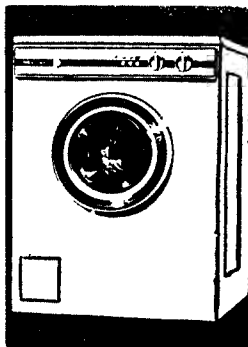
(Continua)

Esta série de dois artigos foi escrita a partir da apresentação do livro PRETEXTO TEXTUAL de DOMINGOS EGLÉSIAS, por mim feita na Livraria Quadrante.

PARA A SUA CLASSE...
A EXCELENCIA DA
OLIVA
PRODUTOS DE ALTA CATEGORIA
TÉCNICA FABRICADOS EM PORTUGAL

MÁQUINAS DE COSTURA
TELEVISORES
FOGÕES A GÁS
MÁQUINAS DE ESCREVER
(PORTÁTEIS)

CONFIE NO TRABALHO PORTUGUÊS
PREFIRA
OLIVA



Máquina de lavar roupa Miele
a perfeição do pormenor

Miele
A própria segurança

Agente Oficial:

MARQUES & MOURA, LDA.

Praça Dr. Nuno Pinheiro Torres, 11-A
Telef. 706658 — LISBOA (Benfica)

PEÇA
BONJOUR
A MELHOR
DE LICOR

36

MENSALIDADES

SUAVES
E SEM FIADOR

MAQ. LAVAR
ROUPA E LOIÇA
FRIGORIFICOS
FOGÕES
ESQUENTADORES
ASPIRADORES
TELEVISORES
GRAVADORES
GIRA-DISCOS
e outros

M. L. FERREIRA

R. Dona Estefânia,
48-A (Junto ao largo)
LISBOA

O ensino artístico

Cont. da pág. 8

seminários ou séries experimentais definidas «ad hoc», de que a situação actual da criação artística necessita ou exige». Em termos gerais, tal proposta pode aceitar-se como correcta, mas ela comete o mesmo pecado do Projecto de Reforma: é tão vaga que tanto pode coincidir com as verdadeiras necessidades da sociedade portuguesa como o contrário. As estruturas e os processos de trabalho a definir têm de decorrer de um estudo bem fundamentado sobre as necessidades existentes e os objectivos a atingir. Só uma grande suficiência nos pode condicionar à convicção de que essas necessidades e objectivos já foram devidamente ponderados, as situações definidas, os efeitos desta ou daquela opção imaginados a longo prazo. As «colónias livres», por exemplo, com o seu aliciente ensino «ad hoc», constituem mais uma satisfação circunstancial para certos apetites do consumo do que uma proposta capaz de abarcar realmente todos os aspectos actuais e futuros do problema que procura cobrir. Em paralelo, seria caso para perguntar se o ensino da música poderá ser encarado em igual perspectiva, mas,

mo admitindo que os liceus artísticos estariam em condições de resolver toda uma educação da base que dispensasse ulteriores programações da especialidade e dos estudos complementares. Antes de qualquer esquema, mesmo sumário e aparentemente bem imaginado, sobre a constituição de uma futura Escola (ou Instituição) de Artes, há que rever certos conceitos (não apenas o de Belas-Artes e ponderar, com o apoio de técnicas adequadas, quais as reais solicitações da sociedade portuguesa a esse nível, bem como as carências em estimulativa para o futuro. Os erros pagam-se caros e não basta então perguntar se vivemos de facto numa Nação onde desde sempre «um astro maligno perseguia as Belas-Artes» (ou artes de outro modo). Reconhecemos que é preciso «ter quem estude e entenda a arte nacional, a um nível internacional, e sobre ela, enfim, escreva, dando definição científica a uma bibliografia quase sempre inqualificável». Mas reconhecemos também que é preciso ter quem produza essa arte. E a astrologia não é para aqui chamada.

ROCHA DE SOUSA

(1) STUDIO, Março, 1967:

**LIBERTE-SE DO AR
VICIADO E CHEIROS
DESAGRADÁVEIS**



COM
VENTILADORES

Vent-Axia

VENTILAÇÃO INDUSTRIAL — AQUECIMENTO
AR CONDICIONADO

A VENDA EM
TODO O PAÍS

Agentes Gerais para Portugal
e Províncias Ultramarinas
SOC. TÉCNICA DE FOMENTA, Lda.
PORTO — LISBOA

Revendedor autorizado:

A ELÉCTRICA DE S. JOSÉ

Rua de S. José, 89 — LISBOA



**Instrumento do
progresso**

A Feira de Hannover
oferece-lhe algo que teria
de procurar durante largo
tempo.

Uma visão geral —
e não apenas um conheci-
mento limitado de cada
um dos ramos!

Uma informação
completa:
os ramos afins são também
importantes.

As últimas novidades
de todos os sectores
técnicos e económicos.
No espaço mais reduzido.
No período de tempo mais
curto.

E uma recepção cordial.
Um grande número de
serviços facilitam-lhe a
viagem, visita, orientação e
trabalho na Feira. Se
pretende investir com êxito
visite a Feira de Hannover!

Esta viagem poupa-lhe
muitas viagens!

**Nóvidade: Abertura
da feira
quinta-feira**

**FEIRA DE
HANNOVER '71**

Quinta-Feira 22.4
Sexta-Feira 23.4
e mercado municipal
de Hannover

Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã,
Deutsch-Portugiesische Industrie- und Handelskammer,

Avenida Elias Garcia, 123-4º, Lisboa 1
772587/778168

A economia entre os críticos



Cont. da pág. 5

das literário-eruditas, com datas, com divagações sentimentalíferas, com a tal palha-ponto-escrito, com publicidade (a qual é tanto mais deslocada quanto parece que é paspalhonicamente gratuita).

Havemos aqui de fazer uma referência ao vocabulário publicitário-crítico, expressão que toma todo o seu valor no persequente paralelo e que já foi falado na 1.ª parte deste trabalho:

PUBLICIDADE

- 1 — Um filme fora de série.
- 2 — Garotas aos montes num filme denso de imprevisto, com um tema picante.
- 3 — Participação admirável de Tony de Matos.
- 4 — Interpretação soberba de Lili Palmer.

Terminando:

Cuidado, irmãos, com a cultura dos críticos. Eles a têm mais ou menos aprendido em livros de cabeceira. Eles a têm mais ou menos aprendido com os indutivos anúncios que vêm na televisão e ouvem nos programas do Rádio Clube Português. Ou mesmo com as public-relations. E não põem as mãos no lume por qualquer deles.

5.º — NEGÓCIOS DE PORNOGRAFIA

Sendo a pornografia uma das constantes do teatro (do espectáculo, aliás) *hic et nunc*, não fica mal à crítica ser mais ou menos pornográfica e, se por acaso o é bastante, nem sempre se tem visto afirmá-lo e explicitá-lo. Seja então a isso dedicado o próximo bocado:

Uma intenção discutível — isto é — falsa; uma forma descuidada, isto é, não trabalhada ou preguiçosa; uma construção pretensamente literária em vez de teatral; uma escrita excessiva num espaço precioso demais para; uma nudez intencional como maneira de vestir; e uma maneira de vestir que é a forma de ocultar certa nudez!

TUDO ISSO É PURA PORNOGRAFIA.

Tentarei explicar esta parábola normanda em normal.

Ocupar um espaço chamado da crítica com prosa literária; servir o espectáculo em vez de servir espectadores que têm (?) ou não têm dinheiro, tempo, necessidade de ir; ocupar um espaço chamado da crítica com publicidade ao espectáculo, louvor inconsequente a actores-vedetas; um vocabulário provinciano (no sentido de Fernando Pessoa) e deslocado por ser não-violento, velho, esquemático, colaborante — a tudo isso se chama aqui pornografia.

Por ser uma escrita desnecessária, masturbatoriamente strip-tística, nociva e em si mesma nua do que devia ter vestido e vestida com o que, por uma questão de honestidade, devia despir.

6.º — SOBRE POUPANÇA E GOVERNANÇA

Em alguns pontos são os críticos relativamente económicos e gastam-se pouco para nos informar.

É, v. g. o facto de não saberem fazer uma inserção neste tempo e neste espaço, isto é, o facto de não fazerem

CRÍTICA

- 1 — Bom teatro e para durar (Século).
- 2 — Pode e deve ser capaz de chamar multidões, pois para elas foi escrita esta história dramática de tanta M. Monroe americana (D. Notícias).
- 3 — Com actores admiráveis, é um filme a não perder (D. Lisboa).
- 4 — Eunice comovente, subtil, humaníssima. (Capital), etc.

uma determinadíssima, precisa, necessária e importante exegese política do espectáculo que criticam [a qual se faz por exemplo, ao nível religioso, nos jornais de província, de forma tanto mais violenta quanto é fanática].

A uma inesgotável erudição em questões patético-literárias, a uma irresistível vontade (passe o chavão publicitário) de mostrar os frutos das suas leituras de cabeceira, a tudo isso se junta uma silenciosa coluna em branco (ou com anúncios) quando se trata de referir o espectáculo como acto político.

Aqui há também uma concepção de espectáculo: o teatro é Artur Ramos, o Rogério, a Lurdes, o Manta, o sonoplasta, o cabeleireiro, o luminotécnico — o teatro não é (credo!) o que entra na sala e se senta na plateia. Para me citar a mim mesmo, os críticos são talvez patrícios, primos, colegas e consensais dos fazedores de teatro; mas não são nada a estes que comigo se sentaram na última fila perdidos de amor pela Lurdes, quando ela afirma o horror que tem aos maricas.

Este ponto merece estudo à parte e são Vossorias convidadas a lê-lo, querendo, e querendo (todos) os deuses, pra próxima vez, se ainda estivermos vivos! O que deve ser fácil: talvez nem eu, nem vós, nem os críticos morramos neste espaço de tempo. Infelizmente.

Entretanto e para não perdermos o fio à meada, contemplemos D. Qui-

xote, grande leitor de romances. Consideremos Sancho analfabeto-erudito em questões de adágios populares. Consideremos o Rocinante e consideremos o Russo. Contemplemos a lanca, o elmo e os magros haveres com que saíram da Mancha. Consideremos o engenhoso Fidalgo a defender a ilha encantada que nunca conquistou e a Bela Dulcineia que nunca chegou a conhecer. Tudo por causa de não

defender o resto apesar do resto: uma sobrinha, uma governanta...

Quem são, ó críticos, as vossas sobrinhas? Quem são, ó críticos, as vossas governantas?

Lisboa, 1 de Abril de 1971.

M. JOÃO GOMES

P. S. — «Quem quer comprar lanchas?» (pregão popular)

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

S. A. R. L.

Rua Conde Redondo, 79 — Lisboa

CAPITAL 550 000 CONTOS

Entrega de títulos definitivos do 2.º aumento de capital

Informam-se os Senhores Accionistas de que a partir do dia 10 do corrente mês se procederá à troca das cautelas representativas do 2.º Aumento de Capital desta Companhia pelos títulos definitivos, nos Bancos onde efectuaram as subscrições.

As cautelas deverão ser entregues com a seguinte declaração exarada no verso:

«Recebi os títulos correspondentes às acções que me foram atribuídas e às quais se refere o presente documento»

a qual deverá ser datada e assinada pelo titular da cautela ou seu representante legal sendo a assinatura abonada pelo respectivo estabelecimento bancário.

Lisboa, 2 de Abril de 1971

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Alfredo de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto

PHILCO

APRESENTA A NOVA LINHA DE MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA!

4 MODELOS DIFERENTES TODOS COM PROGRAMA BIOLÓGICO!

- NOVOS INVENTOS!
 - LINHAS ELEGANTES E ATRACTIVAS!
- PHILCO DE FAMA MUNDIAL PELA QUALIDADE!

VISITE:

CASA VAPEDRONE

Rua da Vitória, 54 — LISBOA



FESTAS DA PÁSCOA

A C. P. organiza, por motivo das FESTAS DA PÁSCOA, os desdobramentos aos comboios regulares de longo curso, que se reconhecerem necessários.

Além destes comboios, os desdobramentos ficam, também, previstos aos comboios locais os quais, ao se deslocarem para a estância de passageiros ou justifique o pormenor destes horários com os avios, afixados nas estações.

Reformados da G. N. R. ou da P. S. P.

ADMITEM-SE PARA PORTEIROS OU VIGILANTES. VENCIMENTO MENSAL DE 1800\$00, ALIMENTAÇÃO E ALOJAMENTO. COM INDICAÇÃO DE IDADE.

RESPOSTAS A ESTE JORNAL AO N.º 759.

JARDINEIRO

PRECISA-SE PARA PARQUE DE CAMPISMO NA COSTA DA CAPARICA. RESPOSTAS COM INDICAÇÃO DAS ENTIDADES ONDE TENHA TRABALHADO E IDADE.

CALCADA DE SANTANA, 180 — LISBOA - 2

Poesia & Não

Cont. da pág. 2

um sentido, mas vários. No entanto, esta multiplicidade possível, indefinida, que é uma propriedade ou um efeito e cuja realização é confiada a leitores, nada tem já a ver com a complexidade real, necessariamente acabada, que é a estrutura dum livro. Se a obra não produz, não contém, o princípio do seu acabamento, do seu fecho, está, no entanto, definitivamente encerrada, contida nos limites que de direito lhe pertencem, sem

que tenha sido ela própria que a si mesma os tenha dado. O inacabamento da obra é também a razão da sua finitude.

Duplicar a linha do texto com o relevo que lhe dá o seu inacabamento pode ser, ao mesmo tempo, fazer ver por detrás da obra uma outra obra, que seria o seu segredo e de que ela seria a máscara ou a tradução, e recair assim na ilusão interpretativa. Esta tentação, baseada no título do próprio texto, que

inspira toda a crítica tradicional.» (3).

N. M.

(1) — Gastão Cruz, «Suplemento Literário do «Diário de Lisboa», 5-2-0.

(2) — Roland Barthes, «L'activité Structuraliste», in «Lettres Nouvelles», n.º 32, de 1963.

(3) — Jean Macherey, «Pour une théorie de la Production Littéraire», Lib. François Maspéro, Paris, 1966, págs. 98 e 99. Existe tradução portuguesa do Editorial Estampa, Col. Teoria

A economia entre os críticos



Cont. da pág. 5

das literário-eruditas, com datas, com divagações sentimentais, com a tal palha-ponto-escrito, com publicidade (a qual é tanto mais deslocada quanto parece que é paspalhonicamente gratuita).

Havemos aqui de fazer uma referência ao vocabulário publicitário-crítico, expressão que toma todo o seu valor no persequente paralelo e que já foi falado na 1.ª parte deste trabalho:

PUBLICIDADE

- 1 — Um filme fora de série.
- 2 — Garotas aos montes num filme denso de imprevisto, com um tema picante.
- 3 — Participação admirável de Tony de Mutos.
- 4 — Interpretação soberba de Lili Palmer.

Terminando:

Cuidado, irmãos, com a cultura dos críticos. Eles a têm mais ou menos aprendido em livros de cabeceira. Eles a têm mais ou menos aprendido com os inductivos anúncios que vêm na televisão e ouvem nos programas do Rádio Clube Português. Ou mesmo com as public-relations. E não põem as mãos no lume por qualquer deles.

5. — NEGÓCIOS DE PORNOGRAFIA

Sendo a pornografia uma das constantes do teatro (do espectáculo, aliás) *hic et nunc*, não fica mal à crítica ser mais ou menos pornográfica e, se por acaso o é bastante, nem sempre se tem visto afirmá-lo e explicitá-lo. Seja então a isso dedicado o próximo bocado:

Uma intenção discutível — isto é — falsa; uma forma descuidada, isto é, não trabalhada ou preguiçosa; uma construção pretensamente literária em vez de teatral; uma escrita excessiva num espaço precioso demais para; uma nudez intencional como maneira de vestir; e uma moneira de vestir que é a forma de ocultar certa nudez!

TUDO ISSO É PURA PORNOGRAFIA.

Tentarei explicar esta parábola normanda em normal.

Ocupar um espaço chamado da crítica com prosa literária; servir o espectáculo em vez de servir espectadores que têm (?) ou não têm dinheiro, tempo, necessidade de ir; ocupar um espaço chamado da crítica com publicidade ao espectáculo, louvor inconsequente a actores-vedetas; um vocabulário provinciano (no sentido de Fernando Pessoa) e deslocado por ser não-violento, velho, esquemático, colaborante — a tudo isso se chama aqui pornografia.

Por ser uma escrita desnecessária, masturbatoriamente stripitica, nociva e em si mesma nua do que devia ter vestido e vestida com o que, por uma questão de honestidade, devia despir.

6. — SOBRE POUPANÇA E GOVERNANÇA

Em alguns pontos são os críticos relativamente económicos e gastam-se pouco para nos informar.

É, v. g. o facto de não saberem fazer uma inserção neste tempo e neste espaço, isto é, o facto de não fazerem

CRÍTICA

- 1 — Bom teatro e para durar (Século).
- 2 — Pode e deve ser capaz de chamar multidões, pois para elas foi escrita esta história dramática de tanta M. Monroe americana (D. Notícias).
- 3 — Com actores admiráveis, é um filme a não perder (D. Lisboa).
- 4 — Eunice comovente, subtil, humaníssima. (Capital), etc.

uma determinadíssima, precisa, necessária e importante exegese política do espectáculo que criticam (a qual se faz por exemplo, ao nível religioso, nos jornais de província, de forma tanto mais violenta quanto é fanática).

A uma inesgotável erudição em questões patético-literárias, a uma irresistível vontade (passe o chavão publicitário) de mostrar os frutos das suas leituras de cabeceira, a tudo isso se junta uma silenciosa coluna em branco (ou com anúncios) quando se trata de referir o espectáculo como acto político.

Aqui há também uma concepção de espectáculo: o teatro é Artur Ramos, o Rogério, a Lurdes, o Manta, o sonoplasta, o cabeleireiro, o luminotécnico — o teatro não é (teredo!) o que entra na sala e se senta na plateia. Para me citar a mim mesmo, os críticos são talvez patrícios, primos, colegas e consensais dos fazedores de teatro; mas não são nada a estes que comigo se sentaram na última fila perdidos de amor pela Lurdes, quando ela afirma o horror que tem aos maricas.

Este ponto merece estudo à parte e são Vossorias convidadas a lê-lo, querendo, e querendo (todos) os deuses, pra próxima vez, se ainda estivermos vivos! O que deve ser fácil: talvez nem eu, nem vós, nem os críticos morramos neste espaço de tempo. Infelizmente.

Entretanto e para não perdemos o fio à meada, contemplemos D. Qui-

xote, grande leitor de romances. Consideremos Sancho analfabeto-erudito em questões de adágios populares. Consideremos o Rocinante e consideremos o Russo. Contemplemos a lança, o elmo e os magros haveres com que saíram da Mancha. Consideremos o engenhoso Fidalgo a defender a ilha encantada que nunca conquistou e a Bela Dulcineia que nunca chegou a conhecer. Tudo por causa de não

defender o resto apesar do resto: uma sobrinha, uma governanta...

Quem são, ó críticos, as vossas sobrinhas? Quem são, ó críticos, as vossas governantas?

Lisboa, 1 de Abril de 1971.

M. JOÃO GOMES

P. S. — «Quem quer comprar lanchas?» (pregão popular)

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

S. A. R. L.

Rua Conde Redondo, 79 — Lisboa

CAPITAL 550 000 CONTOS

Entrega de títulos definitivos do 2.º aumento de capital

Informam-se os Senhores Accionistas de que a partir do dia 10 do corrente mês se procederá à troca das cautelas representativas do 2.º Aumento de Capital desta Companhia pelos títulos definitivos, nos Bancos onde efectuaram as subscrições.

As cautelas deverão ser entregues com a seguinte declaração exarada no verso:

«Recebi os títulos correspondentes às acções que me foram atribuídas e às quais se refere o presente documento»

a qual deverá ser datada e assinada pelo titular da cautela ou seu representante legal sendo a assinatura abonada pelo respectivo estabelecimento bancário.

Lisboa, 2 de Abril de 1971

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Alfredo de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto

PHILCO

APRESENTA A NOVA LINHA DE MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA!

4 MODELOS DIFERENTES TODOS COM PROGRAMA BIOLÓGICO!

● NOVOS INVENTOS!

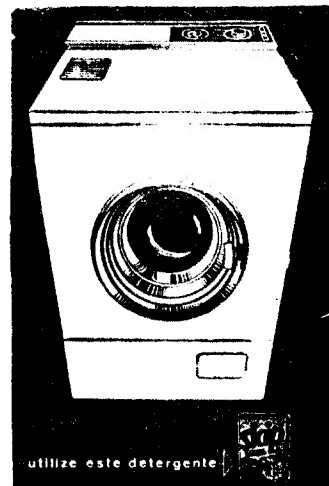
● LINHAS ELEGANTES E ATRACTIVAS!

PHILCO DE FAMA MUNDIAL PELA QUALIDADE!

VISITE:

CASA VAPEDRONE

Rua da Vitória, 54 — LISBOA



FESTAS DA PÁSCOA

A C. P. organiza, por motivo das FESTAS DA PÁSCOA, os desdobramentos aos comboios regulares de longo curso, que se reconhecerem necessários.

Além destes comboios de desdobramento ficam, também, previstos comboios especiais os quais só se efectuarão caso a afluência de passageiros o justifique.

O pormenor destes horários consta dos avisos afixados nas estações.

Reformados da G. N. R. ou da P. S. P.

ADMITEM-SE PARA PORTEIROS OU VIGILANTES. VENCIMENTO MENSAL DE 1800\$00. ALIMENTAÇÃO E ALOJAMENTO. COM INDICAÇÃO DE IDADE.

RESPOSTAS A ESTE JORNAL AO Nº 759.

JARDINEIRO

PRECISA-SE PARA PARQUE DE CAMPISMO NA COSTA DA CAPARICA. RESPOSTAS COM INDICAÇÃO DAS ENTIDADES ONDE TENHA TRABALHADO E IDADE.

CALÇADA DE SANTANA, 180 — LISBOA - 2

Poesia & Não

Cont. da pág. 2

um sentido, mas vários. No entanto, esta multiplicidade possível, indefinida, que é uma propriedade ou um efeito e cuja realização é confiada a leitores, nada tem já a ver com a complexidade real, necessariamente acabada, que é a estrutura dum livro. Se a obra não produz, não contém, o princípio do seu acabamento, do seu fecho, está, no entanto, definitivamente encerrada, contida nos limites que de direito lhe pertencem, sem

que tenha sido ela própria que a si mesma os tenha dado. O inacabamento da obra é também a razão da sua finitude.

Duplicar a linha do texto com o relevo que lhe dá o seu inacabamento pode ser, ao mesmo tempo, fazer ver por detrás da obra uma outra obra, que seria o seu segredo e de que ela seria a máscara ou a tradução; e recuar assim na ilusão interpretativa. Esta última tentação, baseada no postulado de profundidade, que

inspira toda a crítica tradicional» (?).

N. M.

(1) — Gastão Cruz, «Suplemento Literário do «Diário de Lisboa», 5-2-0.

(2) — Roland Barthes, in «Lectures Structurales», in «Les Lettres Nouvelles», n.º 32, Fev. de 1963.

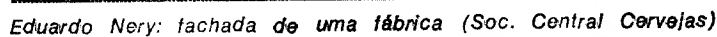
(3) — Pierre Macherey, «Pour une Théorie de la Production Littéraire», Lib. François Maspero, Paris, 1966 págs. 98 e 99. Existe tradução portuguesa da Editorial Estampa, Col. Teoria.

Artes Visuais

COM A PUBLICAÇÃO, pelo Ministério da Educação Nacional, dos textos do Projecto do Sistema Escolar e das Linhas Gerais da Reforma do Ensino Superior, relativos a uma ampla remodelação das estruturas do ensino em Portugal, foi aberto ao nível nacional um debate sobre tão relevante problema. As questões relativas ao ensino artístico estão igualmente anotadas naqueles textos e no organograma que os acompanha e em certa medida os explica. Tais questões têm sido, da mesma forma, objecto de apreciação por parte de alguns professores interessados e por comissões que trabalharam até há pouco tempo. Mas o contributo público mais extenso para essa apreciação dos problemas relativos ao ensino artístico, nos termos que o próprio Ministério da Educação Nacional solicitou, foi neste jornal articulado pelo dr. José Augusto França, dentro do seu folheto quinzenal. Os críticos de arte, não sendo propriamente técnicos da pedagogia artística, como de resto a maior parte dos artistas, têm no entanto forte afinidade com as questões em referência, pelo exercício de um trabalho de análise dos mecanismos da criação artística e da sua projecção na sociedade. Mas é evidente que as suas opiniões em tal matéria correspondem a uma prática intelectual de outra ordem e de natureza muito particular.

Esse ponto do trabalho em referência, interessante sob muitos aspectos, merece-nos certas reservas, algumas das quais tentare-

Uma coisa, sem arte não o é», limitase José Augusto França a lembrar, e com toda a razão. O processo proposto para que essa arte aconteça, e para que a Nação o veja, é que talvez já resulte mais discutível. Que «preparar professores» não seja a mesma coisa que «ter artistas» parece-nos uma verificação óbvia. Mas isso não quer dizer que a preparação dos professores destinados ao ensino artístico não tenha de assentar numa prática largamente idêntica à do artista, até numa participação do mesmo tipo, integrada, durante o curso e depois dele nas matérias curriculares da respectiva didáctica. Ter artistas também não quer dizer que eles não se preparem que não



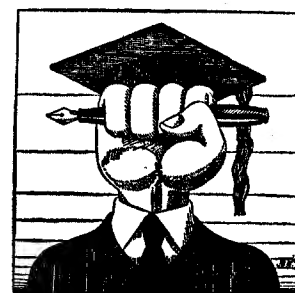
se formem, que não se esclareçam, que não se cultivem, que tenham forçosamente de ser inventados por uma pseudo-liberdade de criação, numa «oficina com frequência livre, sem sujeições curriculares, não sancionada por qualquer diploma, servida por uma docência «ad hoc» contratada periodicamente conforme escolha e requisição dos frequentadores». Os artistas assim a final ainda preparados talvez sejam justamente os que não inte-

ressa ter, os tais pintores e os tais escultores, os que se definem segundo um conceito tradicional das respectivas especialidades. Tal proposta, com efeito, parece decorrer da convicção de que os chamados artistas plásticos, banais intérpretes d'uma qualquer liberdade de pintar quadros, terão de continuar à margem de um trabalho intelectual, cientificamente programado, produzindo com as mãos e o instinto. No entanto, como acentua Francastel, «os artistas não desempenham numa sociedade o papel de isolados, à parte dos técnicos e dos pensadores», e o que eles produzem são, na verdade, objectos de civilização. Haverá assim um critério justificativo para os separar de um longo processo de aprendizagem e de investigação, partindo mesmo de técnicas disciplinares e da formação cultural que as deve informar? Será correcto, *aqui e agora*, alimentar romantismos vãos ou a lusitana tendência para a improvisação inconsequente, para o oportunismo leviano? A experiência ensina-nos que, para se «evitar as fantasias ou as tollores de amadores prandados», não basta a filtragem de uma preparação básica (qual e durante quanto tempo?) nem os condicionamentos de uma admissão tecnicamente plural às «oficinas». O problema é muito mais sério e complexo, exige uma profunda revisão do próprio conceito de artista, das suas atribuições e qualificações, pelo que não basta o critério simplista de «eliminar» a medida dos possíveis quem possa «aconsejar, dirigir e ensinar» o tradicional candidato às sedutoras liberdades das artes plásticas. Como e para quê se entretanto se afir-

poderá evitar que a arte vancha a ser considerada «como parente pobre» dos outros núcleos de actividade. Alguns técnicos desta matéria pensam mesmo que as especialidades do sector artístico, em vez de se distinguirem umas das outras pela caracterização técnica ou pela especificidade do seu efeito funcional, devem agrupar-se na mesma base que informa, estimula e consencionaliza o operador para a criatividade.

Escolas de Artes Visuais, por exemplo e talvez, Claro que se tem de considerar utópica a criação de um Estabelecimento de Ensino Artístico capaz de englobar todas as especialidades do sector e não apenas as artes visuais. Há portanto que aceitar limites, técnica e administrativamente razoáveis, para o agrupamento das artes em estabelecimentos de ensino. Isso implica a constituição de núcleos possíveis, com certeza de acordo com afinidades reconhecidas e com as inter-relações hoje aconselhadas, as quais podem evitar a deterioração por isolamento das respectivas especialidades. Segundo um critério de proximidade e de função, não nos parece ingenuidade condenável relacionar a arquitectura, o urbanismo, os diferentes tipos de design e as mais comumente chamadas artes plásticas. Poderemos admitir que para os primeiros casos há uma disciplina mental de natureza diferente, uma procura de realidade, uma finalidade objectiva, que não se encontra no apelo

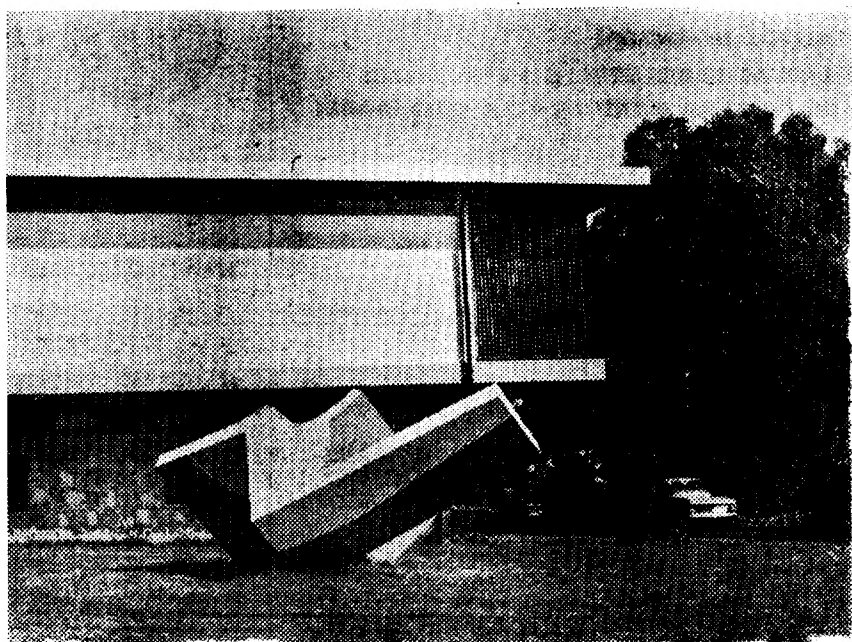
ao reconhecimento da eficácia e da correcta operacionalidade da forma. Descontando o facto de muitos artistas plásticos, hoje em dia, se comportarem de acordo com tal esquema da pesquisa (e essa é talvez uma tendência geral da época em que vivemos), poderemos também admitir que esses artistas preferem por vezes caminhos de contestação e destruição de anteriores sistemas, experimentando sobretudo uma necessidade de reformular a linguagem para isolar novos problemas. De acordo com a opinião expressa por Christopher Cornford (1) e outros autores ingleses, tais diferenças de atitude não conduzem necessariamente à separação das disciplinas, antes as tornam complementares umas das outras, permitindo aos designers (e ao arquitectos, acrescentamos nós) a descoberta de um novo vocabulário e evitando que o seu trabalho cristalice as soluções seguras de um gosto ao fim e ao cabo fechado sobre si próprio. Christopher Cornford vai ao ponto de concluir, depois de uma análise das diferenças e sobreposições das especialidades em referência, que o critério aqui mais adequado é o que procura sincronizar as diferentes disciplinas artísticas afins e entende mesmo que uma política educacional que conduza a soluções opostas se deve considerar «desastrosamente retrógrada». Esta é, no entanto, a solução proposta para o caso português, contestada por José Augusto França, apenas no que se refere à separação entre a arquitectura e a estética industrial. Contestada não, apenas discutida por levantar «uma divisão extrema de funções no seio de uma sociedade industrial, que parece inconveniente ou por demais onerosa». Esta divisão é portanto considerada inconveniente («parece inconveniente») no que se refere



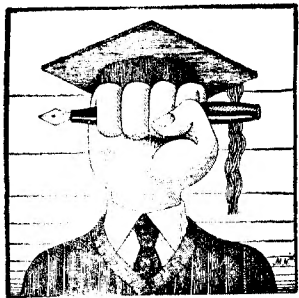
àquelas duas especialidades de índole artística, mas não quanto a outras especialidades que com elas se relacionam.

Não basta dizer, entretanto, que um futuro Estabelecimento de Ensino Superior Artístico deverá «encerrar cursos de artes aplicadas à comunicação visual e tátil — e as oficinas livres, com cursos ou

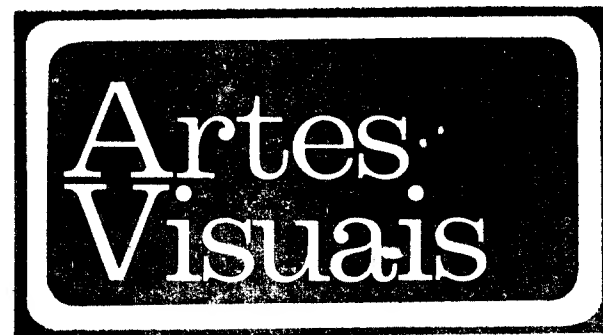
Cont. na pág. 6



Objecto de escultura animada, em que o Engenheiro Civil, confrontando-se com a escultura presente, Henriques, escultor Helder Baptista, do Instituto de Arte, em Lisboa, que não decorreu propriamente da obra, mas sim da obra do escultor e pelos arquitectos autores do edifício, um grupo de tal critério se identifica e mobilizou um esforço conjunto dos engenheiros em torno dos problemas técnicos relativos à construção da peça em pedra.



OS ASTROS E O ENSINO ARTÍSTICO



Por Rocha de Sousa

COM A PUBLICAÇÃO, pelo Ministério da Educação Nacional, dos textos do Projecto do Sistema Escolar e das Linhas Gerais da Reforma do Ensino Superior, relativos a uma ampla remodelação das estruturas do ensino em Portugal, foi aberto ao nível nacional um debate sobre tão relevante problema. As questões relativas ao ensino artístico estão igualmente anotadas naqueles textos e no organograma que os acompanha e em certa medida os explica. Tais questões têm sido, da mesma forma, objecto de apreciação por parte de alguns professores interessados e por comissões que trabalharam até há pouco tempo. Mas o contributo público mais extenso para essa apreciação dos problemas relativos ao ensino artístico, nos termos que o próprio Ministério da Educação Nacional solicitou, foi neste jornal articulado pelo dr. José Augusto França, dentro do seu folhetim quinzenal. Os críticos de arte, não sendo propriamente técnicos da pedagogia artística, como de resto a maior parte dos artistas, têm no entanto forte afinidade com as questões em referência, pelo exercício de um trabalho de análise dos mecanismos da criação artística e da sua projecção na sociedade. Mas é evidente que as suas opiniões em tal matéria correspondem a uma prática intelectual de outra ordem e de natureza muito particular.

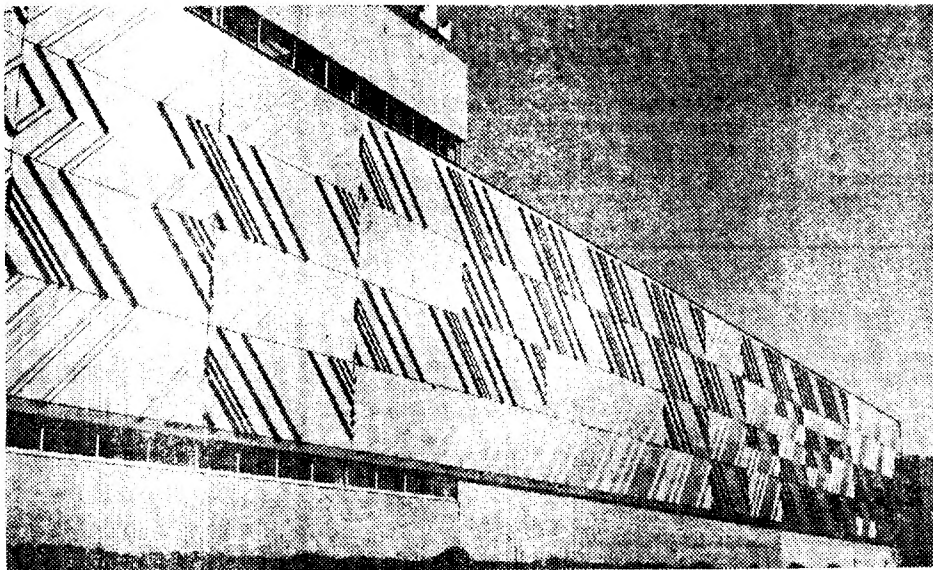
Intitulado o seu depoimento com a frase «Do Ensino das Artes Visuais no Esquema da Reforma em Discussão», José Augusto França contribuiu com alguns dados para a análise e crítica do plano geral de tal reforma nos aspectos respeitantes ao ensino artístico. Também ele se apercebeu quão difícilmente poderia, com propriedade, formular uma crítica detalhada às disposições gerais do Projecto de Reforma, por demais indefinido na caracterização sectorial do ensino artístico e quase sempre «metendo para «ulterior definição» as pontes de circulação e transferência entre os ramos de especialidade que tal ensino pressupõe. No seu trabalho, José Augusto França evoca uma proposta de solução francesa que refere outros esquemas feitos os praticados em Inglaterra, por exemplo, e empenha-se em apresentar a sua própria tese sobre uma futura reforma (desejável e necessária) do nosso ensino superior artístico, segundo uma perspectiva aliás coincidente com um esboço de projecto elaborado pela Secção Portuguesa da A.I.C.A.

Este ponto do trabalho sob referência, interessante sob muitos aspectos, mereceu certas reservas, algumas das quais tentare-

mos expor aqui, aceitando os limites impostos pela circunstância e pelo lugar. Esclareçamos que não é nossa intenção abordar o Projecto de Reforma apresentado pelo Ministério da Educação Nacional, visto que isso seria duplicar e formular imprópriamente sob a nossa responsabilidade, um trabalho extenso em que temos participado com professores da E.S.B.A.L.

NAÇÃO SEM ARTE E CRIATIVIDADE

Uma nação sem arte não é, como limitasse José Augusto França a lembrar, e com toda a razão. O processo proposto para que essa arte aconteça, e para que a Nação o seja, é que talvez já resista mais difícil. Que «preparar professores» não seja a mesma coisa que «ter artistas» parece-nos uma verificação óbvia. Mas isso não quer dizer que a preparação dos professores destinados ao ensino artístico não tenha de assentar numa prática largamente idêntica à do artista, até numa participação do mesmo tipo, integrada, durante o curso e depois dele, nas matérias curriculares da respectiva didáctica. Ter artistas também não quer dizer que eles não se preparem que não



Eduardo Nery: fachada de uma fábrica (Soc. Central Cervejas)

se tornem, que não se esclareçam, que não se cultivem, que tenham forçosamente de ser inventados por uma pseudo-liberdade de criação, numa «colleina com frequência livre, sem sujeições curriculares, não sancionada por qualquer diploma, servida por uma docência «ad hoc» contratada periodicamente conforme «escolha e requisição dos frequentadores». Os artistas assim a final ainda preparados talvez sejam justamente os que não inte-

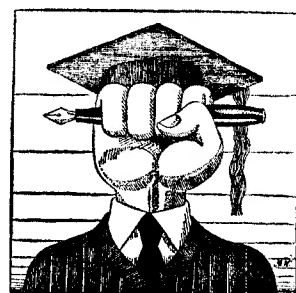
ressa ter, os tais pintores e os tais escultores, os que se definem segundo um conceito tradicional das respectivas especialidades. Tal proposta, com efeito, parece decorrer da convicção de que os chamados artistas plásticos, banais intérpretes de uma qualquer liberdade de pintar quadros, terão de continuar à margem de um trabalho intelectual, cientificamente programado, produzindo com as mãos e o instinto. No entanto, como acentua Francastel, os artistas não desempenham numa sociedade o papel de isolados, à parte dos técnicos e dos pensadores, e o que eles produzem são, na verdade, objectos de civilização. Haverá assim um critério justificativo para os separar de um longo processo de aprendizagem e de investigação, partindo mesmo de técnicas disciplinadoras e da formação cultural que as deve informar? Será correcto, aqui e agora, alimentar romântismos vãos ou a lusitana tendência para a improvisação inconsequente, para o oportunismo leviano? A experiência ensina-nos que, para se «evitar as fantasias ou as tolheas de amadores prontos», não basta a filtragem de uma preparação básica (qual e durante quanto tempo?) nem os condicionamentos de uma admissão tecnicamente plural às «oficinas». O problema é muito mais sério e complexo, exige uma profunda revisão do próprio conceito de artista, das suas atribuições e qualificações, pelo que não basta o critério simplista de contratar «na medida do possível» quem possa «aconselhar, dirigir e ensinar» o tradicional candidato às sedutoras liberdades das artes plásticas. Como é para quê, se entretanto se afir-

poderá evitar que a arte venha a ser considerada «como parente pobre» dos outros núcleos de actividade. Alguns técnicos desta matéria pensam mesmo que as especialidades do sector artístico, em vez de se distinguirem umas das outras pela caracterização técnica ou pela especificidade do seu efeito funcional, devem agrupar-se na mesma base que informa, estimula e consciencializa o operador para a criatividade.

SEPARAÇÃO E AGRUPAMENTO DAS ESPECIALIDADES ARTÍSTICAS

Escolas de Artes Visuais, por exemplo e talvez. Claro que se tem de considerar utópica a criação de um Estabelecimento de Ensino Artístico capaz de englobar todas as especialidades do sector e não apenas as artes visuais. Há portanto que aceitar limites, técnica e administrativamente razoáveis, para o agrupamento das artes em estabelecimentos de ensino. Isso implica a constituição de núcleos possíveis, com certeza de acordo com afinidades reconhecidas e com as inter-relações hoje aconselhadas, as quais podem evitar a deterioração por isolamento das respectivas especialidades. Segundo um critério de proximidade e de função, não nos parece ingenuidade condenável relacionar a arquitectura, o urbanismo, os diferentes tipos de design e as mais comumente chamadas artes plásticas. Poderemos admitir que para os primeiros casos há uma disciplina mental de natureza diferente, uma procura de realidade essenciais, a objectivação dos problemas, o apelo

ao reconhecimento da eficácia e da correcta operabilidade da forma. Descontando o facto de muitos artistas plásticos, hoje em dia, se comportarem de acordo com tal esquema de pesquisa (e essa é talvez uma tendência geral da época em que vivemos), poderemos também admitir que esses artistas preferem por vezes caminhos de contaminação e destruição de anteriores sistemas, experimentando sobretudo uma necessidade de reformular a linguagem para isolar novos problemas. De acordo com a opinião expressa por Christopher Cornford (1) e outros autores ingleses, tais diferenças de atitude não conduzem necessariamente à separação das disciplinas, antes as tornam complementares umas das outras, permitindo aos designers (e ao arquitectos, acrescentamos nós) a descoberta de um novo vocabulário e evitando que o seu trabalho cristalice nas soluções sagradas de um gosto ao fim e ao cabo fechado sobre si próprio. Christopher Cornford vai ao ponto de concluir, depois de uma análise das diferenças e sobreposições das especialidades em referência, que o critério aqui mais adequado é o que procura sincronizar as diferentes disciplinas artísticas e entende mesmo que uma política educacional que conduza a soluções opostas se deve considerar «desastrosamente retrógrada». Esta é, no entanto, a solução proposta para o caso português, contestada por José Augusto França apenas no que se refere à separação entre a arquitectura e a estética industrial. Contestada não, apenas discutida por levantar uma divisão extrema de funções no seio de uma sociedade industrial, que parece inconveniente ou por demais onerosa. Esta divisão é portanto considerada inconveniente («parece inconveniente») no que se refere



àquelas duas especialidades de índole artística, mas não quanto a outras especialidades que com elas se relacionam.

AS SOLUÇÕES NÃO SE IMPROVISAM

Não basta dizer, entretanto, que um futuro Estabelecimento de Ensino Superior Artístico deverá «encerrar cursos de artes aplicadas à comunicação visual e tátil — e as oficinas livres, com cursos ou

Cont. na pág. 6



Objecto de escultura animando um espaço vizinho do Laboratório de Engenharia Civil, confrontando-se e conjugando-se com a arquitectura presente. Autor: escultor Hélder Baptista, 1.º Assistente na E. S. B. A. L.. Este trabalho que não decorreu propriamente da acção de uma equipa constituída pelo escultor e pelos arquitectos autores do edifício, aponta um caminho, que com tal critério se identifica e mobilizou um esforço conjunto do artista e dos engenheiros em torno dos problemas técnicos relativos à construção da peça em betão.